

SÓNIA MESQUITA REIS

**FACTOS E FICÇÃO
NO ROMANCE**

***DIE WACHSFLÜGELFRAU
GESCHICHTE DER EMILY KEMPIN-SPYRI***

DE EVELINE HASLER

Dissertação de Mestrado em Estudos Alemães
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto 2007

Factos e Ficção
no romance
Die Wachsflügelfrau
Geschichte der Emily Kempin-Spyri
de Eveline Hasler



Índice

Agradecimentos	4
Nota prévia	7
1. O movimento feminista no século XIX	11
1.1 A mulher burguesa no século XIX	11
1.2 Os movimentos de emancipação feminina	14
1.2.1 A Revolução Francesa e a mulher	15
1.2.2 O movimento feminista na Alemanha	17
1.2.3 O movimento feminista burguês na Suíça	23
1.2.4 Sufrágio feminino	27
1.2.5 A mulher e o Direito Civil	30
1.3 A educação no século XIX	33
2. Dos factos à ficção	38
2.1 Figuras Históricas	39
2.1.1 Emilie Kempin-Spyri – uma biografia	39
2.1.2 Walter Kempin	49
2.1.3 Caroline Farner	54
2.1.4 Helene Lange	58
2.1.5 Meta von Salis-Marschlins	61
2.2 A construção da ficção no romance <i>Die Wachsfüßlerin</i>	64
2.2.1 O Título	68
2.2.2 A estrutura da obra	75
2.2.3 A ficcionalização	94
Considerações finais	105
Bibliografia	108
Apêndices	120

Agradecimentos

Cumpre-me exprimir a minha gratidão a todos que directa ou indirectamente me ajudaram na conclusão deste trabalho.

O meu mais profundo agradecimento cabe à Professora Doutora Maria Teresa Martins de Oliveira por se ter disponibilizado a orientar a minha dissertação e por todo o apoio que me deu ao longo deste trabalho, mostrando-se sempre disponível para o discutir, dando-me sugestões e críticas sempre construtivas.

Queria também agradecer à Professora Doutora Maria Teresa Martins de Oliveira por toda a paciência que teve para ler e se dedicar ao meu texto, por me ter encorajado nos momentos mais complicados e por todo o carinho com que sempre me recebeu aquando da análise do meu trabalho.

O meu reconhecimento vai também para todos os professores que me acompanharam ao longo deste Mestrado em Estudos Alemães, pela forma como enriqueceram os meus conhecimentos relativamente à língua, literatura e cultura alemãs. Foi no ano curricular do curso de Mestrado em Estudos Alemães, nos seminários de Literatura Alemã (Literatura alemã medieval, moderna e contemporânea), que de facto aprendi a analisar e interpretar a obra literária, além de aprofundar, ainda mais, o gosto pela literatura alemã.

Gostaria ainda de exprimir a minha gratidão à Cruz Vermelha Suíça por me ter enviado um artigo sobre Walter Kempin e também à Senhora Barbara Dürr da *Neue Züricher Zeitung* pelo envio de um artigo escrito por Walter Kempin Júnior.

Queria expressar o meu profundo reconhecimento à minha amiga Liliana Pereira por todo o apoio que me deu, como colega e como amiga, e por toda a paciência que teve em rever o meu texto, fazendo críticas construtivas e dando-me sempre excelentes sugestões.

À Carla e à Íris agradeço a sua amizade, sempre patente no decorrer do meu trabalho, todos os conselhos que me deram e todo o apoio ao longo da elaboração da tese.

Agradeço também ao José Eduardo a paciência e compreensão que demonstrou ter e o incentivo que me deu para concluir a presente dissertação.

Por fim, não posso deixar mostrar a minha gratidão aos meus pais que me apoiaram de forma a poder frequentar o curso de Mestrado em Estudos Alemães. Sem a ajuda deles não me seria possível deslocar-me semanalmente de Carrazeda de Ansiães ao Porto para assistir aos seminários na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Queria também agradecer-lhes o facto de terem procurado na Alemanha algumas obras de que necessitava e que foram de difícil aquisição. Relativamente ao material tenho de agradecer aos meus pais o facto de se terem deslocado, já que tal para mim era impossível, ao arquivo de Dortmund, Alemanha, onde conseguiram reunir artigos de jornais publicados na Alemanha e na Suíça acerca das obras de Eveline Hasler.

É de lamentar o facto do empréstimo interbibliotecário não ter funcionado devidamente. Assim, os livros que encomendei através da Faculdade de Letras da Universidade do Porto para a biblioteca da Universidade de Zurique nunca chegaram. Infelizmente, não tive a oportunidade, por motivos financeiros, de realizar a minha pretensão em ir fazer uma pesquisa às bibliotecas na Suíça.

Com o actual sistema de ensino em Portugal, vejo-me obrigada a leccionar em várias escolas, em diferentes localidades e concelhos, percorrendo à volta de 500 km por semana, para poder sustentar-me. Além de todo o cansaço que de aí resulta, e que muitas vezes me impediam de me dedicar mais aprofundadamente a minha tese, não tinha condições para me deslocar fora do país para fazer pesquisas.

Carrazeda de Ansiães, Maio de 2007

Nota Prévia

O meu interesse pela literatura alemã remota ao tempo de aluna de liceu, interesse que foi aumentado ao longo da licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Variante de Estudos Ingleses e Alemães).

O meu interesse fortificou-se inequivocamente ao longo da experiência como aluna Erasmus que tive a felicidade de poder concretizar na *University College Dublin* na República da Irlanda. Foi sobretudo a participação no seminário semestral “Das deutsche bürgerliche Trauerspiel” dirigido pela Doutora Siobhán Donovan, e no qual tive a oportunidade de fazer um trabalho sobre a protagonista da obra *Emilia Galotti* de Gotthold Ephraim Lessing, que despertou a minha atenção para mais tarde vir a inscrever-me no Mestrado em Estudos Alemães .

Por outro lado, o seminário “Imagens feministas na literatura de expressão alemã do Romantismo à actualidade”, dirigido pela Professora Doutora Maria Teresa Martins de Oliveira, sensibilizou-me ainda mais para as figuras femininas da literatura de língua alemã.

Tenho ainda a agradecer à Professora Doutora Maria Teresa Martins de Oliveira a sugestão de leitura da obra *Die Wachsflügelrau* de Eveline Hasler, pois foi a partir dela que tomei a decisão de versar a minha tese sobre o romance de Eveline Hasler.

Já durante a parte curricular do Mestrado em Estudos Alemães fiquei entusiasmada com a obra *Aline und die Erfindung der Liebe*, tanto pelo seu conteúdo como pela forma como a autora Eveline Halser retrata o percurso biográfico de uma figura histórica na ficção.

Por sugestão da minha orientadora, optei por escolher o tema “Factos e Ficção”, procurando analisar e retratar a forma como a realidade e as figuras históricas são tratadas no texto ficcional. Além deste tema debruçei-me sobre a situação da mulher burguesa no século XIX, dando ênfase à sua situação na Suíça.

No meu estudo comecei por apresentar com algum pormenor a situação das mulheres burguesas suíças no século XIX no que diz respeito aos direitos e à educação, abordando também o movimento feminista e o sufrágio feminino, questões que penso ser muito pouco conhecidas em Portugal e que se revelaram da maior importância para melhor compreender a figura ficcional e histórica de Emily Kempin Spyri.

Parti para a análise narratológica, começando por apresentar algumas de entre as figuras históricas que surgem no romance *Die Wachsflügelfrau*, seleccionei para tratar com mais pormenor cinco figuras: além da protagonista e o marido, Emilie Kempin-Spyri e Walter Kempin, escolhi Caroline Farner, Helene Lange e Meta von Salis-Marschlins, uma vez que todas tem em comum o facto de serem vítimas do tempo em que nasceram. Em seguida concentrei-me nas técnicas utilizadas para a construção da ficção, a partir dos factos históricos.

O facto de não haver quaisquer estudos sobre esta obra em particular tornou-se uma dificuldade acrescida, já que não tinha material em que me pudesse apoiar, mas ao mesmo tempo também considerei este facto um desafio. Deparei-me também com alguma dificuldade no que diz respeito a material sobre Eveline Hasler e às suas obras, pois nas bibliotecas portuguesas quase nada encontrei no qual me poderia apoiar, para além do livro publicado por Teresa Martins de Oliveira com as actas do workshop na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 2002, e que congrega artigos vários sobre a obra de Eveline Hasler, incluindo, um

artigo escrito pela própria autora no qual aborda, precisamente, o tema “factos e ficção no romance histórico”, revelando os seus métodos de pesquisa e de construção da ficção. Além disso recorri a dissertação de Martina Dória, intitulada “Utopia e emigração no romance Ibicaba. Das Paradies in den Köpfen” e um texto de Patrick Heller: “Ich bin der, der das schreibt”, bem como a artigos publicados em jornais e na Internet.

Nos artigos que consegui reunir tive acesso a entrevistas dadas por Eveline Hasler, que me deram uma ideia mais concreta sobre a autora e o seu trabalho. Também o artigo de Klara Obermüller: “Unsre Sehnsucht nennt man Wahn und Traum” de 29. de Maio de 1994 deu-me a conhecer os métodos com que a autora procede à investigação e ao estudo dos espaços, das personagens e dos temas em geral. Assim fiquei a saber que a autora faz durante um ano e meio pesquisas e investigações acerca das suas figuras históricas, deslocando-se a vários arquivos e bibliotecas no mundo. Hasler não inicia um romance sem primeiro visitar o local que irá descrever e se familiarizar com o mesmo. Após este trabalho de investigação inicia então o seu romance, que por norma tem também uma demora de um ano e meio.

Eveline Hasler é conhecida na imprensa por ser aquela que dá voz a figuras históricas esquecidas pela sociedade, como, a título de exemplo, Emily Kempin Spyri, Julie Bondeli, Aline Valangin e Anna Göldin.

Em relação à obra *Die Wachsfügelfrau* os primeiros artigos, aos quais tive acesso, datam de 1991. A maioria deles compara o destino da primeira jurista de língua alemã com o mito de Ícaro. Parece-me que os seguintes artigos merecem ser destacados: “Viele Väter sind der Tochter Tod: Das Ende einer Existenzlosen” de Heiko Strech (Rheinische Post, Nr. 273, 23 de Novembro de 1991), “Schwester des Ikarus” de Jean Villain (Neue deutsche Literatur, Heft 477, de Setembro de 1992), “Gebrochener

Flügel” de P.M (Der Schweizer Buchhandel, Nr. 11, de 18 de Junho de 1997), “Depesche des Unheils” de Esther Knorr-Anders (Die Welt, Nr. 297, de 21 de Dezembro de 1991), “Der Sonne zu Nahe” de A.S. (Emma, de Dezembro de 1991), “Juristin entmündigt” de Christiane Berneike (Die Tageszeitung Nr. 3585, de 14 de Dezembro de 1991) e “Geschichte der ersten Juristin der Schweiz, Emily Kempin-Spyri. Vom Versuch, allen alles zu sein” (Die Weltwoche, Nr. 34, de 22 de Agosto de 1991).

Para a contextualização histórico-social baseei-me em duas obras: *Gleichberechtigung* de Susanna Woodtli e a dissertação de Marianne Delfosse: *Emily Kempin-Spyri (1853-1901). Das Wirken der ersten Schweizer Juristin*. Para a análise da construção da ficção basei-me sobretudo nas obras de Regina Wegner, Ralf Sudau e Ansgar Nünning.

1. O movimento feminista no século XIX

“Die Hauptaufgabe der Frau liegt (...) in der stillen Arbeit im Haus und in der Familie. Sie sollen die junge Generation erziehen, vor allem Dingen zum Gehorsam und zum Respekt vor dem Alter.” (Wilhelm II)

1.1 A mulher burguesa no século XIX

É sabido que no século XIX a mulher burguesa se via marginalizada numa sociedade gerida por homens, os quais, na sequência da revolução industrial, se foram tornando profissionalmente cada vez mais ambiciosos. O desejo de fazer carreira passa a ser uma prioridade do homem burguês, isto porque começa a ter ao seu alcance postos que lhe conferem um certo estatuto em termos económicos, industriais e políticos. A nível privado, o homem, na sua qualidade de sustento da família, detinha um grande controlo sobre a mulher, a qual se via obrigada a submeter-se às suas disposições.

Enquanto os homens se iam desenvolvendo a nível intelectual e profissional o papel da mulher limitava-se ao de dona de casa, esposa e mãe. Ao nível da educação formal, a mulher não ia além dos estudos básicos. Uma vez que não havia um plano de estudos definido para a educação das raparigas burguesas, esta era muito heterogénea e dependia do estatuto económico e dos interesses culturais das famílias e também das próprias. Algumas auferiam de uma boa instrução, na qual se privilegiavam

os estudos artísticos e literários, enquanto outras não ultrapassavam as prendas domésticas.

No século XIX as famílias burguesas, as mais endinheiradas, tinham por hábito contratar um(a) preceptor(a) para instruir as crianças em casa. Embora as meninas tivessem aulas com os irmãos, o grau de exigência para com elas era menor do que para com aqueles. Para além disso, os rapazes eram desde cedo ensinados a controlar as irmãs e estas a obedecer a tudo que lhes impunham. Esta mesma ideia presidia à relação da mulher adulta com o mundo circundante: a mulher aceitava o domínio masculino com naturalidade (cf. Oliveira, 2000:58-60).

Para além destas limitações a nível da instrução, a mulher burguesa via-se também excluída de uma actividade profissional, uma vez que esta era considerada imprópria do seu estatuto social. Como tal, ao contrário do homem, a mulher não tinha condições para evoluir, o que fazia com que muitas delas se sentissem inferiorizadas. O facto de a mulher burguesa não poder desenvolver uma actividade profissional também a fragilizava no seu lugar no seio da família uma vez que a colocava na dependência económica do marido.

Para além disso, e no dia-a-dia, sentia-se sozinha e aborrecida por não ter uma ocupação, situação que se agravava visto estar também em grande parte aliviada dos trabalhos domésticos. Estes cabiam em larga medida aos criados e a tarefa da dona da casa limitava-se à orientação dos mesmos, para que a casa estivesse na perfeição (cf. Woodtli, 1983:54).

Além da gestão do trabalho da criadagem, sob a alçada das mulheres estava também a criação dos filhos pequenos, tarefa que consistia em dar-lhes uma boa educação, ensinar-lhes boas maneiras e cuidar da sua aparência. A este trabalho da mulher em casa não era atribuído grande valor; no entanto, se a mulher não cumprisse com o seu papel de dona de

casa, o marido tinha por lei o direito de pedir o divórcio (cf. Gerhard, 1983:130).

Quanto às mulheres que tinham a desdita de ficar solteiras a sua situação social, e financeira era ainda mais difícil, uma vez que lhes era vedado o exercício de uma profissão. Assim, uma rapariga burguesa solteira via-se limitada a trabalhar em casa de irmãos ou familiares, onde tomava geralmente conta das crianças, e ajudava na orientação das tarefas caseiras. Algumas raparigas trabalhavam em serviços de saúde ou profissões ligadas à educação, ou então dedicavam-se a trabalhos manuais, como costura, bordados e rendas, auferindo com todo este tipo de ocupações um pagamento muito escasso. Algumas raparigas, mais talentosas, mas muito poucas, dedicavam-se à literatura e acabavam até algumas por tornar-se escritoras, não lhes sendo, todavia, conferida grande importância (cf. Brinker-Gabler, 1983:55).

1.2 Os movimentos de emancipação feminina

"Solange der Mann die Gleichberechtigung der Frau im Staate nicht anerkennt, ihre Mündigkeit nicht eine Tatsache ist, bleibt sie allen Zufällen des Schicksals preisgegeben. Entweder gleiche Gesetze, gleiche Rechte, gleiche Pflichten und Strafen, unparteiische Richter, oder der moralische und physische Niedergang der Menschheit nimmt unerbittlich seinen Fortgang!" (Meta von Salis-Marschlins)

Apesar da total igualdade dos direitos políticos para ambos os sexos apenas ter entrado em vigor em 1990¹, a Suíça foi um país pioneiro na reivindicação dos direitos de igualdade para as mulheres. De facto, as primeiras vozes feministas fazem-se ouvir na década de sessenta do século XIX, e já em 1870 podemos falar de um movimento organizado. Todavia, as mulheres burguesas tinham muita dificuldade em entrar no mundo da política e até mesmo em manifestar-se publicamente.

De seguida pretendo dar a conhecer o movimento feminista burguês na Suíça, destacando algumas mulheres que tiveram a coragem de enfrentar a sociedade masculina. Começarei por fazer um breve comentário à situação na França, nomeadamente às consequências da Revolução Francesa e também à situação na Alemanha, pela influência que os

¹ Susanna Woodtli, justifica esta demora da seguinte forma: "Wäre die Schweiz keine Referendumsdemokratie, so hätte sie die politischen Rechte der Frau 13 Jahre früher einführen können, nämlich am 13. Juni 1958, als die Räte mehrheitlich der «Botschaft des Bundesrates über die Einführung des Frauenstimmrecht- und Wahlrechts in eidgenössischen Angelegenheiten» zustimmte" (Woodtli, 1983:10).

acontecimentos nestes dois países vieram a ter na situação dos movimentos feministas na Suíça.

1.2.1 A Revolução Francesa e a mulher

O século XIX é por muitos designado o século das revoluções, das reformas e da industrialização. Como uma das principais causas das primeiras, não podemos deixar de referir a Revolução Francesa no século XVIII. A convulsão desencadeada em 1789, que sabidamente, pôs em causa o sistema político e social então vigente na França e depois também no resto do ocidente, teve ainda consequências no plano privado: encorajou as mulheres a denunciar a sujeição em que eram mantidas e que se manifestava em todas as esferas da sua existência: sujeição jurídica, política, económica e educacional.

A primeira francesa que teve a coragem de se exprimir publicamente a favor da questão da mulher e também de se pronunciar acerca de injustiças sociais e humanas foi Olympe de Gouges (1748-1793). Em 1791 apresenta em Paris a *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne*², na qual chama a atenção para a injustiça que constitui a exclusão das mulheres, pois elas são também seres humanos. No mesmo sentido cria o *Cercle Social*, uma associação destinada a lutar pela igualdade política e jurídica das mulheres. Olympe de Gouges é decapitada em 1793 por rebeldia política³.

² Nesta declaração que não varia muito da versão da “declaração dos direitos dos homens e dos cidadãos”, Olympe de Gouges substitui a palavra “homem” por “mulher” e “cidadão” por “cidadã”, apresentado ainda algumas reivindicações femininas (cf. Cova, 1998:9).

³ Olympe de Gouges é presa em 1793 por causa da sua peça “Drei Urnen oder das Wohl des Vaterlandes”, na qual se pronuncia acerca de assuntos políticos, dizendo que o cidadão deveria ter o direito de eleger que tipo de governo gostaria de ter: Governo Republicano, Monarquia ou Governo Federal.

No mesmo ano, um grupo de mulheres burguesas francesas dirige uma petição à Assembleia Nacional, na qual pede a igualdade política, não tendo, contudo, sucesso na sua demanda (cf. Bornemann, 1982:12). Diga-se, num parêntesis, que já em 1885, Madame Barbarouse exige o direito ao sufrágio feminino, argumentando que, segundo a constituição, todo o francês obteve o direito a voto. Porém o pedido não é deferido, com a justificação de que “todo o francês” se refere apenas ao sexo masculino e não às francesas.

Curiosamente, acontece algo semelhante dois anos mais tarde na Suíça a Emilie Kempin-Spyri. Esta justifica o seu pedido para exercer advocacia baseando-se no código civil suíço, segundo o qual “Jeder Schweizer ist vor dem Gesetz gleich”, todavia é-lhe indeferido o pedido com a justificação de que “Schweizer” se refere aos homens e não às mulheres (cf. Woodtli: 1983:94).

Na França do século XVIII, no tempo e na época da liberdade, apesar da esmagadora maioria dos homens ser contra a igualdade dos direitos para as mulheres, havia uma pequena minoria, que tinha a coragem de se manifestar a favor da mulher. A título exemplificativo, cita-se a frase famosa do Marquês de Condorcet⁴ (1743-1794): “Wenn Frauen das Recht haben das Schafott zu besteigen, so sollen sie auch das Recht haben die Rednertribüne zu betreten” (*apud* Woodtli, 1983:14).

Para Condorcet todos os seres humanos deveriam ter os mesmos direitos, independentemente da raça ou do sexo, o que inclui o direito à educação para as mulheres da mesma forma que para os homens. Após publicação da declaração dos direitos dos homens e do cidadão, Condorcet

⁴ Marie-Jean-Antoine-Nicolas Caritat, Marquis de Condorcet, era um filósofo, matemático e político francês que se destacou pelo seu interesse e luta pelos direitos humanos e pela igualdade de direitos das mulheres.

alerta para o facto de que a referida declaração também deve visar as mulheres. Em Julho de 1790 publica um trabalho intitulado “Sur l’admission des femmes au droit de cite” no qual foca a introdução do direito ao voto para as mulheres⁵.

Estas ideias liberalizadoras, consequência da Revolução Francesa, foram certamente, como já referi, um modelo a seguir para os suíços, os quais, de acordo com Brigitte Schnegg e Christian Simon constataavam existir na sociedade francesa “einen zwanglosen und geselligen Umgang zwischen den Geschlechtern und eine ungewohnte Präsenz der Frauen in der Öffentlichkeit” (*apud* Moore, 2000:5).

1.2.2 O movimento feminista na Alemanha

“Wir Frauen fordern einfach nur unser Recht, unser Menschenrecht, wir wollen keine Puppen, sondern Menschen sein, Menschen, die ihre bestimmten Rechte und Pflichten haben, wie alle denkenden Wesen” (Louise Otto-Peters, 1849)⁶.

Na Alemanha, as mulheres burguesas viviam, tal como as suas congéneres suíças, à mercê das disposições dos maridos. O *Preußischer Allgemeine Landrecht* de 1794 define claramente a posição da mulher e do homem, sendo que a primeira tem a obrigação de cuidar da casa e dos filhos enquanto o marido tem o dever de a sustentar bem como aos filhos.

No § 184 lê-se: “Der Mann ist das Haupt der ehelichen Gesellschaft; und sein Entschluss gibt in gemeinschaftlichen Angelegenheiten den Ausschlag” (*apud* Gerhard, 1983:127). A nível económico, mesmo a mulher

⁵ Sobre o Marquês de Condorcet e a luta da igualdade entre os dois sexos, no século XVIII e XIX, vd. Cova, 1998:8.

⁶ *apud* Gerhard, Ute, 1983:131

com bens pessoais, se via numa dependência total do marido, uma vez que não podia gerir a sua fortuna e também não podia exercer uma actividade profissional. Ao longo do século XIX a mulher burguesa vai sentir-se mais e mais revoltada ao tomar consciência dos inconvenientes que lhe trazem quer a dependência económica quer a instrução, geralmente não mais do que rudimentar, que recebia (cf. Oliveira, 2000:57).

Pode-se falar de um movimento feminista organizado a partir de 1865, data em que Louise Otto-Peters (1819-1895) e Auguste Schmidt (1833-1902) formam o *Allgemeiner Deutscher Frauenverein*⁷, o qual luta pelos direitos cívicos da mulher, assim como pelo direito à formação e ao emprego⁸. Estas mulheres exigem mais informação sobre planos legislativos e criticam sobretudo o direito à decisão que os homens têm em todos os assuntos conjugais, isto porque eram em exclusivo os maridos que administravam e usufruíam dos bens da mulher. O *Bürgerlicher Gesetzbuch* (BGB) de 1888 melhora a situação desta no que diz respeito ao direito de família, mas, no entanto, o quadro geral mantém-se infelizmente sem grandes alterações até ao século XX (cf. Gerhard, 1983:132).

No movimento feminista da burguesia distinguem-se duas posturas antagónicas relativamente ao papel da mulher: uma mais radical, representada por Hedwig Dohm (1833-1919) e outra mais moderada, cuja mentora foi Helene Lange (1848-1930). A primeira tentou não se distanciar das tendências científicas da época, das quais seguia os métodos, contrariando-lhes embora, as opiniões. Hedwig Dohm exigiu, baseando-se em estudos sobre a fisiologia da mente feminina, a igualdade profissional e política entre os sexos. Já Helene Lange não pretendia alterar o papel da

⁷ A partir de agora o *Allgemeiner Deutscher Frauenverein* será apenas referido no texto pela abreviatura ADF.

⁸ Sobre a criação do *Allgemeiner Deutscher Frauenverein*, vd. Oliveira, 2000:102.

mulher como esposa e mãe, apenas requeria o direito a exercer uma profissão para as mulheres solteiras e para as casadas sem filhos (Oliveira, 2000:102).

Algumas mulheres da burguesia que gradualmente tomavam consciência da sua situação e se sentiam diminuídas como pessoas por serem forçadas a ficar em casa e não terem o direito de exercer uma profissão, começam a dar voz a essa indignação.

Na sua obra *Das Recht der Frauen auf Erwerb*, publicada em 1866, Louise Otto-Peters é de opinião de que as mulheres são independentes e livres do jugo matrimonial apenas quando adquirirem o direito ao trabalho. Um dos assuntos do programa da conferência de mulheres em 1865 foi a defesa das trabalhadoras. Embora Louise Otto-Peters e o ADF mostrassem numa fase inicial preocupação com a situação da mulher proletária e manifestassem interesse em lutar por uma formação melhor para ela, foram os interesses das mulheres burguesas que sempre consideraram prioritários.

Os direitos das mulheres trabalhadoras eram defendidos pelo movimento feminista do proletariado: um exemplo é Clara Zetkin (1857-1933), que lutou pela igualdade das mulheres empenhando-se em especial pela classe do proletariado. De acordo com Clara Zetkin a mulher tem de ser economicamente independente para que possa haver uma emancipação (cf. Brinker-Gabler, 1983:64-67).

O movimento feminista do proletariado lutava por direitos iguais a nível profissional e social, exigindo melhores condições de trabalho, melhor pagamento e apoio às mães trabalhadoras. Clara Zetkin criticava a falta de apoio do movimento feminista burguês:

Die bürgerliche Frauenbewegung erhebt die grundsätzliche Forderung voller rechtlicher und sozialer Gleichwertung und Gleichstellung der Frau mit dem Mann. Ihre Führerinnen behaupten, dass die Verwirklichung dieser Forderungen für alle Frauen unterschiedslos die gleiche befreiende Bedeutung habe. Das ist falsch. Die Frauenrechtlerinnen sehen nicht oder wollen nicht sehen die für volle soziale, menschliche Freiheit oder Sklaverei entscheidende Tatsache, dass die bürgerliche Gesellschaft (...) durch den unüberbrückbaren Gegensatz von Bourgeoisie und Proletariat gespalten ist (...) Die bürgerliche Frauenbewegung ist folglich nicht Vorkämpferin, Interessenvertreterin aller befreiungssehnstigen Frauen. Sie ist und bleibt bürgerliche Klassenbewegung (Zetkin, 1979:146)

No que diz respeito à educação, as mulheres de classes sociais mais baixas apenas tiveram acesso à educação numa fase posterior. É a própria Helene Lange que comenta a esse propósito:

Bei unserer industriellen Arbeitsstellung ist eben die ungelernte Arbeiterin ein totes Geleise, von dem keine Verbindung zu höher qualifizierten Berufsleistung führt, es ist ein furchtbares Schicksal, wenn jemand sein ganzes Leben auf diesem Geleise stehen muss, ein Schicksal, das aber in den meisten Fällen unabwendbar für den ist, der ihm einmal verfallen ist⁹.

Esta citação mostra de forma clara que as mulheres da classe trabalhadora eram postas de lado, a sua situação era vista como o seu destino inevitável. É Clara Zetkin, que de novo faz ouvir a sua voz crítica afirmando que o direito à educação não passava de uma “Damenfrage”, visto só serem defendidos os interesses de certas mulheres (cf. Frederiksen, 1981:28).

Na década de noventa dá-se uma ruptura entre os dois movimentos uma vez que o *Bund Deutscher Frauenvereine* não permite a entrada de associações das classes trabalhadoras.

⁹ Helene Lange - Die Frauenbewegung in ihren modernen Problemen, Leipzig, 1908 (*apud* Bornemann, 1982:30)

De todos os temas abordados pelas associações de mulheres burguesas, a educação era sem dúvida um assunto de destaque. Como já referi as raparigas no século XIX não usufruíam da mesma educação que os rapazes. Na Alemanha, muitas das filhas da burguesia culta frequentavam durante dez anos uma *Höhere Töchterschule* e depois, durante dois ou três anos, um pensionato. Estes estabelecimentos de ensino davam ênfase ao ensino do alemão e às disciplinas de carácter ético e estético, porém, não ensinavam línguas clássicas nem disciplinas relacionadas com as ciências naturais, matérias indispensáveis no ensino masculino. Após concluírem o ensino na *Höhere Töchterschule*, as mulheres burguesas apenas tinham a possibilidade de exercer a profissão de professora (cf. Oliveira, 2000:60).

Na década de oitenta as associações de mulheres burguesas fazem três propostas para a reforma do ensino feminino. A proposta mais radical, do *Frauenverein Reform*, pedia a coeducação, com direitos iguais no que se refere ao acesso ao ensino superior. O ADF propõe um ramo liceal nas *Höhere Töchterschulen* de forma a que as raparigas tivessem a oportunidade de entrar para a faculdade de medicina. A terceira proposta, e a mais moderada, é sugerida por Helene Lange e consiste numa alteração das matérias curriculares nas *Höhere Töchterschulen*, a que se seguiriam três anos de estudos especializados. O governo optou por aceitar esta proposta, visto esta se adaptar melhor aos conceitos políticos da Alemanha oitocentista (cf. Frederiksen, 1981:26).

O *Bund Deutscher Frauenvereine* (BDF) formado em 1894, luta pelo direito à instrução e à admissão ao ensino superior, direito esse que lhes é concedido no início do século XX. Helene Lange é conhecida pelo seu empenho a favor de uma melhor instrução para as raparigas: fundou vários institutos de formação para mulheres e tentou, através de petições, adaptar

o ensino das mulheres ao dos homens. Em 1887 publicou um trabalho intitulado “Die Höhere Mädchenschule und ihr Bestimmung” conhecida por “Gelbe Broschüre” na qual, entre outras exigências, pede uma influência maior das professoras nas *Höhere Töchterschulen*, uma vez que acredita que as mulheres sabem lidar melhor com as raparigas. Em 1890 cria o *Allgemeiner Deutscher Lehrerinnenverein* e em 1893 a revista *Die Frau* que se irá tornar uma das mais importantes revistas do movimento feminista.

Helene Lange¹⁰ chama a atenção da sociedade para a importância da educação das mulheres. De uma forma inteligente, explicava que, para o povo alemão se tornar mais poderoso, teria de haver uma reforma no ensino das raparigas criando-se uma escola que aproximasse a sua formação da dos rapazes, dado que a educação que as raparigas recebiam não desenvolvia a sua capacidade crítica (cf. Brinker-Gabler, 1983:58).

O objectivo seria o de fazer da mulher uma melhor companheira para o seu marido, ou seja, para que a companhia da esposa não se tornasse um aborrecimento, deveriam ambos estar ao mesmo nível intelectual. Outro facto importante era que as mulheres ao terem uma melhor formação, poderiam ajudar de uma forma mais adequada os seus filhos nas tarefas escolares (cf. Frederiksen, 1981:26).

O ADF lutou desde 1889 assim como o Frauenverein Reform para o acesso das mulheres ao ensino superior; no entanto, apesar das reformas terem melhorado a situação das mulheres no ensino¹¹ elas continuam sem ter acesso ao ensino superior até ao século XX (*apud* Oliveira, 2000:60).

¹⁰ A luta de Helene Lange levou a que em 1901 fossem admitidas as primeiras estudantes na Universidade de Heidelberg e Freiburg. A partir de 1908 as mulheres puderam estudar em todas as universidades (Brinker-Gabler, 1983:54).

¹¹ Dietrich Schwanitz refere que em 1896 concluíram, pela primeira vez, seis raparigas o *Abitur* (Schwanitz, 1999:389), mas só a partir de 1908 tiveram acesso ao ensino superior. A título de exemplo, Anita Augspurg (1857-1943), teve de ir em 1893 para a Suíça para se formar em jurista.

1.2.3 O movimento feminista burguês na Suíça

“Wäre ich nicht so vornehm gewesen, so hätte ich etwas lernen dürfen und meinen Weg machen in der Welt; so aber standen konventionelle Schranken wie Kerkermauern um mich” (Helene von Mülinen, 1891).

Como decorre da exposição do capítulo anterior sobre a situação da situação feminina na Alemanha, o movimento feminista burguês não pode ser confundido com o movimento das mulheres do proletariado, embora ambos tivessem em comum a luta pela melhoria da situação da mulher. Tal como na Alemanha também na Suíça há que ter em conta que o último lutava por melhores condições de trabalho e mais justiça entre homens e mulheres, ou seja, direitos iguais no campo de trabalho e também por mais justiça social, enquanto que o primeiro se mantinha dentro das barreiras da sua classe social (cf. Bornemann, 1982:28).

A este propósito há que mencionar, que ainda ao longo do século XX e até aos anos sessenta, os cinco grandes movimentos feministas se podem dividir numa vertente igualitária e numa dualista. A primeira, a que representa a forma do movimento feminista mais radical, exige a igualdade da mulher em todos os domínios, enquanto a segunda, que representa o movimento mais moderado, luta por uma melhor situação da mulher, sem pôr em causa o seu papel tradicional.

Como já referi, a Suíça foi um dos países pioneiros na discussão sobre a igualdade de direitos das mulheres. No entanto, até 1981, data em que foi

introduzida na lei a plena igualdade de direitos para ambos os sexos, era permitido tratar os homens e as mulheres de forma desigual¹².

Na verdade, muitas mulheres, até meados do século XIX, apesar de terem a consciência de não terem os mesmos direitos que os homens, não se sentiam discriminadas em relação a estes e encaravam a sua situação com naturalidade. Os homens, por sua vez, acreditavam que as mulheres estavam condenadas pela natureza à sua função biológica, e justificavam assim a forma como os papéis sociais se encontravam divididos.

Os primeiros sinais de revolta no século XIX vivem-se na década de sessenta, quando pequenos grupos de mulheres manifestaram o seu interesse pela igualdade dos direitos políticos, matrimoniais e patrimoniais, aquando os estudos preparatórios para uma revisão da *Bundesverfassung der Schweizerischen Eidgenossenschaft*¹³.

Marie Goegg-Pouchoulin (1826-1899) é a primeira mulher a falar em público relativamente à questão das suas homólogas, num discurso proferido em 1868 em Berna, e considerado pela imprensa “eine Sensation” (*apud* Woodtli, 1983:30). Nesse mesmo ano, e num artigo publicado na revista *Les Etats-Unis d'Europe*, Marie Goegg-Pouchoulin apelava à fundação de uma associação de mulheres. Susanna Woodtli acredita que foi este artigo que despertou verdadeiramente o movimento feminista na Suíça (cf. Woodtli, 1983:28).

A ideia de Marie Goegg era criar uma liga internacional de mulheres, que incluísse um espaço onde estas pudessem ler, conversar e trocar experiências. Em Junho de 1868 forma-se a *Association Internationale des*

¹² Sobre a política de igualdade de direitos vd. Eidgenössische Kommission für Frauenfragen (2001), “Gleiche Rechte für Frau und Mann: Institutionelle Gleichstellungspolitik”.

¹³ De futuro passa a ser designada pela sigla BV.

Femmes, cujo objectivo, como podemos ler no primeiro artigo do seu regulamento, é o seguinte:

Die internationale Frauenassoziation hat zum Ziel, am moralischen und geistigen Fortschritt der Frau mitzuarbeiten, ebenso an der schrittweisen Verbesserung ihrer Stellung in der Gesellschaft durch Erlangen der menschlichen, zivilen, wirtschaftlichen, sozialen und politischen Rechte. Sie fordert die Gleichberechtigung auf dem Gebiet der Entlohnung, des Unterrichts, des Familienrechts und vor dem Gesetz (Woodtli, 1983:31).

Marie Goegg explica que a associação não pretende criar uma desavença entre homens e mulheres, mas apenas requerer mais igualdade para estas. A associação deseja sobretudo uma educação igual para ambos os sexos, para que a mulher esteja, a nível de conhecimentos, tão apta para educar os seus filhos como o marido. Outra exigência é o direito ao trabalho, pois a associação considera que a mulher apenas consegue a sua independência através de uma actividade profissional. Por último, as mulheres pedem o sufrágio feminino, justificando que não pode haver progresso sem esse direito. Embora Marie Goegg tenha granjeado vastos aplausos, incluindo de homens, foi também alvo de forte oposição.

Com a guerra de 1870 entre a Alemanha e a França, a liga das mulheres depara-se com uma crise financeira, e é dissolvida. Em 1872 Marie Goegg funda uma nova associação, a *Association pour la defense des droits de la femme*, que se tornou conhecida sob o nome *Solidarité*, e que congrega sócios de vários países. Será esta associação a juntar as assinaturas que fundamentam a petição para que as mulheres possam estudar na Academia de Genebra. Tal petição é aceite, e no semestre de 1872/73 abrem-se as portas às primeiras estudantes do sexo feminino. Porém, só dezoito anos mais tarde se matricula a primeira mulher suíça na

Academia de Genebra. Até lá este estabelecimento de ensino é frequentado exclusivamente por mulheres estrangeiras (vd. *infra*. p. 35).

Na década de oitenta vive-se uma nova era de reivindicações a favor da mulher, sendo dessas reivindicações algumas de origem masculina. O filósofo Charles Secrétan (1815-1895) é um dos homens que se manifestaram ferozmente a favor das mulheres. Este filósofo defendia a teoria de que se uma mulher era aceite como pessoa jurídica também tinha de usufruir dos mesmos direitos que os homens. Sendo a mulher um ser humano, tinha de lhe ser concedida a igualdade de direitos em todas as áreas, o que incluía o acesso a todas as escolas e profissões. As palavras de Charles Secrétan eram ouvidas por uns com piedade, já que de certa forma acreditavam que este filósofo não estaria no seu juízo perfeito, enquanto outros, consideravam estas afirmações uma impertinência.

Como exemplo de mulheres que defendiam a igualdade política para ambos os sexos, refira-se a aristocrata, Meta von Salis Marschlins (1855-1929)¹⁴, a qual detêm uma visão clara e inteligente no que diz respeito à situação da mulher no século XIX. Em Janeiro de 1887 é a primeira mulher na Suíça a ver um artigo¹⁵ seu, de cunho feminista, a ser publicado no jornal *Züricher Post*.

No referido artigo Meta von Salis alerta as suas congéneres que têm uma luta feroz pela frente e que possivelmente a sua geração não irá obter frutos desta luta: “Unser Jahrhundert ist alt geworden, und das Alter ist der Jugend gram. Wohl möglich, dass wir unsere politischen Rechte erst dem künftigen abgewinnen” (*apud*, Woodtli, 1983:88). No entanto, acredita que é necessário um trabalho prévio para o bem de todos. A sua luta pela igualdade de direitos das mulheres não é, todavia, levada muito a sério.

¹⁴ Sobre esta figura vd. *infra*, p. 61-63.

¹⁵ “Ketzerische Neujahrsgedanken einer Frau”, vd. o referido artigo em apêndice.

1.2.4 Sufrágio Feminino

Na *Bundesverfassung* de 18 de Abril de 1999 podemos ler:

Die politischen Rechte in Bundessachen stehen allen Schweizerinnen und Schweizern zu, die das 18. Altersjahr zurückgelegt haben und die nicht wegen Geisteskrankheit oder Geistesschwäche entmündigt sind. Alle haben die gleichen politischen Rechte und Pflichten.

Ora a citação supracitada, que concede os mesmos direitos a todos os cidadãos suíços independentemente do sexo, nem sempre se materializou desta forma. As mulheres tiveram de enfrentar uma luta penosa para obterem o direito de votar, o qual apenas lhes foi concedido em 1971¹⁶.

É sabido que a luta pelo sufrágio feminino foi um dos passos mais significativos e relevantes das feministas da era pós-Revolução Industrial. O Reino Unido foi um país pioneiro nesta questão, onde as feministas inglesas ficaram, aliás, conhecidas também por sufragistas, por terem iniciado um movimento a favor da concessão do direito ao voto às mulheres.

No final do século XIX, as mulheres britânicas contestam o facto de serem consideradas capazes de assumir postos de importância na sociedade inglesa, como, a título de exemplo, cargos dentro do corpo directivo das escolas, mas serem vistas com desconfiança na condição de possíveis eleitoras.

¹⁶ Não posso deixar de notar que noutros países o direito a voto foi alcançado mais cedo. A título de exemplo e por ordem cronológica: A Rússia e os Países Baixos obtiveram esse direito já em 1917, a Alemanha e a Suécia em 1919, a Áustria e os Estados Unidos da América em 1920, a Polónia em 1921, a Grã-Bretanha em 1922, a Espanha e Portugal em 1931 (com limitações), a França em 1945 e a Itália em 1946 (cf. Bornemann, 1982:37). Sobre o direito a voto em Portugal vd. Esteves, 2004:151-164.

Estas mulheres certamente que serviram como modelo às mulheres suíças, as quais tiveram de enfrentar inúmeras barreiras para que, finalmente, lhes fosse concedido em 1971 o direito ao sufrágio. Porém, é importante frisar que este direito foi concedido apenas a nível federal; nos cantões e nos municípios esta lei apenas entrou em vigor em 1990.

A Suíça foi, assim, dos últimos países europeus a introduzir o sufrágio feminino, atraso que poderá estar relacionado com o sistema político do país, que concede ao povo o direito de decisão em certas questões políticas. Ou seja, a proposta de introduzir o direito ao voto feminino a nível federal, cantonal e municipal, tinha de ser aprovado em referendo pela maioria dos votantes suíços¹⁷. Os homens, que votavam livremente desde 1858, demonstraram uma atitude profundamente conservadora, declarando-se contra a introdução do sufrágio feminino.

A luta das suíças pelo direito ao voto começou, todavia, bem cedo. Uma primeira luz de esperança surge quando é anunciada a revisão da BV de 1848, começando, então as mulheres na década de sessenta, a manifestar-se a favor da igualdade política. A primeira petição, anónima, surge em 1868 pela mão de um grupo de mulheres do cantão de Zurique que exige igualdade de direitos tanto a nível civil como político.

Em 1872, Julie von May von Rüed¹⁸ (1808-1875) de Berna, juntamente com o seu marido, faz uma petição que apela ao direito do sufrágio feminino (cf. Woodtli, 1983:12). A verdade é que as mulheres já tinham direito a voto limitado desde 1833, desde que fossem *steuerpflichtig*, ou seja, desde que estivessem sujeitas a impostos; no entanto, esse direito era ainda mais

¹⁷ cf. Eidgenössische Kommission für Frauenfragen (2001), "Der lange Weg zum Stimm und Wahlrecht für Frauen".

¹⁸ Julie von May von Rüed já tinha mais de 60 anos quando se juntou à *Association International des Femmes*, onde se tornou uma das mulheres mais importantes, ao lado de Marie Goegg.

restritivo, uma vez que as mulheres não votavam pessoalmente, antes tinham de ser representadas por um homem. Julie von May von Rüed pede às mulheres na revista “*Die Frauenfrage in der Schweiz*” para se unirem e lutarem por direitos iguais.

A partir da década de oitenta começam-se a ouvir-se algumas vozes masculinas a favor desta questão. As mulheres pedem o direito de eleição em assuntos do âmbito educativo e nas comissões de ajuda aos pobres, assim como o direito a serem eleitas em assuntos clericais. Porém, não conseguem qualquer tipo de acordo com os governantes.

O Partido Social Democrata da Suíça é o primeiro partido a sugerir a introdução dos direitos políticos para as mulheres no início do século XX. Em 1929 o *Schweizerische Verband für Frauenstimmrecht* entrega uma petição intitulada “*Petition für das Frauenstimmrecht*” com aproximadamente duzentas e cinquenta mil assinaturas, não conseguindo contudo obter qualquer resultado.

Após a Segunda Guerra Mundial, as mulheres suíças alimentam a esperança de conseguirem atingir os seus objectivos, uma vez que a maioria dos países europeus, assim como alguns países latino-americanos, concederam o direito a voto às mulheres.

Na década de sessenta do século XX, a Suíça alia-se ao Conselho Europeu e uma vez que tem de assinar a *Europäische Menschenrechtskonvention*, convenção internacional que tinha como objectivo a protecção e o desenvolvimento dos direitos e das liberdades fundamentais do Homem, a qual incluía direitos iguais para as mulheres, leva o assunto da igualdade dos direitos políticos mais a sério.

Em 1969 juntam-se 5000 mulheres e alguns homens para o *Marsch nach Bern* e reúnem-se para uma manifestação no *Bundesplatz*, onde exigem ao Conselho Federal e ao parlamento o sufrágio feminino antes de assinarem a convenção dos direitos do homem.

No mesmo ano o Conselho Federal comunica a introdução do direito a voto feminino em assuntos federais. O Conselho Nacional aprova o comunicado do Conselho Federal e na votação de 7 de Fevereiro de 1971 introduz-se o direito a voto para as mulheres¹⁹.

O que respeita ao voto a nível cantonal e municipal, a comunidade masculina, convidada a pronunciar-se acerca do direito ao voto para as mulheres ao longo do século XX continua com a mesma atitude de intransigência até à última década do século.

1.2.5 A mulher e o Direito Civil

As mulheres não eram apenas privadas de direito político, também ao nível do direito civil se lhe recusavam a igualdade. Segundo as regras da sociedade conjugal, a mulher casada carecia da autorização prévia do marido para o exercício de praticamente todos os seus direitos. Vivendo sob a tutela dos maridos, as mulheres não podiam se quer dispor livremente da sua fortuna, dos seus bens e rendimentos.

Quanto às mulheres de maior idade solteiras, viúvas ou divorciadas tinham, necessariamente, que ser tuteladas por um homem até 1892. As mulheres casadas apenas conseguiram a liberdade da tutoria em 1912, quando a lei foi abolida. No entanto, o princípio da igual dignidade e da plena capacidade da mulher casada passou a vigorar apenas na década de

¹⁹ cf. Eidgenössische Kommission für Frauenfragen (2001), "Der lange Weg zum Stimm- und Wahrecht für Frauen".

oitenta do século XX, quando o direito da família é alterado. É também nessa altura que deixa de surgir consagrada na lei a concepção da relação conjugal com tarefas distintas, passando a haver direitos e deveres iguais para ambos os cônjuges²⁰.

O movimento feminista luta desde cedo a favor de melhor condições dentro do direito civil. Na última década do século XIX, aquando dos trabalhos da elaboração do novo *Zivilgesetzbuch* (ZGB), o movimento feminista interfere nos trabalhos, mas sempre através de uma representação masculina. Já anteriormente, a partir de meados do século, mulheres de diferentes cantões foram apresentando, sempre em vão, petições diversas, numa luta pelo reconhecimento dos seus direitos civis.

Julie von May publica em 1872 um artigo, intitulado "Die Frauenfrage in der Schweiz zur Bundesrevision am 12. Mai 1872", no qual questiona o artigo 4 da BV de 1848: "Alle Schweizer sind vor dem Gesetze gleich. Es gibt in der Schweiz keine Unterthanen-Verhältnisse, keine Vorrechte des Orts, der Geburt, der Familien oder Personen" (*apud* Woodtli, 1983:12). Julie von May questiona onde está a democracia na Suíça, criticando o facto das mulheres terem os mesmos deveres, por exemplo, no direito penal e no pagamento das contribuições, mas não terem os mesmos direitos que os homens.

Em 1892, a primeira jurista de língua alemã, Emilie Kempin-Spyri (1853-1901), de que me ocuparei neste trabalho, dedica-se a posição da mulher no direito civil, fazendo sugestões para o futuro *Schweizerische Zivilgesetzbuch*²¹ (ZGB) na sua revista *Frauenrecht*. Esta revista tem como

²⁰ cf. Eidgenössische Kommission für Frauenfragen (2001), *Frauen im Zivilrecht*.

²¹ De futuro o *Schweizerische Zivilgesetzbuch* será apenas referido no texto pela abreviatura ZGB.

objectivo influenciar a opinião pública, e também os trabalhos legislativos a favor da questão da mulher, ainda que indirectamente.

As feministas fazem várias petições no sentido de melhorar a situação da mulher dentro do código civil, mais especificamente no direito matrimonial e de família. Nas petições focam, entre outros assuntos, o divórcio, o regime de bens e a situação da mulher solteira. Nesta fase ainda não é posta em causa a distribuição das tarefas entre os cônjuges.

A 1 de Janeiro de 1912 entra em vigor o novo ZGB, sem qualquer alteração significativa para a mulher casada. É apenas em 1988 que entra em vigor uma nova lei matrimonial que se baseia no princípio dos direitos e deveres iguais para ambos os sexos. A educação dos filhos cabe a ambas as partes assim como as tarefas domésticas que passam a ser um dever do homem e da mulher²².

²² cf. Eidgenössische Gesellschaft (2001), "Frauen im Zivilrecht: Mündigkeit, Ehe, Scheidung".

1.3 A Educação no século XIX

“Der junge Mensch muss um schon der Bürgerpflicht zu genügen gut lesen und rechnen, vor allem gut denken können.”

(Conrad Auer, professor secundário no século XIX)

Como já foi dito anteriormente, a educação era um tema central do movimento feminista burguês. As mulheres lutavam pela melhoria das possibilidades de instrução e formação para as raparigas.

Na Alemanha, como já deixei patente, Helene Lange apelava à sociedade para que fosse reconhecida a importância da educação das mulheres. Na Suíça os rapazes e as raparigas tinham o mesmo tipo de formação no ensino obrigatório, no entanto, após essa fase, as raparigas ficavam com poucas alternativas.

A escolaridade obrigatória, que foi introduzida a partir de 1830, tinha a duração de seis anos, ao longo dos quais tanto os rapazes como as raparigas aprendiam a ler, escrever e a fazer contas. Considerava-se de extrema importância o ensino da religião e da moral. Após a escolaridade obrigatória podiam frequentar durante mais três anos uma *Repetierschule*²³ e a seguir frequentavam a catequese durante dois anos, duas horas por semana, até ao crisma.

Enquanto os rapazes iam para os liceus²⁴ e aprendiam disciplinas como física, química, geometria e latim, as raparigas aprendiam a tornar-se

²³ Os alunos tinham durante três a seis horas semanais aulas nas *Repetierschulen*, as quais deixaram de existir a partir de 1899, aquando da introdução da escolaridade obrigatória até ao oitavo ano.

²⁴ O primeiro liceu a admitir raparigas foi o Liceu de Berna em 1893.

boas donas de casa. A partir de 1875 as raparigas têm a possibilidade de frequentar as *Höhere Töchterschulen* até aos quinze anos.

Todavia, não podemos confundir estas escolas com os liceus dos rapazes, uma vez que o grau de exigência não era o mesmo, e para além destas escolas não prepararem as raparigas para a *Maturaprüfung*. As raparigas adquiriam conhecimentos que fossem de utilidade para a vida prática.

Em 1890 introduziu-se o latim no plano curricular dessas escolas, o que foi um passo positivo, uma vez que era uma das disciplinas obrigatórias para a *Maturaprüfung*. As *Höhere Töchterschulen* apenas começam a preparar as raparigas para a *Maturaprüfung* a partir de 1904, tendo estas, porém, de fazer os exames num liceu masculino²⁵. As raparigas tinham a oportunidade de se tornarem professoras, frequentar um curso que tinha a duração de quatro anos. É apenas na última década do século XIX que surgem escolas secundárias para raparigas²⁶.

O movimento feminista burguês lutava pela coeducação, esperando assim uma situação melhor e mais justa para a formação das mulheres. No entanto, este movimento visava, por um lado, uma educação igual e em conjunto para que as raparigas pudessem ter acesso às profissões até então reservadas ao mundo masculino, dando por outro lado também as boas vindas a escolas que preparassem as raparigas para empregos femininos.

Curiosamente, apesar de não haver escolas secundárias para as raparigas, algumas universidades suíças abrem-lhes as portas já na década

²⁵ É apenas a partir de 1934 que estas escolas têm competências para fazer os exames de acesso à universidade.

²⁶ cf. Eidgenössische Kommission für Frauenfragen, "Mädchenbildung und Koedukation".

de sessenta do século XIX, e até 1890 todas as universidades o fazem, com excepção da de Fribourg.²⁷

Em 1864 Marija Alexandrowna Knjaznina pede autorização para assistir às aulas na faculdade de medicina de Zurique sem no entanto se matricular. O facto da Universidade de Zurique aceitar este pedido, leva a que muitas mulheres estrangeiras se mudem para a Suíça. Por norma, assistiam às aulas e após algum tempo voltavam para as suas terras. Todavia, a universidade é apanhada de surpresa quando em 1867 uma das estudantes russas, Nadezda Suslova, pede a admissão ao exame de estado que lhe conferia a licenciatura. Este pedido obriga a que a Direcção Educacional se reúna com a faculdade de medicina a fim de resolver a situação. Os representantes da última não vêem nenhum obstáculo à admissão desta mulher para o exame do estado; porém, a matrícula é uma exigência à qual não estão dispostos a ceder. Em 1867 Nadezda Suslova é então a primeira mulher a licenciar-se em medicina. Este acontecimento é de certa forma abafado, e a médica Suslova regressa ao seu país natal, onde abre um consultório.

As mulheres suíças começam a ganhar coragem para também elas tirarem um curso superior. Porém, deparam-se com um problema muito grave que é a falta de escolas secundárias que as prepare para os exames de acesso à universidade. Aquelas que conseguiram ultrapassar essa barreira, muitas vezes tiveram de se confrontar com outros obstáculos aquando da conclusão da sua formatura: não havia lugares para as médicas estagiarem, as juristas não podiam exercer advocacia e as mulheres licenciadas em Estudos Germanísticos e em História apenas podiam leccionar em escolas de raparigas.

²⁷ A Universidade de Fribourg é a última a permitir, em 1904, o acesso de mulheres ao ensino superior.

Em 1872, formou-se em medicina a primeira mulher suíça, Marie Vögtlin (1845-1916), que abre um consultório médico, após o estágio na Alemanha, em Zurique. Esta médica foi sempre respeitada pela sociedade, o que, segundo Susanna Woodtli se deve ao seu casamento com o professor universitário Albert Heim (cf. Woodtli: 1983:81).

Enquanto estudante, Marie Vögtlin ficava chocada com a atitude de algumas colegas que iam assistir às aulas apenas para passar o tempo; por esse motivo decidiu, juntamente com mais cinco colegas estrangeiras, fazer um requerimento no qual pediam para que as mulheres apenas fossem admitidas na universidade se tivessem feito a *Maturaprüfung*. Em 1873 entra de facto uma nova lei em vigor que define a igualdade de direitos para ambos os sexos no acesso ao ensino superior.

Como já referi, muitas das primeiras mulheres suíças licenciadas viam-se numa situação delicada, isto porque o estado permitia o acesso ao ensino superior às mulheres mas não lhes dava uma oportunidade para pôr os seus conhecimentos em prática. A título de exemplo, a médica Caroline Farner (1842-1913), licenciada em 1877, teve de ir estagiar para Vienna antes de abrir um consultório em Zurique, assim como Meta von Salis a primeira *Doctor Philosophiae* que também teve dificuldade em arranjar um lugar para estagiar. Em 1887, é a vez de Emilie Kempin-Spyri, formada em direito, a quem a sociedade nega o exercício da advocacia. Para além disso, eram muitas vezes perseguidas e presas por motivos pouco esclarecidos, como Caroline Farner e Meta von Salis (cf. *infra*, p. 56 e 63).

As oportunidades de emprego continuam escassas até ao século XX. As mulheres licenciadas em medicina, farmácia ou direito trabalham por conta própria enquanto que as suas congéneres da área de humanidades ou ciências trabalham em escolas de raparigas.

Parece-me importante lembrar que muitas destas mulheres não punham a profissão em primeiro lugar. O modelo tradicional da mulher burguesa continuava patente. Muitas mulheres licenciavam-se mas continuavam a dedicar-se prioritariamente ao seu papel de esposa, mãe e dona de casa.

No século XIX houve vários casos como os destas mulheres pioneiras, o que levou a que Emilie Kempin-Spyri formasse em 1893 a associação *Rechtsschutzverein*, tendo-se ao mesmo tempo formado a associação *Frauenbildungs-Reform*, com o objectivo de melhorar as oportunidades de emprego e de formação das mulheres.

Em 1896 juntam-se estas duas associações, ficando a partir daí conhecida por *Union*. É graças à luta desta associação que foi concedido às mulheres o direito de exercer a advocacia. No entanto, como veremos, Emilie Kempin-Spyri já não pode ver seu sonho realizado.

2. Dos factos históricos à ficção

A obra *Die Wachsflügelfrau*, de que em seguida me ocuparei, é mais um romance histórico de Eveline Hasler. Nele a autora não só ressuscita a figura de Emilie Kempin-Spyri, a primeira mulher formada em Direito na Europa, como também dá vida a muitas outras figuras históricas do século XIX. Para escrever este romance Hasler procedeu a uma vasta pesquisa bibliográfica sobre a figura de Emilie Kempin Spyri.

Para os seus romances, a autora escolhe histórias extraordinárias e já esquecidas pela sociedade; neles conta a vida de pessoas invulgares, pessoas que foram postas à parte pela sociedade por serem diferentes. Não é de estranhar que grande parte dessas figuras sejam mulheres, a título de exemplo, refira-se o romance *Anna Göldin – letzte Hexe* que conta a história de uma criada acusada de bruxaria. Em 1782, Anna Göldin é decapitada, sendo a última mulher a ser decapitada no cantão de Glarus, na Suíça.

Eveline Hasler cria em *Die Wachsflügelfrau* uma personagem que podemos considerar muito semelhante à própria autora, a qual revela ser uma figura que se questiona sobre os acontecimentos e que demonstra ser o seu papel o de tentar revelar a verdade. O leitor sabe desde o princípio que o romance que vai ler se baseia em pesquisas feitas pela autora para poder retratar a realidade na ficção.

Nos capítulos que se seguem pretendo dar a conhecer algumas figuras históricas que vão surgir no romance, para depois me concentrar na obra. Uma vez que o leque de personagens históricas é muito vasto, vi-me obrigada, como já disse anteriormente, a seleccionar as figuras históricas a que concederei mais atenção: Emilie Kempin-Spyri, Walter Kempin, Caroline Farner, Helene Lange, e Meta von Salis.

2.1 Figuras Históricas

2.1.1 Emilie Kempin-Spyri – uma biografia

“Ich habe mich wie ein Vogel in einem sehr kleinen Käfig gefühlt; wie auch immer ich mich bewegte, meine Flügel schlugen gegen die Gitterstäbe.” (Indira Gandhi)



Emilie Elisabetha Spyri nasce a dezoito de Março de 1853 em Altstetten, uma localidade perto de Zurique, onde vive juntamente com os seus pais e irmãos até aos doze anos. Devido à profissão do pai, diácono, a família muda-se em 1865 para Neumünster. Tal como as outras raparigas da alta burguesia, após a escolaridade obrigatória, Emilie aprende a ser dona de casa, ajudando a mãe nas tarefas domésticas. Além disso, vai aprofundando os conhecimentos de francês e de inglês.

Em 1875 casa-se, contra a vontade do pai, com Walter Kempin, um teólogo que acabara de ser nomeado pastor na localidade de Enge. Emilie Kempin tem três filhos e dedica os primeiros anos da vida de casada à família, como qualquer outra mulher burguesa. Segundo Marianne Delfosse é possivelmente por volta de 1880 que começam as discordâncias entre Walter Kempin e a paróquia de Enge (cf. Delfosse, 1994:5), correndo Walter o risco de perder o lugar e, conseqüentemente, não poder assegurar o sustento da família. Walter que além da sua actividade na paróquia ainda se ocupava de projectos de cunho filantrópico acaba por pedir a demissão da paróquia e Emilie vê-se, assim, na obrigação de ajudar a sustentar a família.

Sem qualquer formação específica que a preparasse para o desempenho de uma profissão, Emilie decide tirar um curso superior. Em 1883 prepara-se, com a ajuda do marido²⁸, para a *Maturaprüfung*, ao mesmo tempo que assiste a algumas aulas na universidade, decidindo posteriormente estudar direito²⁹. Em Abril de 1885 Emilie é aprovada na *Maturaprüfung* e uma semana mais tarde é a primeira mulher a matricular-se na faculdade de direito.

²⁸ "Sie war eine Frau Pfarrer, hatte drei Kinder und ließ sich von ihrem Mann Latein und die sonst notwendigen Maturitätskenntnisse beibringen" (Walter Kempin Junior, 1923).

²⁹ Segundo as afirmações da filha mais nova Agnes Kempin, Emilie terá tido, numa fase inicial, a intenção de estudar medicina (cf. Delfosse, 1994:26).

O filho de Emilie, Walter Kempin Junior, descreve num artigo em 1923 a reacção das pessoas: “Was solch blaustrümpfiges Unterfangen einer Frau Pfarrer, von etwa vierzig Jahren bedeutete und was es für Staub aufwirbelte, das kann sich nur vorstellen wer jene alte Anschauungen von Zucht und Sitte noch miterlebt hat” (Kempin Junior, 1923). O pai, muito conservador e que sempre se pronunciou contra as mulheres estudantes, corta relações com a filha.

Em Novembro, de 1886 Emilie Kempin, ainda estudante, apresenta-se no Tribunal da Comarca de Zurique com a intenção de representar o marido, que se encontrava fora do país; no entanto, é-lhe negada pelo juiz a permissão para o fazer, não por ela ser ainda estudante, mas por ser mulher. O tribunal entende que o *Aktivbürgerrecht* (actividade jurídica plena), único requisito para se poder representar terceiros em tribunal, não engloba as mulheres.³⁰

Emilie Kempin contesta a decisão do tribunal da comarca com uma queixa de direito público alegando que segundo o artigo 4 da *Bundesverfassung*, na qual se lê: “In der Schweiz gibt es keine Vorrechte des Ortes, der Geburt, der Familie oder Personen”, todo o cidadão suíço tem os mesmos direitos; a sua contestação é indeferida pelo tribunal federal (cf. Woodtli, 1983:230).

Em Julho de 1887, Emilie termina o curso e começa a trabalhar como substituta no escritório do Dr. Friedrich Meili, advogado e professor de direito. No entanto, não passa de uma assistente, que apenas desempenha funções secundárias, já que não pode apresentar-se em tribunal defendendo as causas que prepara. Friedrich Meili tira partido dos

³⁰ De acordo com a lei de 1874 “Zu Zivilsachen können die Parteien ... selbst handeln oder sich durch eine andere im Besitze des Aktivbürgerrechts befindliche Person vertreten” (Yashiki, 2005:9).

conhecimentos de Emilie Kempin Spyri, ficando com todo o mérito do trabalho por ela desenvolvido³¹. Desiludida com esta actividade profissional, Emilie candidata-se em 1888 a um lugar de *Privatdozentin* para a disciplina de Direito Romano na Universidade de Zurique, o que origina uma acesa discussão sobre a aceitação de mulheres no ensino universitário: a candidatura de Emilie Kempin é recusada³².

Nos finais de Julho de 1888 a família Kempin parte para os Estados Unidos à procura de uma vida melhor³³. Nesta viagem trava conhecimento com pessoas influentes da sociedade americana, como, a título de exemplo, Fanny Weber³⁴, mulher de um médico nova-iorquino e que virá a ter um lugar de destaque na inserção de Emilie na sociedade americana.

Já em Nova Iorque, Emilie assiste a aulas nas Faculdades de Direito do Columbia College e da Universidade da Cidade de Nova Iorque, adquirindo assim conhecimentos nas áreas do Direito Inglês e Americano. Ao mesmo tempo trabalha num escritório de advogados como voluntária e faz parte da *Arbitration Society*, uma associação criada por Fanny Weber e

³¹ Meili passou um certificado do trabalho desenvolvido por Emilie, em Julho de 1888, no qual reconhece as qualidades da sua assistente: "Ich war mit der genannten Substitutin sowohl was ihre Leitungen als auch ihren Fleiß anbetrifft außerordentlich zufrieden und empfehle sie auch in ihrem Wirkungsfeld aufs Wärmste" (Delfosse, 1994:67).

³² Um dos opositores foi curiosamente o Professor Meili, que anteriormente tinha elogiado Emilie. De acordo com um relatório da faculdade, com data de Maio de 1888, Meili terá posto em causa as qualificações da candidata (cf. Yashiki, 2005:11).

³³ Marianne Delfosse teve acesso a cartas dirigidas por Emilie Kempin à Direcção Regional de Educação de Zurique, onde afirma dever-se a sua ida para Nova Iorque ao facto de ser impossível ganhar a vida na Suíça como jurista (Kempin an Erziehungsdirektion ZH, 14. Oktober 1891, *apud* Delfosse, 1994: 9) No entanto, é bem possível que Emilie Kempin tenha tido conhecimento das primeiras advogadas nos Estados Unidos da América, refiro-me a Belva Lockwood e Arabella Mansfield; e que o facto de elas puderem exercer advocacia a tenha motivado a ir também à procura do sonho americano.

³⁴ Fanny Weber era uma senhora da alta sociedade, endinheirada, que usou o seu património financeiro para ajudar pessoas necessitadas e que lutou por uma melhor situação da mulher.

destinada a dar apoio jurídico e conselhos a pessoas sem recursos económicos³⁵.

Com a ajuda de Fanny Weber funda em 1889 a sua escola particular de direito, *Emilie Kempin Law School*, cuja finalidade era enriquecer os conhecimentos de mulheres trabalhadoras e formar jovens com vista a futuros trabalhos como secretárias em escritórios de advogados, ao mesmo tempo, que pretendia preparar mulheres para a frequência do curso de direito³⁶.

Em 1890, a Universidade de Nova Iorque mostra-se interessada em trabalhar com a escola de Emilie Kempin, disponibilizando-se para providenciar uma sala de aula, na condição de não ter qualquer encargo monetário com as aulas de direito para mulheres. A escola passa a chamar-se *Woman's Law Class* e Emilie Kempin começa a leccionar quatro seminários na área do direito. Além de exercer esta actividade é também docente de Medicina Legal no *New York Medical College & Hospital for Women*, e no ano seguinte lecciona Direito Romano e História do Direito Americano na Faculdade de Direito da Universidade da Cidade de Nova Iorque, sendo a primeira mulher a leccionar direito numa universidade norte-americana.

³⁵ Fanny Weber ajudava os desfavorecidos, ensinava-os a ter hábitos de higiene e também a cozinhar de uma forma mais saudável, de modo a evitar certas doenças. Estas pessoas viam em Fanny Weber uma amiga e procuravam conselhos de natureza variada. Fanny Weber chegou à conclusão de que muitos dos problemas resultavam da falta de conhecimento dos seus direitos. Sabendo que estas pessoas não tinham forma de pagar a um advogado, Fanny Weber teve a ideia de fundar a *Arbitration Society*, a qual teria o objectivo de esclarecer, entre outras, dúvidas de cunho jurídico. Como Fanny Weber não tinha conhecimentos na área da jurisprudência, convidou Emilie Kempin para dar esse apoio aos homens e mulheres necessitados. Não se sabe, porém, se Emilie e Fanny se teriam já conhecido na Alemanha, uma vez que o marido de Fanny Weber dava aulas na Universidade de Tübingen, ou se de facto travaram conhecimento na viagem da Suíça para os Estados Unidos da América (cf. Delfosse, 1994:109-112).

³⁶ De acordo com o *Code of Civil Procedure* de 1886 as mulheres norte-americanas podiam exercer a advocacia, desde que fossem licenciados em direito (Delfosse, 1994:95).

Enquanto Emilie goza do prestígio que lhe é concedido pela sociedade nova-iorquina, o marido tem dificuldades em adaptar-se aos Estados Unidos e acaba por regressar com os dois filhos mais velhos à Suíça.

Apesar do sucesso, Emilie sente-se dividida entre a actividade nos Estados Unidos e a família na Suíça. Pressionada por ela, e com o filho doente, Emilie Kempin volta para a Suíça na primavera de 1891. Ali trabalha na sua tese de doutoramento, não deixando, porém, de viajar com frequência para os Estados Unidos³⁷. Em Junho de 1891 faz um requerimento para poder leccionar na Universidade de Berna³⁸ assim como na Universidade de Zurique. Discute-se de novo a admissão de mulheres como docentes nas universidades. Mesmo havendo muitas vozes contra, o conselho pedagógico da Universidade de Zurique dá a *venia legendi*³⁹ a Emilie Kempin para leccionar Direito Romano, Inglês e Americano. Já a Universidade de Berna não aceita o requerimento de Emilie Kempin, acusando-a de estar a usar o título de professora universitária indevidamente.⁴⁰

Continua, todavia, à espera que lhe seja concedido o direito de exercer advocacia. A sua petição, em Novembro de 1891, visando a alteração da lei que impede o exercício da profissão de advogado, nomeadamente a defesa de causas em tribunal a mulheres, origina nova

³⁷ “(...) reiste sie [Emilie Kempin] in geschäftlichen Dingen jährlich mehrmals zwischen New York und Europa hin und her” (Walter Kempin Junior, 1923).

³⁸ Emilie recebe uma resposta por escrito da Universidade de Berna, informando-a de que a Universidade de Berna aceita mulheres docentes, dando no entanto, preferência a docentes do sexo masculino (cf. Delfosse, 1994:80-83).

³⁹ Autorização para leccionar numa universidade.

⁴⁰ Devido a um erro no programa do curso de direito, no qual se lê que as disciplinas leccionadas por Emilie não fazem parte do currículo: “They are outside of the University Law School, forming no part of it”, a Universidade de Berna entendeu que Emilie estava a usar o título de *Professor* indevidamente. Na verdade, as aulas de Direito Romano faziam parte do programa da universidade (cf. Delfosse, 1994:80-83).

discussão sobre a possibilidade de estas exercerem advocacia. O conselho do cantão volta a indeferir as pretensões de Emilie, que, disposta a enfrentar uma nova luta para poder exercer a advocacia, decide ficar definitivamente na Suíça.

Em 1892 publica o seu trabalho intitulado “Die Stellung der Frau nach den zur Zeit gültigen Gesetzesbestimmungen sowie nach dem Entwurf eines bürgerlichen Gesetzbuches für das Deutsche Reich”. Em Março do mesmo ano profere a sua lição inaugural como *Privatdozentin* na Universidade de Zurique. Entre 1892 e 1895 lecciona duas a quatro horas semanais em Zurique, trabalhando também com o marido no escritório de Direito Suíço-Americano que é propriedade de ambos.

Emilie Kempin coloca em Agosto um anúncio no jornal *Züricher Post* no qual convida homens e mulheres a assistir a aulas de direito em sua casa, ficando surpreendida com o elevado número de interessados.

Em Setembro de 1892 abre a Escola de Direito em sua casa, tendo o cuidado de pedir, com antecedência, autorização à Universidade de Zurique. Emilie forma duas turmas, uma só de homens e outra só de mulheres, leccionando duas vezes por semana. Em Fevereiro de 1893, interrompe os cursos com a intenção de encontrar um espaço maior e mais adequado para as aulas, uma vez que tem muitos formandos, no entanto, apesar do sucesso, os cursos não se reiniciam por motivos desconhecidos (cf. Delfosse, 1994:105-106).

A partir do Natal de 1892 é publicada a revista *Frauenrecht*, dirigida por Emilie Kempin, revista esta que inicialmente aparece como suplemento na *Züricher Post* e que aborda temas relacionados com os direitos das mulheres. Em Novembro de 1893 cria o *Frauenrechtsschutzverein*, uma associação semelhante à *Arbitration Society* de Nova Iorque, que visa ajudar apenas mulheres. O *Frauenrechtsschutzverein*, além de ser uma

instituição filantrópica, também tinha objectivos políticos. A associação estava dividida em duas secções: *Hebung der rechtlichen und sozialen Stellung der Frau* e *Schutz der Frauen in der Verflögung ihrer Rechte*, cujas tarefas eram, por um lado, lutar por melhores condições de trabalho⁴¹, e por outro, dar apoio jurídico e moral às mulheres.

Entre 1894 e 1895 o dinamismo de Emily está ao rubro: publica um trabalho sobre a situação do direito da mulher no futuro código civil da Suíça, participa em congressos⁴², faz palestras de cunho jurídico na *Höhere Töchterschule* de Zurique e lecciona disciplinas na área do direito na mesma escola. Todavia, em meados de Outubro pede licença para se ausentar do serviço durante o ano lectivo 1895/96 na *Höhere Töchterschule* assim como na universidade, e comunica a sua demissão da direcção do *Frauenrechtsschutzverein*, mudando-se para Berlim, sozinha, o que de acordo com Marianne Delfosse poderá estar relacionado com o facto de Emilie se ter separado do marido (cf. Delfosse, 1994:12s).

Na Alemanha inscreve-se na Friedrich-Wilhelm-Universität de Berlim para assistir às aulas de direito. A partir de Dezembro de 1895 é nomeada tradutora oficial de inglês e alemão nos tribunais da comarca de Brandenburg, abre um escritório de Direito Inglês e Americano e além disso escreve vários artigos relativos à situação legal da mulher. Em Berlim

⁴¹ Uma das pretensões do *Frauenrechtsschutzverein* era obrigar as fábricas e as empresas a contratarem uma inspectora de trabalho para que as mulheres não fossem exploradas. Além disso davam apoio a mulheres que eram maltratadas pelos maridos, muitas vezes devido ao abuso de álcool, que se torna muito comum no século XIX. As mulheres eram também informadas acerca dos seus direitos e no caso de necessitarem a ajuda de um advogado, tinham sempre um à sua disposição.

⁴² Após participar em 1894 no *Kongress der Internationalen Kriminalistischen Vereinigung* em Berna, é publicado um artigo que elogia o talento de Emilie Kempin: “Frau Kempin folgte fleißig den Verhandlungen des Kongresses... da erhob sich auch Frau Kempin zu einer Rede. Sie sprach mit Begeisterung, nicht wie eine Frauenrechtlerin gewöhnlich spricht, sondern frei von Phasen und Deklamationen. Und einmütig sagten die Männer unter sich ... : Das war eine ausgezeichnete Rede, die Kempin ist eine bedeutende Frau” (Yashiki, 2005:16).

ocupa-se de questões sociais encontrando na Imperatriz Friedrich uma aliada. Com a ajuda da Imperatriz, cria uma sociedade protectora para mães solteiras e seus filhos.

A relação que tem com o movimento feminista sofre uma quebra, visto as ideias de Emilie Kempin não irem ao encontro das posições mais radicais, por exemplo, de Anita Augspurg (1857-1943)⁴³, sendo mesmo acusada de ser opositora da questão da mulher. Uma das razões pode estar relacionada com o facto de Emilie Kempin ser contra o direito ao voto por parte das mulheres, uma vez que na sua opinião as mulheres não estavam “genügend geschult” e que eram “politisch unreif” (cf. Kempin Junior, 1923).

Desenvolvendo mais uma vez intensa actividade, vê o seu desempenho coroado de êxito na Alemanha: lecciona Direito de Família na Humboldt-Akademie e participa no *Internationaler Frauenkongress* em Berlim de 19 a 26 de Setembro de 1896. Não se sabe qual a influência de Emilie Kempin na elaboração do *Bürgerliches Gesetzbuch*, mas é certo que colaborou com os deputados da Assembleia Nacional.

Este difícil mas evidente sucesso profissional é acompanhado de múltiplas desilusões a nível familiar: logo no início, quando decide estudar, os pais e os irmãos cortam relações com ela e, embora o marido tenha sido um apoio na primeira fase, o casamento acaba por falhar. Além disso, a filha mais velha fica grávida do homem por quem Emilie se tinha entretanto apaixonado. Todos estes problemas familiares acrescidos de problemas financeiros – durante largos anos Emilie tinha de sustentar o marido e os

⁴³ Emilie Kempin pertencia ao movimento feminista mais moderado enquanto que Anita Augspurg, a primeira jurista alemã, licenciada em 1897 pela Universidade de Zurique, defendia as ideias do movimento feminista mais radical.

filhos - fizeram com que Emilie entrasse em depressão. Em Setembro de 1897 é internada por demência⁴⁴ no sanatório *Berolinum*.

Em 1898, no mesmo ano em que entra em vigor a lei que permite que as mulheres exerçam advocacia, Emilie é “wegen Geisteskrankheit entmündigt” (Delfosse, 1994: 18). Em Março de 1899 é transferida para a *Irrenanstalt Friedmatt* em Basel, onde fica até à sua morte em Abril de 1901. Há quem duvide de que Emilie Kempin tivesse mesmo uma doença mental, havendo até quem sustente que Emilie Kempin foi internada num hospital psiquiátrico como uma medida da sociedade patriarcal, que temia aquela mulher, forte e inteligente⁴⁵.

⁴⁴ No diagnóstico do médico lê-se: “Frau Dr. Kempin leidet an einer durch Sinnestäuschung und Wahnideen charakterisierten Geisteskrankheit (*Paranoia Chronica Simplex*)” (Delfosse, 1994:18).

⁴⁵ cf. www.jura.uni-hannover.de/meder e também Delfosse, (1994: 16).

2.1.2 Walter Kempin



Walter Kempin cresce numa família da pequena burguesia; é filho de Hermann Kempin e Anna Häkli. Walter nasce no dia 25 de Junho de 1850 e é o quarto filho do casal, destacando-se dos irmãos pelas suas capacidades intelectuais⁴⁶. Apesar de duas das suas irmãs obterem formação como professoras, Walter é o único a tirar um curso superior.

Após a conclusão do curso de teologia é nomeado pastor evangélico em 1873. Dois anos mais tarde torna-se pastor na paróquia de Enge, paróquia esta que integrava famílias nobres como os Escher, os Landoldt e os Nägeli, o que lhe conferiu assim um certo estatuto na sociedade. No mesmo ano casa com Emilie Spyri, filha de uma família da grande burguesia, que não vê com bons olhos o casamento da filha com um pastor proveniente de um extracto social bem mais baixo.

Os anos de maior sucesso foram para Walter aqueles que exerceu a sua actividade na paróquia de Enge, actividade essa à qual aliava vários projectos de cunho filantrópico.

Em 1877 fundou um centro de apoio para os pobres e na década de oitenta organizou colónias de férias para crianças com problemas de saúde. Em 1881 Walter lançou a revista *Blätter und Blüthen*, que no ano seguinte se torna conhecida como *Der Philanthrop*. Em 1884 adiciona à sua revista uma rubrica intitulada *Frauenrechte und Frauenbildung*. A partir de 1885 deixa de publicar a revista *Der Philanthrop* e dá à estampa o *Zürcher Intelligenzblatt*.

Uma das obras mais significativas de Walter Kempin foi a fundação do *Centralverein des Schweizerischen Roten Kreuzes* (CSRK), em 1882, que deu origem ao *Schweizerischer Roter Kreuz* (SRK). Sendo a saúde

⁴⁶ A filha, Agnes Kempin, escreve mais tarde que apesar de não sentir nenhum afecto pelo pai que reconhece que “an sich war er [Walter Kempin] ein hochbegabter, vielversprechender junger Theologe” (*apud* Valsangiacomo, 1988:21).

pública uma preocupação primordial para Walter Kempin, o seu objectivo como presidente do *Centralverein des Schweizerischen Roten Kreuzes* é o de formar enfermeiras e enfermarias que funcionem não só em tempo de guerra mas também em tempo de paz ir ao encontro das necessidades de muitas pessoas.

Todavia, as pretensões de Walter Kempin no sentido de oferecer gratuitamente cuidados de enfermagem, sendo que os custos são suportados pelo CSRK, não são bem recebidas e ele acaba por ser obrigado a demitir-se já em 1885⁴⁷.

As aspirações de Walter Kempin são demasiadamente avançadas para a época em que vive e além das divergências no *Centralverein des Schweizerischen Roten Kreuzes*, por volta de 1880 começam as discordâncias entre Walter e a paróquia de Enge. Em Março de 1885 acaba por pedir a sua demissão com a justificação de ter aceite outros compromissos, referindo-se à sua actividade em dirigir o jornal *Züricher Intelligenzblatt* e a revista semanal *Der Philanthrop*⁴⁸. Todavia, em 1886, Walter perde o cargo de redactor e uma parte dos seus bens é penhorada e vendida.

Walter parece estar a ser perseguido pela má sorte, e numa tentativa de ter mais sucesso decide ir para Alemanha, onde começa a exercer a sua actividade como redactor na *Remscheider Zeitung*, em Remscheid.

Em Agosto de 1888 emigra com a família para os Estados Unidos da América, onde, além de ter dificuldade, em adaptar-se também não

⁴⁷“Doch Kempin stieß bei seinen Zeitgenossen auf taube Ohren und musste 1885 zurücktreten. Die verbleibenden Mitglieder verabschiedeten Statuten, die eher den Bedürfnissen der Armee entsprachen. Aber die Zukunft sollte Kempin recht geben: Acht Jahre später richtete das SRK seine Tätigkeiten nach Kempins Vorstellungen aus ” (Friedl, 2006:4).

⁴⁸ Em 1885 Walter Kempin faz um requerimento ao sínodo do cantão de Zurique pedindo a sua demissão da paróquia (cf. Delfosse, 1994:7) e em 1892 acaba por renunciar por completo o seu cargo de pastor (cf. Valsangiacomo, 1988:22).

encontra trabalho e em 1890 regressa com os dois filhos mais velhos para a Suíça. De regresso a casa, abre sob o nome da esposa, Emilie Kempin, um escritório de Direito Suíço-Americano. No mesmo ano matricula-se na faculdade de Ciências Políticas na Universidade de Zurique, no entanto, nunca chega a concluir o curso naquela universidade. Na década de noventa publica alguns artigos, como, a título de exemplo: “Die Handelsgeschäfte mit Inhaber-Papieren e Die Börsensysteme der Schweiz”.

Na década de noventa trabalha ainda com a mulher, mas torna a ir para a Alemanha à procura de outras actividades. Desde dessa data raramente tem contacto com a família. De acordo com um artigo escrito pela filha Agnes Kempin, o pai não era capaz nem de assumir a responsabilidade de pai nem de marido, acusando-o de ser um vagabundo que só ia ter com a família quando dela necessitava (cf. Valsangiacomo, 1988:23).

Sabe-se ainda que Walter Kempin leccionou a disciplina *Wirtschaftswissenschaften* na Universidade de Bona, no entanto, não se sabe nem onde nem quando tirou o curso que lhe conferisse o grau de doutor (Dr. Phil.) para leccionar numa universidade.

Em 1913, já viúvo, casa com uma antiga aluna, de quem tem dois filhos. Apesar de ter conseguido alcançar uma vida estável na Alemanha, na década de vinte é apanhado de surpresa pela inflação, e perde toda a sua fortuna. Em 1923 regressa, pobre, para a Suíça com a sua nova família: “Zu alt, um noch einmal von vorne zu beginnen, kehrt er [Walter Kempin] 1923 mit der Familie in seinen Heimatort zurück (...) und wird dort von der öffentlichen Fürsorge unterstützt” (Valsangiacomo, 1988:23). Walter Kempin passa os últimos anos de vida num lar vindo a morrer no dia 1 de Dezembro de 1926.

Muito embora, as ideias filantrópicas fossem ignoradas naquele tempo passado apenas oito anos foram postas em prática pelo *Schweizerischer Roter Kreuz* e ainda hoje vigoram. Apesar de Walter Kempin não ter sido o fundador do *Schweizerischer Roter Kreuz* é graças aquele que esta associação existe, pois como comenta Marcel Friedl num artigo escrito em 2006 para a revista *Red Cross.ch* “Der »Hülfsverein« ist der Vorläufer des Roten Kreuzes in der Schweiz. Kempin kann das Verdienst für sich in Anspruch nehmen, dass er hauptsächlich Initiator in der Schweiz war und eine spätere Hauptaufgabe des SRK visionär voraussah” (Friedl, 2006:4).

Também Enrico Valsangiacomo comenta no seu artigo “Walter Kempin – ein vergessener Rotkreuz-Pionier” o facto de este ter tido um grande sentido de previsão: “Heute wissen wir, wie vorausschauend Kempin handelte, denn die Ausbildung von Krankenschwestern entwickelte sich in der Folge zum stärksten Tätigkeitsbereich der Rotkreuzgesellschaft” (Valsangiacomo, 1988:22).

2.1.3 Caroline Farner



Caroline Farner nasce em Guntershausen, uma localidade perto de Aadorf, Suíça, e é a irmã mais nova de sete irmãos. Apesar de ter perdido a mãe aos quinze anos, as irmãs mais velhas tiveram o cuidado de oferecer à mais nova uma boa educação, proporcionando-lhe a frequência de um bom colégio. Com apenas dezoito anos já dá aulas de alemão e de francês num colégio inglês. Após uma estadia de três anos em Inglaterra, regressa à Suíça devido a problemas de saúde que reduzem também as suas hipóteses de contrair matrimónio. Tal como muitas outras raparigas burguesas que ficavam solteiras, só lhe resta a alternativa de ir trabalhar para casa de familiares. Activa e empenhada não faltam a Caroline Farner propostas de trabalho. Durante dois anos ajuda nas tarefas domésticas em casa de uma irmã em St. Louis, nos Estados Unidos da América, e depois vai para casa de um irmão, que vive na Hungria.

Muito embora chega a considerar seriamente a hipótese de integrar uma *Diakonissenanstalt*, instituição que recebia raparigas solteiras, instruídas para se dedicarem a obras de assistência e de caridade, decide matricular-se no curso de medicina e em Março de 1877 é a segunda mulher na Suíça a formar-se nesta área⁴⁹.

Ao terminar o curso tem enfrentar de novo um dilema derivado da condição do seu sexo, pois apesar de na Suíça lhe terem dado a oportunidade de se formar em medicina, não encontra um sítio para estagiar. Na Áustria encontra finalmente um consultório onde pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos na universidade. Depois de acabar o

⁴⁹ A primeira mulher a formar-se em medicina na Suíça foi Marie Heim-Vögtlin (1845 - 1916) que foi também responsável pela abertura do primeiro hospital para mulheres; abriu o seu consultório em 1874 em Zurique e foi uma das médicas mais conceituadas da região.

estágio em Viena abre um consultório em Zurique e em pouco tempo vê o número de pacientes que a ela recorrem aumentar exponencialmente.

Além da sua actividade como médica, Caroline Farner escreve artigos, profere palestras e participa activamente no movimento feminista. Sabendo que muitas pessoas não podiam pagar as consultas, prontifica-se a dar consultas aos pobres duas vezes por semana graciosamente. Mais tarde abre ainda uma casa de repouso onde trabalha duas a três vezes por semana.

Apesar da sua actividade lhe trazer muito reconhecimento, também é vista por muitos como uma pessoa estranha. Enquanto a sua colega, a Dra. Marie Heim-Vögtlin pode desempenhar a sua actividade sem qualquer tipo de problema, o que em parte se deve ao estatuto social do marido, Caroline Farner é sempre objecto de observação e crítica (cf. Delfosse, 1994:30). Os seus colegas cobiçam o elevado número de pacientes que tem e acusam-na de, em muitas casas, ser médica de família, não só das mulheres, mas também dos homens, o que para os seus colegas não era aceitável. Com efeito, um médico podia tratar tanto um homem como uma mulher doente; já uma médica só podia consultar as outras mulheres.

Com o passar do tempo começou a criar-se uma nuvem de inveja, desconfiança e ódio, de conspiração, enfim, em torno desta médica. Em 1892 é presa, juntamente com a sua governanta Anna Pfrunder. Sob a acusação de a ter ajudado a sua governanta na tentativa de se apossar indevidamente de uma herança.

Na prisão, a médica vê o seu sofrimento acrescido pela publicação de artigos difamatórios acerca da sua pessoa e sobre as mulheres formadas no ensino superior. Susanna Woodtli faz uma comparação deste processo com o da perseguição das bruxas:

Für Beobachter mit historischem Abstand gesehen, hat das ganze Unternehmen den Charakter eines mittelalterlichen Hexenprozesses, in dem die Akademikerinnen die Rolle der Hexen des 19. Jahrhunderts übernehmen mussten (Woodtli, 1983:84).

Na verdade, no romance *Die Wachsflügelfrau* é feita uma comparação semelhante: “Die Hexen sind zurückgekommen: Blaustrümpfig, rotstrümpfig mit kursgeschnittenen Titusköpfen. Sie radeln auf Velozipeden zur Universität” (*Die Wachsflügelfrau*⁵⁰:210). O curioso é o facto de durante o processo se falar mais em Caroline Farner do que na sua governanta, quando a herança, que era objecto de discussão, pertencia a Anna Pfrunder e não a Caroline Farner. Tanto a médica como a sua governanta são libertadas passado seis semanas por falta de provas.

Apesar dos artigos difamatórios, Caroline Farner não sofreu consequências negativas no seu consultório, muito pelo contrário: após ter sido presa, o número de pacientes aumentou significativamente. Durante a sua vida, Caroline Farner revelou sempre interesse pelo movimento feminista e no seu testamento deixou 30 000 francos suíços ao *Bund Schweizerischer Frauenvereine* e dois terços dos seus bens à instituição *Anna-Carolina-Stiftung*, uma fundação que visava ajudar raparigas com poucos recursos que pretendiam fazer estudos superiores.

⁵⁰ De futuro qualquer citação da obra será apenas designada pela sigla DW, seguida do número da página.

2.1.4 Helene Lange



Helene Lange⁵¹ nasce a nove de Abril de 1848 em Oldenburg, perde os pais ainda em criança sendo criada por um pastor evangélico no sul da Alemanha. Este rejeita por completo a ideia de Helene Lange tirar um curso de professora. Aos dezoito anos aceita um lugar num colégio em Petit Château, Alsácia, onde lecciona literatura e gramática alemã, obtendo em troca o direito de frequentar as aulas no colégio.

Além das matérias que vai aprendendo no colégio, Helene Lange esforçasse por adquirir conhecimentos na área da filosofia, história da literatura e da religião assim como história e línguas clássicas. Em 1867 trabalha como preceptora em casa de uma família em Osnabrück e em 1871 muda-se para Berlim onde se prepara para o exame de professora, vindo a trabalhar como professora particular.

Sendo a educação das raparigas uma das maiores preocupações de Helene Lange, integra o *Verein deutscher Lehrerinnen und Erzieherinnen* e em Berlim luta com elas para uma melhor instrução feminina.

Em 1887 entrega juntamente com outras mulheres uma petição ao Ministério da Educação da Prússia pedindo, por um lado, uma influência maior das professoras nas escolas públicas femininas, e por outro, uma formação científica para a profissão de professora. Em anexo juntam ainda a conhecida *Gelbe Broschüre*, elaborada por Helene Lange, na qual resume a sua opinião em relação à educação das mulheres. Um dos objectivos de Helene Lange é que as raparigas sejam instruídas por professoras e não por professores, uma vez que, na sua opinião, uma docente, além de compreender melhor as raparigas, também saberá lidar melhor com os seus problemas.

⁵¹ Sobre a figura histórica Helene Lange e a sua relevância na luta para uma melhor educação das mulher, vd. *supra*, p. 18-22.

Enquanto as mulheres do movimento feminista do proletariado exigem iguais direitos para homens e mulheres, Helene Lange e as suas congêneres são da opinião que o mais importante, e o primeiro passo para a emancipação da mulher, é estas terem uma boa instrução. Para o movimento feminista burguês, moderado, as mulheres têm de ter o direito a estudar, direito a uma formação profissional e a exercer uma profissão. A independência da mulher constitui uma das prioridades de Helene Lange, pensa que é através da educação e da formação que as mulheres conseguem ser independentes.

Em Outubro de 1889, Helene Lange abre em Berlim os primeiros cursos particulares para raparigas, designados *Realkurse*, equivalentes ao ensino secundário. Nestes cursos as raparigas adquirem não só conhecimentos na área das letras e das artes, como também recebem instrução na área das ciências naturais, área até então reservada aos rapazes. Em 1890 funda juntamente com Auguste Schmidt, o *Allgemeiner Deutscher Lehrerinnenverein* (ADLV), e em 1893 lança a revista mensal *Die Frau*, que se torna numa das revistas mais importantes do movimento feminista burguês: trata da situação social, política e económica da mulher⁵². No mesmo ano abre o primeiro liceu para raparigas e os *Realkurse* convertem-se em *Gymnasialkurse*. Lange passa a orientar apenas os cursos e deixa de leccionar. Além disso, ainda se ocupa na elaboração de artigos para o movimento feminista.

Em 1923 é-lhe concedido o título de Doutora *Honoris causa* pela Universidade de Tübingen. Helene Lange morre dia 13 de Maio de 1930 em Berlim.

⁵² Esta revista continua a ser publicada até 1944; catorze anos após a morte da sua fundadora.

2.1.5 Meta von Salis-Marschlins



A história de Meta von Salis assemelha-se muito à de Emilie Kempin-Spyri. Meta pertence a uma família aristocrata suíça; os pais, Margareta von Salis e Adalbert Ulysses von Salis-Marschlins, tiveram cinco filhos, mas apenas Meta e a sua irmã Pauline sobreviveram, o que terá sido um grande desgosto para o pai, principalmente por se ver privado de um herdeiro masculino.

Tal com Emilie Kempin-Spyri, também Meta von Salis tem uma inteligência à época considerada inesperada para uma rapariga: revela uma grande aptidão para a aprendizagem de línguas estrangeiras, tem uma excelente memória e lida sem medo com qualquer tipo de problemas. O pai de Meta von Salis sente por um lado orgulho na filha, mas por outro, o facto de ela ser rapariga irrita-o e deixa-o amargurado, não vendo com bons olhos a sua vocação intelectual.

À semelhança da sua congénere Emilie Kempin, torna-se, com o passar do tempo, cada vez mais teimosa e desobediente e aos dezanove anos sai de casa, sem quaisquer recursos económicos, ganhando o seu sustento com a leccionação em casa de aristocratas ingleses e alemães. A sua atitude leva porém o pai a mudar de ideias, e aos oitenta e oito anos autoriza a filha a estudar história na Universidade de Zurique. Em 1887 Meta von Salis é a primeira *doctor philosophiae* na Suíça. Contudo, não tira qualquer partido do diploma: além de não conseguir emprego também não ganha nenhum lugar mais privilegiado na sociedade.

Meta von Salis fica conhecida pelo seu artigo publicado no dia 1 de Janeiro de 1887 no jornal radical *Züricher Post*, intitulado “Ketzerische Neujahrsgedanken einer Frau”. No referido artigo apela a direitos iguais para as mulheres: “Stimmrecht und Wahlfähigkeit (aktiv und passiv) kommen ihr zu. Überall muss sie Zutritt haben: in der Verwaltungs-, Gesetzgebungs- und Gerichtsbehörde” (*apud* Woodlt, 1983:88).

Com um certo tom de ironia ainda adverte para o facto de que sem as mulheres não haveria homens na sociedade e que se numa sociedade são necessários ambos os sexos então também ambos devem ter os mesmos direitos (*apud* Woodtli, 1983:88).

Além deste artigo, publica algumas obras, uma das quais *Philosoph und Edelmensch*, sobre Friedrich Nietzsche, que Meta von Salis conhecia muito bem. Meta von Salis dedicou toda a sua vida à luta pelos direitos das mulheres, tendo no entanto a consciência de que os homens da sua geração não estão preparados para uma mudança nesse sentido.

Ao ser informada da prisão de Caroline Farner e Anna Pfrunder, tem a consciência de que tal facto se deve a um ataque ao sexo feminino, nomeadamente às mulheres licenciadas, às quais se tinha gerado na Suíça um ambiente de desconfiança e de inveja. Revoltada com a situação, apela aos amigos espalhados pelo mundo para estes escreverem cartas de protesto ao tribunal em Zurique para que este libertasse a médica e a sua governanta. Porém o resultado desta acção foi a prisão de Meta von Salis durante oito dias.

Tal como Caroline Farner, após ter sido presa, ganhou a simpatia do povo e quando chegou à sua terra foi recebida com música e flores. Meta von Salis ficou desiludida com a sua pátria e viveu a maior parte da sua vida isolada na Ilha Capri na Itália.

2.2 A construção da ficção no romance *Die Wachsflügelfrau*

Para a análise que vou fazer do romance de Eveline Hasler decidi apoiar-me, como atrás referi, especialmente em dois trabalhos sobre ficção biográfica e romance histórico, que considero especialmente relevantes, ou seja, a obra de Ansgar Nünning e a de Ralf Sudau⁵³.

A ficção biográfico e os romances históricos apoiam-se geralmente em documentos históricos, como cartas, relatos da época e diários, entre outros. Embora se trate de textos baseados em figuras e acontecimentos históricos, a apresentação é ficcional, assiste-se, assim, a um entrelaçamento de factos e ficção. Käte Hamburger refere a esse propósito que uma das características da palavra ficção é precisamente a transmissão de uma *aparente* verdade, mesmo tratando-se de um contexto romanesco completamente irreal (*apud*, Sudau, 1985:105).

Ralf Sudau designa as técnicas literárias de apresentar a ficção com o conceito de *Vergegenwärtigung*, ou seja, “presentificação”, lembrando que a existência da presentificação ficcional num texto não se prende com o tempo, mas é antes uma questão da forma como é narrado. De uma maneira geral, são os procedimentos da exposição cénica que provocam uma ilusão de imediaticidade.

Também os seguintes fenómenos apresentam, de acordo com Sudau, uma função presentificadora: além do discurso directo, do discurso

⁵³ Nünning, A.: Von der fiktionalisierten Historie zur metahistoriographischen Fiktion: Baustein für eine narratologische und funktionsgeschichtliche Theorie, Typologie und Geschichte des postmodernen historischen Romans e Sudau, R.: Werkbearbeitung, Dichterfiguren: Traditionsaneignung am Beispiel der deutschen Gegenwartsliteratur.

indirecto ou o relato de falas, também a transmissão de pensamentos concretos, de sentimentos e de apreensões sensoriais, a descrição da mímica e de elementos gésticos, a descrição evidente de pormenores situacionais ou climáticos e a descrição objectiva de acções secundárias do quotidiano (cf. Sudau, 1985:113).

Ainda um outro elemento de presentificação referido por Sudau é o recurso sistemático às perspectivas de diferentes figuras, e não apenas à do narrador. Esta técnica leva o leitor a identificar-se com as figuras, como se vivesse no seu interior. A perspectiva das figuras apresenta-se pelo uso do monólogo interior, relato de falas ou pela técnica de *stream-of-consciousness*.

Quanto a Nünning, ele parte do princípio de que o romance histórico e as biografias ficcionais têm vindo a ganhar popularidade nas últimas décadas, afirmando que se pode falar numa: “Renaissance der etwas verfrüht totgesagten Geschichte(n) und der Biographie in der zeitgenössischen Literatur und Kultur” (Nünning, 2002:545).

Segundo ele, as novas vertentes do romance histórico ligam a apresentação da história com formas de narrar experimentais, com elementos metaficcionais e com reflexões sobre a história e a historiografia. É frequente os romances históricos reconstruírem um processo ou acontecimento histórico ou a vida de uma figura histórica na literatura.

Nünning diferencia as formas inovadoras do romance histórico das mais tradicionais, designado as primeiras por “metaficção historiográfica”. As histórias com tendências metaficcionais fazem uma reflexão sobre a reconstrução e apresentação de um facto histórico. Já não se dá tanta ênfase ao acontecimento do passado em si, mas à reflexão que o historiador faz sobre a história (cf. Nünning, 2002:547).

Nesse sentido, faz uma proposta de divisão do romance histórico, começando por uma divisão em dois pólos extremos. No primeiro domina a heterorreferencialidade, isto é, trata-se de textos nos quais dominam os acontecimentos históricos comprovados, e no segundo predomina a autorreferencialidade. O domínio deste pólo assenta na ficcionalidade e nos elementos metaficcionais, ou seja, a relevância é dada às reflexões sobre a historiografia.

Nünning distingue cinco tipos do romance histórico: o romance histórico documental, o romance histórico realista, o romance histórico revisionista, o romance metahistórico e a ficção metahistoriográfica. Do primeiro ao último tipo passa-se gradualmente da predominância da heterorreferencialidade para a autorreferencialidade, da exposição histórica para uma reflexão sobre a história e as biografias, assim como da exposição da história no plano diegético para uma reflexão metafictional sobre os problemas da historiografia num plano extradiegético. Por outro lado, diminui o grau de coerência entre o modelo ficcional de história criado e o saber do historiador sobre a realidade assim como da intensidade da ilusão primária e de vivência.

Nesse sentido, penso que o romance *Die Wachsfügel Frau* se insere mais nas últimas tipologias. Embora a autora faça uma exposição da história também leva o leitor a reflectir sobre os acontecimentos históricos e a biografia em questão, havendo, até, a referência ao próprio acto da pesquisa por parte da autora e as suas considerações metaficcionais sobre a biografia que escreve.

Parece-me ainda oportuno referir a distinção que Regina Wegner faz relativamente ao romance histórico e ao texto histórico.

Tanto um historiador como um autor de um romance histórico se baseiam em factos históricos para a elaboração dos seus textos. O primeiro

faz uma pesquisa profunda e, tendo ao seu dispor uma variedade de documentos, selecciona o material que considera mais relevante para o seu trabalho. O segundo também faz várias pesquisas, no entanto, o seu trabalho, vai mais no sentido de reconstruir o passado de uma forma imaginária. Lukács lembra a esse propósito que o importante é ressuscitar de uma forma poética as pessoas que viveram numa determinada época no passado, e elucidar a sua forma de agir e pensar (*apud*, Wegner, 2001:18).

Vejamos, de seguida os critérios que Wegner propõe para diferenciar o texto histórico do romance histórico. Em primeiro lugar, lembra que o autor e o narrador de um texto histórico são idênticos, enquanto que no romance histórico, o autor pode optar por um narrador homo ou heterodiegético, podendo o narrador participar na acção. Também em relação ao leitor, distingue aquele que lê um texto histórico, que está interessado apenas nos factos, do leitor que lê um romance histórico, que está mais interessado na reconstrução de um acontecimento passado.

Relativamente ao tempo, Wegner refere que enquanto um texto histórico segue uma cronologia linear, o autor do romance histórico tem a possibilidade de variar a cronologia dos acontecimentos. Ainda em relação ao tempo histórico e ao tempo do discurso narrativo, afirma que no romance histórico há a possibilidade de variação de categorias discursivas, dentro das quais destaca a narração cénica, o diálogo ou as formas de apresentação de interioridade, como o monólogo interior, recursos que no texto histórico não são possíveis utilizar.

Por fim, lembra que o autor do romance histórico pode inserir na sua narração figuras fictícias, criando assim uma nova realidade (cf. Wegner, 2001:18-22).

Passarei agora à análise de romance *Die Wachsflügelfrau* na sua qualidade de romance histórico e de biografia ficcional.

2.2.1 O Título

Antes de passar à apresentação da obra, gostaria de aludir brevemente ao título do romance⁵⁴. Como referem Carlos Reis e Ana Cristina Lopes,⁵⁵ o título de uma obra constitui um elemento fundamental de identificação da narrativa. O autor coloca, assim, naturalmente um especial cuidado na escolha do título, pois este constitui a primeira abordagem ao texto, o qual irá não apenas despertar, ou não, o interesse do leitor, mas também, muito possivelmente, induzir uma primeira orientação das expectativas e da leitura interpretativa deste.

Sabe-se que os títulos dos romances de Eveline Hasler são tradicionalmente expressivos e polissémicos⁵⁶. À primeira vista, o título *Die Wachsflügelfrau*, que surge no frontispício da obra, não fornece muitas pistas acerca do conteúdo do romance, no entanto, juntando o subtítulo *Geschichte der Emily Kempin-Spyri*, que na edição DTV surge na primeira página interior, são possíveis novas informações e clarificações.

O título *Die Wachsflügelfrau* realça a importância duma figura feminina, anunciando-a como protagonista. Remete simultaneamente para um destino e para um mito, sugerindo a articulação dos elementos diegéticos com o registo simbólico/mitológico. Mesmo não tendo conhecimento do mito o leitor poderá relacionar o título *Die Wachsflügelfrau* com os conceitos de liberdade, autonomia e independência. A ideia de asas de cera, com a sua

⁵⁴ Para o estudo do título, das suas funções e de sua articulação com o texto sigo especialmente as sugestões de Carlos Reis e Ana Cristina Lopes. Reis/Lopes (2002).

⁵⁵ cf. Reis/Lopes (2002), Dicionário de narratologia, Coimbra, Livraria Almedina, (p. 415s)

⁵⁶ Alguns títulos da autora: "Tells Tochter – Julie Bondeli und die Zeit der Freiheit" (2004); "Aline und die Erfindung der Liebe" (2000), "Der Zeitreisende – Die Visionen des Henry Dunant" (1994), "Ibicaba – Das Paradies in den Köpfen" (1985), "Anna Göldin - Lexte Hexe" (1982).

inerente fragilidade é todavia perturbadora e indutora de uma ideia de perigo.

Todavia a articulação com o motivo mitológico de Ícaro e das suas asas surge no próprio texto, no qual a metáfora das asas e dos pássaros surge desde logo na mente de Walter Kempin. Chegado aos Estados Unidos da América, Emily deixa de ser o “schutzbedürftiger Vogel” (DW: 59) que tem de ser alimentado com o conhecimento do marido; as asas que lhe foram dadas primeiramente pelo pai e depois por Walter ganham força: “Jetzt hat sie ihn [Walter Kempin] überflügelt. Nie hätte er geglaubt, dass ihr so mächtige Schwingen wachsen könnten, stark genug, den Ozean zu überfliegen” (DW: 59).

Ao longo do romance, Emily Kempin Spyri, a mulher que quis voar mais alto do que a sociedade patriarcal oitocentista o permitia, será muitas vezes comparada à figura de um Ícaro no feminino, tanto pelas figuras do pai e do marido como pelo próprio narrador.

Também ela, quis voar mais alto e também ela é castigada por não ouvir os conselhos do pai. A figura do Dédalo encontramos-la no pai Johann Ludwig Spyri, o pastor que deixou a paróquia para se dedicar ao cargo de director na *Nordostbahn*. É o pai de Emily que ao longo da infância lhe vai dando as asas que lhe poderiam dar a liberdade total se ela não fosse uma rapariga: “Pfarrer könnte sie werden oder Advokat, wenn sie kein Mädchen wäre!” (DW: 30).

O pai nem repara que a filha se tornou uma mulher com ideias determinadas, que sabe bem o que quer. Emily, por sua vez, espera do pai aquilo que ele lhe não dá. Quando a filha lhe pergunta “Was soll aus mir werden?” (DW: 35) certamente que estaria à espera do seu apoio e não da resposta “Was du werden sollst? Ist das eine Frage? Schau dir deine Mutter an” (DW: 35).

Até mesmo a realização do desejo inicial de ser professora lhe é negada, deixando o pai inequivocamente claro o papel que se espera da mulher:

Die Physis der Frau, ganz auf Gebären ausgerichtet, eignet sich nicht für den öffentlichen Dienst. Das weibliche Gemütsleben ist Schwankungen unterworfen, die Kinder an der öffentlichen Schule aber brauchen Disziplin, eine feste, männliche Hand (DW: 36).

Apesar do pai reconhecer o talento da filha, é completamente contra a instrução das mulheres a nível superior, mesmo sabendo que a Universidade de Zurique lhes tinha aberto as portas. Emily parece seguir o conselho do pai, mas vai na realidade contrariá-lo ao casar-se com Walter Kempin. O pai perdoa-lhe esta pequena insubmissão, uma vez que Emily segue o destino de qualquer outra mulher burguesa, dando-lhe num curto espaço de tempo três netos.

A partir do casamento, é Walter Kempin quem assume o papel de Dédalo e dá força às asas de Emily, ao prepará-la para a *Maturaprüfung*. Todavia, tal como Ícaro estava preso no labirinto de Minos, Emily sente-se presa na sociedade em que vive, pois esta nega-lhe o direito, primeiro, de exercer qualquer profissão e, depois, de se tornar advogada.

Acabada de chegar aos Estados Unidos da América na esperança de uma vida melhor, longe do olhar do pai e das constrições da sociedade suíça, Emily, num impressionante monólogo interior, interpela o pai e declara-se profundamente esperançada numa nova vida, terminando num comentário em que o discurso directo dá lugar a um discurso indirecto e a uma psiconarração comentadora muito próxima do pensamento da figura:

Keine Regieanweisungen mehr. Da ist keine Schwester, keine Mutter, die diesen Weg schon einmal gemacht hätte. Keine Vorgängerin, in deren Windschatten sich leichter gehen ließe. *Kein Vater, der Ikarus Tiefen und Höhen verbietet, nur Mittelmaß zulässt.* Emily, erste europäische Juristin. Nach ihr werden andere Frauen kommen, Schwestern (DW: 21).

É aquando da chegada da família a Nova Iorque, que o leitor é informado directamente acerca do mito de Ícaro. Walter conta o mito aos filhos, comentando: “Fliege nicht zu hoch und nicht zu tief, immer mir nach! Keine neuen Luftbahnen, keine Kapriolen, keine Luftsprünge ...” (DW: 16)⁵⁷.

Retomando as breves considerações teóricas que no início do capítulo formulei acerca do título, permito-me acrescentar que enquanto o título de uma obra constitui uma peça fundamental, o subtítulo é um elemento facultativo. Cabe ao autor de uma obra decidir se quer ou não adicionar o subtítulo, de modo a clarificar o sentido do título⁵⁸, sendo que nos romances do século XIX, era muito comum o uso do subtítulo como estratégia literária, ligando assim a ficção ou a um contexto histórico ou às suas raízes factuais (Reis/Lopes, 2002:395).

Assim, a fronteira entre a ficção e a realidade dilui-se na sua evidência. O romance de Hasler, que retrata o destino de uma mulher do final do século XIX, opta também pelo gosto oitocentista de juntar um subtítulo ao título. Esta medida justifica-se também, uma vez que, o romance de Hasler faz uma ligação entre a realidade e a ficção, que o título

⁵⁷ Martina Dória faz uma comparação do quadro de Pieter Breughels *Landschaft mit dem Sturz des Ikarus* com o destino de Emily Kempin Spyri. O quadro retrata uma paisagem com um pescador que pesca sossegado e um agricultor que está a trabalhar perto do mar, não se apercebendo nenhum dos dois que Ícaro tinha caído ao mar e se estava a afogar. Também Emily foi uma pessoa ignorada pela sociedade até à sua morte (Dória, 2003:276-277).

⁵⁸ Como referem Carlos Reis e Ana Lopes, o subtítulo tem muitas vezes como objectivo clarificar o significado do título, sublinhar a importância de certos componentes diegéticos ou orientar a leitura (Reis/Lopes, 2002:394).

e o subtítulo também anunciam. Assim, se o título, *Die Wachsflügelfrau*, remete para a ficção, já o subtítulo *Geschichte der Emily Kempin-Spyri*, aponta para a realidade.

Tal como dizem Carlos Reis e Ana Cristina Lopes ao texto e subtítulo juntam-se também as epígrafes na qualidade de elemento paratextual de relevância semântica e que nessa qualidade convém observar (cf. Reis/Lopes, 2002:395-397).

Também no romance *Die Wachsflügelfrau* cada capítulo é precedido por uma epígrafe, que deve ser lida como uma indicação, mais ou menos metaforizada, sobre o que vai acontecer. Veja-se, a título de exemplo, a citação de Karoline von Günderode (1780 – 1806) no quinto capítulo: “Ich war schon lange auf Erden, jetzt fing ich an zu leben, und die Flügel des Geistes wagten den ersten Flug” (DW: 102). É neste capítulo que Emily decide tirar um curso superior, sendo o seu primeiro voo a decisão de estudar direito, curso até então exclusivamente frequentado por homens. Emily começa a viver uma vida nova, como se tivesse renascido: “Mit dem Studium kamen neue Seiten ihres Wesens ans Licht, als habe sie sich mit der Erde ein wenig um ihre eigene Achse gedreht. Sie blühte auf, spürte keine Ermüdung” (DW: 106).

As epígrafes escolhidas para o romance são de autores muito variados, desde a poetisa Karoline von Günderode à escritora e feminista Margaret Atwood (1939 -). Eveline Hasler escolheu para as epígrafes do romance autores do século XVIII até à actualidade, sendo que quase todas as epígrafes, com a excepção de uma, são de autoria feminina. A autora seleccionou autoras (e um autor) que de alguma forma se podem identificar com a vida de Emily Kempin Spyri, quer porque sejam feministas ou pessoas que se destacaram pela diferença na sociedade em que se inseriam.

Vejamos no seguinte, alguns dos autores das epígrafes inseridas no romance *Die Wachsfüßelfrau*.

Elinor Byrns (1876-1957) foi membro e fundadora da *Women's Peace Union*, uma associação de mulheres que lutou pela paz no mundo, também em parcial confluência de ideias com Emily Kempin-Spyri fez parte de associações de mulheres que ajudavam e davam apoio aos mais necessitados. Tal como Elinor Byrns diz: “I am a restless woman”, Emily também não tem paz nem sossego, nem nos EUA onde é uma mulher muito atarefada, com muitas responsabilidades e preocupações, nem na Suíça, onde esbarra constantemente contra barreiras que impedem a sua felicidade. Também interiormente Emily não encontra a paz.

Na poetisa romântica Karoline von Günderode, que se suicidou aos 26 anos, podemos encontrar alguns temas que a aproximam de Emily: Karoline foi uma jovem que viveu infeliz, sofreu uma história de amor e viu-se obrigada a assinar os seus poemas com o pseudónimo Tian, como forma de fugir às críticas da sociedade do seu tempo, que desconfiavam das mulheres que escreviam poesia. Karoline, tal como Emily, foi uma mulher que nasceu no século errado, quando mulheres talentosas não eram bem vindas.

A escritora e feminista Virginia Woolf (1882-1941) ocupou-se com injustiças feitas às mulheres. Na sua obra *A room of one's own*, aborda a situação das mulheres, questionando, a título de exemplo, o facto de as mulheres de classes sociais mais altas não poderem tirar um curso superior como os seus irmãos. A epígrafe que antecede o quarto capítulo é precisamente uma citação do referido livro.

Lembre-se que Emily passa por uma situação semelhante à que Woolf descreve, pois cresce num ambiente familiar burguês, em que as mulheres eram educadas para desempenharem o papel de mãe e de

esposa. Hasler ilustra bem essa situação no segundo capítulo, aquando da visita de Emily à tia Johanna. Enquanto a família tem planos para o futuro do primo Bernhard, planos esses que prevêem uma educação a nível superior, o mesmo não acontece com Emily.

Por fim, refira-se a única epígrafe retirada à obra de um autor masculino: o jurista Sir William Blackstone (1723-1780), que foi provavelmente escolhido por ser autor dos conhecidos *Commentaries on the law of England*. Os comentários de Blackstone oferecem uma introdução à lei inglesa, escritos de uma forma compreensível para qualquer pessoa. No Livro I, capítulo quinze dos Comentários à Lei da Inglaterra, Blackstone aborda a situação do marido e da mulher: “By marriage, the husband and wife are one person in law: that is, the very being or legal existence of the woman is suspended during the marriage, or at least is incorporated and consolidated into that of the husband”.⁵⁹

⁵⁹ cf. The Avalon Project at Yale Law School – Blackstone’s Commentaries on the laws of England – Book the First – Chapter the Fifteenth: Of Husband and Wife. <http://www.yale.edu/lawweb/avalon/blackstone/bk1ch15.htm>

2.2.2 A estrutura da obra

Antes de iniciar a apresentação do romance *Die Wachsflügelfrau*, publicado em 1995, parece-me oportuno fazer uma breve referência ao tempo e espaço, enquanto categorias narrativas.

Como já referi, a ficção histórica tende a explorar as amplas possibilidades das relações temporais. O tempo, como categoria narrativa, é importante em qualquer texto, e, no romance hasleriano torna-se um elemento estruturante de especial relevo. Como já referi, Regina Wegner, lembra que enquanto um texto histórico segue uma cronologia linear, o romance histórico pode variar a cronologia dos acontecimentos. (cf. Wegner, 2001:21) No romance *Die Wachsflügelfrau* tal facto fica bem explicito, pois a biografia de Emily Kempin-Spyri é contada a partir de tempos diferentes em blocos narrativos, interrompendo-se frequentemente a narração e saltando de uns blocos para os outros, mas recuperando-se sempre o encadeamento cronológico desde o ponto em que a acção ficará suspensa.

O romance está, assim, dividido em quatro fios narrativos, correspondendo cada um deles, como vimos, a uma diferente etapa diegética, e a uma diferente fase da vida de Emily, marcadas, quase sempre, pela mudança espacial e situacional e enquadradas pela referida moldura, em que se fala da busca que a autora empreendeu para chegar às informações sobre Emily.

A história de Emily Kempin abre com a protagonista internada em Friedmatt, os outros fios narrativos tratam a infância de Emily, a história de amor entre Emily e Walter e a suas vidas de casados e a ida para Nova

lorque até ao regresso à Suíça, fios que têm como datas iniciais de narração, respectivamente, 1899, 1865, 1873, 1888. Dentro dos fios narrativos, que se cruzem sem qualquer ordem aparente, a acção decorre de forma cronológica, com frequentes analepses a recuperar episódios anteriores da vida das personagens e também algumas prolepses.

Além destas variações temporais é também importante a variação espacial: os acontecimentos narrados decorrem maioritariamente em dois grandes espaços: Suíça e Estados Unidos, mas verificam-se também diversas mudanças a nível espacial tanto no espaço suíço como americano.

Se essa mobilidade corresponde às mudanças de cenários, que Emily realmente viveu, e tem por isso, o carácter de facto histórico, tais mudanças têm também dentro do texto ficcional uma dimensão simbólica e metafórica importante. Se por um lado, e numa perspectiva eufórica, podem ser vistas como sinal de mobilidade interior da heroína, verdadeira pioneira nas mudanças do seu tempo e arauto delas, também podem significar, numa perspectiva mais negativa, a incapacidade de adaptação de Emily, da sua instabilidade interior que conduzirá ao seu final funesto.

Lembre-se como no texto as constantes mudanças de casa do casal Kempin são causa de sofrimento para toda a família e motivo de critica por parte dos paroquianos de Walter que acusam Emily de não saber ocupar o seu lugar de mulher de um pastor dedicada e apagada, verdadeiro esteio da família e sinal de estabilidade e ordem.

Em seguida passo à descrição dos vários fios narrativos, começando com a última fase da vida de Emily na clínica psiquiátrica de Friedmatt. Antes ainda refira-se a moldura que remete, como disse para o trabalho da autora-biógrafa. Logo no início do romance o narrador identifica-se como sendo uma mulher: “Eine Frau stellt Nachforschungen an über eine Frau” que está a fazer uma pesquisa sobre uma mulher que não estava prevista

no tempo em que viveu e salienta que “...und die es heute, hundert Jahre später, immer noch nicht geben darf” (DW:6). No entanto, o narrador deixa bem claro que aquela mulher existiu mesmo:

Es gibt sie doch. Im Park der Friedmatt, auf den Kiesweg auf und ab gehend, sehe ich sie aus dem Blattschatten auftauchen: schmal geworden, in helle Baumwolle gekleidet. Es ist das Jahr 1899, Emily ist 46 Jahre alt. (...) Unter einem Baum steht sie still. (...) Hängesilberlinde, steht auf der kleinen Tafel am Stamm, der Baum, eine Seltenheit, vom Kantonsgärtner sorgfältig registriert: Hängesilberlinde Nummer fünf, auch das Alter durch Expertise festgesetzt. Hundertfünfzig Jahre, schätzt man (DW:6).

O espaço que aqui é descrito em 1899 é o mesmo em que a biógrafa se encontra quase cem anos depois. Assim a narradora comenta: “Ich darf Emily also unbesorgt unter ihr (Hängesilberlinde) spazieren lassen. Ich kann heute, im Jahre 1989, eine Broschüre kommen lassen mit dem Titel Bauminventar der Friedmatt” (DW:6).

Esta figura de narradora-biógrafa torna a surgir no último capítulo, repetindo as palavras proferidas no início do romance: “Es darf sie heute, hundert Jahre später, noch nicht geben, Emily Kempin-Spyri, erste Juristin” (DW.:260). Nas últimas linhas do romance revela ainda que teve acesso, por fontes não mencionadas, a um dossier onde encontrou vários relatórios médicos, cartas escritas por Emily Kempin-Spyri, que nunca chegaram aos seus destinatários. Pode dizer-se que este tempo faz uma moldura, dentro da qual é narrado a história biográfica da protagonista.

Em relação ao espaço, Carlos Reis e Cristina Lopes aludem a que o espaço como categoria narrativa “integra os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da acção e à movimentação das personagens”. O espaço descreve vários ambientes e cenários, mas

funciona de igual modo como domínio em estreita conexão com as personagens. Por meio de um procedimento técnico-narrativo como o monólogo interior, consegue-se uma ilustração sugestiva do espaço psicológico, limitado então ao cenário de uma mente eventualmente perturbada (cf. Reis/Lopes, 2002:136), como poderemos verificar nos monólogos interiores de Emily, assunto que irei retomar mais adiante.

Carlos Reis e Cristina Lopes mencionam ainda que o espaço pode também ser entendido como signo ideológico “quando é possível observar nele a presença variavelmente explícita de atributos de natureza social, económica, histórica” (cf. Reis/Lopes, 2002:136). O romance *Die Wachsfüßelfrau* está cheio de espaços ideológicos, sejam retratos do movimento feminista ou de problemas sociais, o que pretendo ilustrar no texto que se segue.

Emily Kempin na clínica psiquiátrica de Friedmatt

Este fio narrativo, que retrata os últimos anos de vida de Emily Kempin-Spyri na clínica psiquiátrica Friedmatt, começa em Dezembro de 1899 e termina com a sua morte em 1901. Ao longo dele Emily vai lembrando o seu passado: a infância, a adolescência, a vida de casada, a vida de estudante, a ida para os EUA e o regresso para a Suíça até ao seu internamento, dando início aquilo a que chamei os outros fios da narração.

A história de Emily começa no primeiro capítulo, com a apresentação da protagonista, que se encontra num hospital psiquiátrico, apresentação essa que é feita pela narradora e por ela própria numa carta que escreve com vista à obtenção de um lugar como empregada doméstica.

Emily encontra-se internada na Clínica Psiquiátrica há meses, privada de contacto com a família e os amigos, e manifesta o desejo de

exercer uma actividade útil, deixando bem claro que, apesar de ter tirado um curso superior, recebeu uma educação igual a de qualquer outra rapariga burguesa, tendo adquirindo todos os dotes de uma boa dona de casa.

Todavia esta carta, como muitas outras que escreve, não chega a sair da Friedmatt e Emily vive num estado de desespero por se ver presa naquela instituição sem poder fazer nada. As cartas que escreve não chegam aos seus destinatários e conseqüentemente nunca recebe uma resposta. Na clínica recusam-se a revela-lhe quem paga a sua estadia e é responsável pelo seu internamento. Cansada de se sentir presa, pede em Abril de 1900 a transferência para a Clínica Burghölzli em Zurique.

O desejo de Emily é ignorado e ela foge da clínica, ficando, o leitor a saber que já se trata da sua segunda tentativa de fuga, tendo a primeira ocorrido quando se encontrava num tratamento anterior.

Depois de ver gorada a sua tentativa de fuga, Emily fica cada vez mais sensível, sendo esta situação agravada pelo facto do tumor no útero se desenvolver cada vez mais, deixando Emily cheia de dores; na sua loucura Emily entende que o mal que tem na barriga é um homem, culpando, assim, a comunidade masculina pelo seu sofrimento.

Paralelamente com estas informações sobre as ocorrências, relativamente reduzidas, desta última fase da vida de Emily Kempin, o leitor é informado não só de algumas manifestações mais insólitas do seu comportamento e do seu pensamento, como também das suas opiniões sobre o seu próprio percurso biográfico. Vejam-se as referências ao artigo sobre as dificuldades com que as mulheres se têm de confrontar para conseguir conciliar o seu papel de esposa, mãe e profissional “weil ich es am eigenen Leib erfahren habe, wie unmöglich es ist, den verschiedenen Ansprüchen bei solchem Doppelberuf gerecht zu werden” (DW:128) e as

críticas de Emily às feministas que acreditavam que a dupla missão das mulheres se vive com naturalidade. Sabe-se também no romance que Emily se afastou do movimento feminista devido a divergências ideológicas, mas Emily declara que nunca se arrependeu de ter tirado um curso superior e de ter empreendido as suas lutas.

Este fio narrativo termina com a morte da protagonista.

A Infância de Emily Kempin-Spyri

O fio narrativo que retrata a infância e a adolescência de Emily Kempin-Spyri tem início na década de sessenta e termina por volta de 1871. Nele são apresentadas a família e as amigas de infância de Emily com destaque para o pai; são ainda referidos o papel da mulher burguesa na família e na sociedade e acontecimentos de cunho histórico da época ligados principalmente à questão feminina.

A acção começa no segundo capítulo, durante o qual nos é apresentada a família Spyri. Emily, os pais e os cinco irmãos. O pai, Johann Ludwig Spyri, revela-se desde logo como uma figura típica de patriarca burguês. A mãe, por sua vez, exerce um controlo apertado sobre os filhos e teme represálias por parte do marido.

Johann Spyri é pastor evangélico, mas é o seu passatempo na área da economia e estatística que lhe trazem reconhecimento social. Ao longo da vida e do romance vai-se tornando uma figura cada vez mais influente como presidente da Comissão Rütli e da *Schweizerischen Gemeinnützigen Gesellschaft* e também redactor da revista com o mesmo nome.

Apesar de estar sempre muito ocupado e não dar muita importância aos filhos, revela, paradoxalmente, nutrir uma grande admiração pela filha “Wie sie sich Respekt verschafft, hörst du? Pfarrer könnte sie werden oder

Advokat, wenn sie kein Mädchen wäre” (DW:30). O pai tem um desgosto muito grande por só ter um filho varão, o qual, por sua vez, não revela nem grande agilidade nem grande inteligência, tal como se esperaria de um rapaz. Já a filha, Emily, está revestida de todas as características que Johann Spyri admira; mas, por se tratar de uma rapariga, e se viver de acordo com essas características, nunca poderá contribuir para satisfazer o orgulho de pai. Enquanto Emily é uma criança e jovem adolescente, o pai elogia-a muito e o orgulho que sente é tanto que chega até por vezes a trata-la por “Emil”, como se ela fosse um rapaz.

Ao aperceber-se de que Emily já está uma mulher, o pai muda de atitude em relação a ela, pois acha que todas as características que nela admirava, como a teimosia, inteligência e agilidade, não se adequam ao retrato de uma mulher ideal.⁶⁰

Após ter concluído o ensino liceal, Emily, tal como qualquer outra rapariga burguesa, fica em casa a ajudar a mãe nas tarefas domésticas. Emily terá ainda de concluir um ano obrigatório numa escola em Neuchâtel, onde todas as raparigas da burguesia são instruídas no sentido de se tornarem boas donas de casa. Nessa escola aprendem, entre outras actividades, a cozinhar *gutbürgerliche Küche*, a falar francês e a tocar piano. Emily demonstra desgosto pelas tarefas domésticas, mas à pergunta: “*Was soll aus mir werden?*” (DW:35) obtém do pai a resposta própria da época: “*Was du werden sollst? Ist das eine Frage? Schau dir deine Mutter an!*” (DW:35). Também a intenção, apenas aflorada, de Emily

⁶⁰ Em relação as características associadas à masculinidade e feminilidade no século XIX veja-se o artigo de Karin Hausen no qual podemos constatar que as características associadas à masculinidade desde finais do século XVIII são as seguintes: força de vontade, coragem, determinação, autonomia, intransigência e inteligência. Já em relação à feminilidade associam-se traços, tais como: fraqueza, modéstia, inconstância, dependência, bondade, condescendência e sentimento (*apud* Kühne 1996:11).

vir a tornar-se professora, é peremptoriamente rejeitada pelo pai, que considera que o corpo da mulher está ajustado para conceber e dar à luz e não para exercer qualquer tipo de actividade na função pública.

Desde jovem que Emily revela ter uma mentalidade diferente da das outras raparigas burguesas, nomeadamente pelas suas expectativas de vir a desenvolver uma actividade profissional.

Também num encontro com a tia Johanna Spyri (1827-1901), figura histórica conhecida como autora do romance infantil *Heidi*, fica bem clara a forma como o futuro dos filhos, por um lado, e o das filhas, por outro, eram traçados. Assim, Bernhard Spyri, embora pretenda estudar música, está destinado ao curso de direito. Do mesmo modo que as raparigas burguesas tinham as suas vidas predestinadas, os rapazes também tinham de se submeter à vontade dos pais. Pelo contrário, a tia de Emily apresenta-se como uma pessoa mais flexível em relação ao desejo da sobrinha vir a ser professora, profissão mais aceitável para uma rapariga burguesa.

Após concluir o ano escolar obrigatório em Neuchâtel, Emily passa a ajudar a mãe nas tarefas domésticas. Mãe e filha têm opiniões diferentes no que diz respeito ao papel da mulher. Enquanto Emily considera um desperdício viver só para ser dona de casa, já a mãe, encarando o seu papel com naturalidade, acha que é a obrigação da mulher trabalhar "damit andere leben können" (DW:45).

Neste fio narrativo é dado destaque ao facto de algumas universidades terem aberto as portas às mulheres já na década de sessenta do século XIX. Informa-se o leitor de que por essa altura começam a chegar a Zurique cada vez mais mulheres, principalmente russas, com o objectivo de tirar um curso superior. A opinião masculina sobre a formação universitária para as mulheres chega-nos através da figura de Johann Spyri, cujas ideias magoam Emily, que sonha tirar um curso superior e observa

com inveja e admiração as estudantes russas, nomeadamente a futura médica Suslowa.

Que a crítica a estas estudantes, principalmente estrangeiras, vinha também da boca das mulheres fica bem patente através das palavras de Bertha, uma amiga de Emily: “So etwas ausgefallenes wie eine Studierende will keiner heiraten, sagen meine Eltern” (DW:47). Tendo o matrimónio como objectivo último, as jovens burguesas levavam este tipo de aviso muito a sério.

Quando Emily manifesta o desejo de tirar um curso superior, o pai, escandalizado, apressa-se a desiludi-la, tornando bem claro que ela nem sabe latim, nem frequentou uma escola secundária, nem possui o diploma da *Matura*, necessário para poder entrar na universidade. A mãe, por sua vez, não leva as palavras de Emily muito a sério, acreditando que a ideia lhe irá passar assim que conhecer o “homem certo”.

Também uma mulher moderna, como Johanna Spyri aparenta ser, acha que o verdadeiro lugar da mulher é no lar. À pergunta de Emily sobre a possibilidade de vir a ter aulas de latim, a tia responde que na *Höhere Töchterschule* há um curso básico de línguas, que a sobrinha deveria frequentar. “So bist du in der Lage, deinen Kindern später bei den Hausaufgaben zu helfen. Die Ausbildung der Frau soll der künftigen Familie dienen” (DW:50).

Como disse, ao longo do texto, vai sendo feita referência a acontecimentos da época que permitem situar a acção no tempo narrado. No segundo capítulo, recua-se até 1839 de onde nos chega a informação da figura histórica do antístite Johann Füssli (1792-1860), responsável pela marcha contra o governo em 1839:

An jenem Septembertag haben die Frommen die Regierung einfach hinweggefegt, der 31jährige Strauss wird mit tausend Franken Pension in den Ruhestand versetzt, doch schon 1845 haben die Liberalen wieder Einzug in Zürich (DW:32).

No mesmo capítulo é ainda referida a terceira epidemia de cólera que afectou a Suíça em 1867: "...die Cholera wütet in Zürich, 450 Menschen sind ihr in kurzer Zeit zum Opfer gefallen" (DW:34).

Este fio narrativo, relativo à adolescência e à primeira juventude de Emily, fecha com uma cena de valor metafórico e reflecte o desejo de liberdade de Emily: "Emily schwimmt, schwimmt wie um ihr Leben ins offene, in diese flimmernde Grelle" (DW:50).

Emily Spyri e Walter Kempin

O fio narrativo que retrata a vida de Emily Spyri e de Walter Kempin, ainda em solteiros e depois de casados, começa em 1873 e termina em 1888 com a ida da família Kempin para os Estados Unidos. Nele são abordados vários temas: a vida de casada de Emily Kempin-Spyri, a vida de estudante, as discriminações em relação às mulheres estudantes, e dá-se especial relevância à personagem Walter Kempin. São também objecto de tratamento alguns acontecimentos históricos.

O fio narrativo começa com uma analepse de Walter quando está, nos Estados Unidos, e se lembra do dia em que conheceu Emily, recuando assim quinze anos no tempo.

Walter Kempin, um teólogo promissor mas a quem Johann Spyri condena a origem social e o empenhamento em favor dos pobres, conhece Emily Spyri no verão de 1873. Walter não agrada também ao pai de Emily

pela compreensão que demonstra ter para com a situação das mulheres, nomeadamente no que diz respeito ao acesso à cultura.

Contrariando a vontade do pai e mesmo ameaçada de perder o dote, Emily casa-se com Walter Kempin em Julho de 1875, o qual virá ajudar-lhe a preparar-se para o exame de entrada na universidade. Na década de setenta Walter viveu o auge da sua carreira: pastor na paróquia da Enge desde Agosto de 1875 e temporariamente reconciliado com o sogro, é por este nomeado co-redactor da revista *Gemeinnützigen Gesellschaft*, criando também a sociedade filantrópica *Hülfsverein*. Poucos anos depois, em 1880, Walter consegue expor as suas ideias com vista aos cuidados de enfermagem gratuitos; em 1881 funda a revista *Blätter und Blüthen* e em 1882 funda o *Centralverein des Schweizerischen Rothen Kreuzes*.

Todavia Emily, dedicada ao seu papel de esposa e mãe de três filhos, é obrigada a uma vida de grandes limitações económicas, ao mesmo tempo que pressente que Walter não conseguirá manter por muito tempo o seu cargo de pastor.

Com a consciência da falta de sucesso de Walter, da precariedade do cargo que ele ocupa, Emily decide estudar latim e matemática, preparando-se para tirar um curso que lhe permita ajudar o marido a garantir o sustento da família. Entusiasmada por um professor da faculdade a estudar direito, Emily despreza o conselho de Walter, que acha que ela deve estudar enfermagem, um curso próprio para mulheres. Surpreendentemente, nem a própria tia Johanna a apoia, lembrando-lhe que o seu papel é o de esposa e mãe.

No verão de 1884, Emily torna-se a primeira mulher a frequentar o curso de direito na Universidade de Zurique, universidade essa onde a presença feminina já se vinha tornando um hábito. As futuras médicas

Marie Heim-Vögtlin⁶¹ (1845-1916), Karoline Farner (1842-1913) e Franziska Tiburtius⁶² (1843-1927) são algumas dessas mulheres que surgem referidas no romance.

Após iniciar a vida de estudante, Emily sente-se melhor, mas sente a angústia de se ver obrigada a desempenhar paralelamente o papel de dona de casa, esposa e mãe. A família de Emily, principalmente o pai e a sociedade em geral, com destaque para os paroquianos de Walter, reagem com menosprezo.

Walter virá a ser obrigado a renunciar ao cargo na paróquia, por um lado porque as suas ideias filantrópicas chocam com as mentes muito conservadoras, por outro, porque demonstra um certo desleixo no cumprimento nos seus afazeres, situação que é agravada pelo facto de consentir que a mulher frequente um curso “destinado a homens”. Dessa forma a família vê-se obrigada a deixar a casa na Enge para ir morar para Zurique. Desempregado e sem o apoio da comunidade, Walter vai para Remscheid à procura de emprego.

Também a nível profissional Emily se sente discriminada e sofre grandes reveses, por exemplo, quando é proibida de representar Walter em tribunal, por ser uma mulher. No romance dá-se especial destaque a esta

⁶¹ Marie Heim-Vögtlin foi a primeira mulher suíça a formar-se em medicina e também a abrir o primeiro hospital para mulheres. No romance é inserido um texto documental no qual Marie Heim-Vögtlin descreve a sua experiência aquando estudante na faculdade de medicina: “...wenn sie [männliche Studente] mich kommen sehen, gehen voraus, mir die Türe zu öffnen, und stehen dann, die Mütze in der Hand, da, bis ich eingesegelt bin” (DW:107-108).

⁶² Franziska Tiburtius, natural da Alemanha, começou a trabalhar como governanta e educadora antes de se formar em medicina na Suíça, já que as universidades alemãs não aceitavam mulheres. Após concluir a licenciatura lutou pelo acesso das mulheres ao ensino superior na Alemanha. Franziska Tiburtius abriu juntamente com uma colega Emilie Lehmus (1841-1932) um consultório médico em Berlim. Durante anos tiveram de lutar contra os preconceitos dos médicos alemães. Ao contrário de Marie Heim-Vögtlin, esta médica teve uma experiência menos positiva quando foi assistir às aulas pela primeira vez: “Als wir eintreten, war der Saal dicht gefüllt, auch von den anderen Fakultäten zahlreiche Mitläufer, und es erhob sich ein wüster Lärm, Schreien, Johlen, Pfeifen u.s.w: da hieß es, ruhig Blut bewahren” (DW:107).

cena, em que o juiz lhe explica que para exercer advocacia não é necessário uma cédula profissional, o único requisito é a actividade jurídica plena, afirmando ainda com um tom de ironia: “Sie können studieren, soviel Sie wollen. Trotzdem werden Sie nie Anwalt. Sie haben nämlich einen kleinen Fehler, Frau Kempin: Sie sind eine Frau” (DW:140). Emily defende-se e cita o artigo 4 da BV: “Jeder Schweizer ist vor dem Gesetze gleich. Es gibt in der Schweiz keine Untertanenverhältnisse, keine Vorrechte des Orts, der Geburt, der Familie oder Personen” (DW:140).

Porém os seus argumentos não são considerados; o juiz deixa bem claro que o único requisito é a actividade jurídica plena e que Emily, sendo mulher, não tem esse direito e informa-a ainda de que o artigo que citou não fala nas suíças mas sim nos suíços.

Após este acontecimento, o jornalista e político, Theodor Curti (1848-1914) aconselha Emily Kempin a solicitar na sua contestação a apresentação de uma cédula profissional para o exercício da advocacia, cédula que lhe será negada algumas semanas mais tarde.

Depois da resposta negativa do tribunal federal, Emily ganha cada vez mais a simpatia da imprensa, graças aos artigos escritos por Curti. Na Universidade também recebe apoio, por exemplo, de Meta von Salis⁶³ (1855-1929) que se mostra indignada com a resposta do juiz.

Emily entrega em Maio de 1887 a sua dissertação “Die Haftung des Verkäufers einer fremden Sache” e em Junho licencia-se aos trinta e quatro anos, aceitando de imediato emprego como assistente do jurista e professor Meili, para poder sustentar a família, já que Walter não tem sucesso em Remscheid e não envia dinheiro para a família.

⁶³ Sobre a figura de Meta von Salis-Marschlins vd. *supra*, p. 61-63.

Meili, que se vem a revelar um grande opositor da causa feminina, parece não ser o único opositor a mulheres docentes. Quando um professor da universidade se apercebe de que Emily está a substituir o Professor Wächter, leva o caso ao conselho da faculdade.

No verão de 1888, Emily é convidada a visitar Berlim, onde se encontra com várias personalidades, como, por exemplo, Helene Lange (1848-1930), Auguste Schmidt (1833-1902) e até a Imperatriz Viktoria (1840-1901)⁶⁴. No encontro discute-se a situação do ensino das raparigas na Alemanha, que, sabidamente, não podiam fazer o exame *Abitur* e para tirarem um curso superior tinham de ir para outro país, por exemplo, a Suíça. Lê-se no romance que, por esse razão, Helene Lange pretende com a ajuda do *Allgemeiner Deutscher Frauenverein* (ADF) providenciar em Berlim *Realkurse* para mulheres, preparando-as para a *Maturaprüfung* na Suíça.

Desiludida com o fracasso do escritório para questões jurídicas que abre com o marido, Emily, entusiasmada por um artigo de Curti acerca da primeira advogada na Bélgica, Popplin, e de Belva Lockwood⁶⁵, a primeira jurista nos Estados Unidos da América, decide partir com a sua família para os Estados Unidos.

Repare-se como nesta passagem são referidos três acontecimentos históricos: o desabamento em Arthe, em 1806, que fez 457 vítimas mortais assim como o desmoronamento em Elm, que na verdade só ocorreu em 1861, e que fez 115 vítimas mortais. Faz-se também referência ao incêndio

⁶⁴ Todas estas figuras históricas se empenharam no sentido de melhorar o ensino para as raparigas na Alemanha. A título de exemplo a Imperatriz Viktoria abriu várias escolas em Berlim para formarem raparigas assim como escolas para enfermeiras.

⁶⁵ Tanto a figura histórica Marie Popelin (1846-1913), que se formou em direito na Bélgica em 1888, como a Norte-americana Belva Lockwood (1830-1917) foram ambas impedidas a exercer advocacia em tribunal e tiveram de enfrentar uma longa luta para que esse direito lhes fosse concedido.

em Glarus em 1861 que destruiu 500 casas. Estes acontecimentos são relevantes na medida em que causaram no século XIX uma grande onda de solidariedade e espírito de união.

Além dos factos e das figuras históricos já referidos, Hasler introduz no texto ainda outros factos e referências históricas. No quarto capítulo faz referência a Alfred Escher (1819—1882),⁶⁶ figura conhecida, que tinha cargos que lhe conferiam um bom estatuto social. Porém quem no romance é destacado não é tanto o pai mas a filha Lydia e o seu destino premonitório. Lydia Escher fugiu com o pintor Stauffer, devido a esse atrevimento, Lydia é dada como doente mental, deixando o narrador um comentário crítico: “Alles aus der Norm Fallende wird geahndet” (DW:97). É ainda mencionada a febre tifóide que em 1884 vitimou 1600 pessoas, epidemia que resultou da falta de higiene no sistema das águas. Assim, fica mais uma vez demonstrado o destaque que o romance dá factos históricos que permitem conhecer e denunciar problemas sociais da Suíça oitocentista.

A ida para Nova Iorque e o regresso à Suíça

A acção do quarto fio narrativo começa no Outono de 1888 com a chegada de Emily acompanhada da família a Nova Iorque e termina com o internamento de Emily Kempin na clínica psiquiátrica em Lankwitz no Outono de 1897. Esta acção decorre em três grandes espaços: Estados Unidos da América, Suíça e Alemanha e retrata o caminho corado de êxito de Emily Kempin-Spyri, assim como a sua queda, que conduz à depressão

⁶⁶ Veja-se sobre esta figura o artigo de Ernst Gagliardi (Jaeckle/Stüble, 1990:336-340).

e à loucura. À semelhança de outros fios narrativos, também este é rico em referências a ocorrências e a figuras históricas.

Durante a viagem de barco para os Estados Unidos, Emily trava conhecimento com Fanny Weber, pessoa influente da sociedade nova-iorquina e empenhada na criação da *Arbitration Society*. Fanny Weber, além de ajudar a família Kempin a integrar-se na sociedade nova-iorquina, irá oferecer a Emily trabalho na *Arbitration Society*; trabalho esse que Emily acumula com assistência a aulas na faculdade de direito. Embora Fanny Weber e as suas cooperantes remetam para Emily Kempin-Spyri todos os casos jurídicos que surgem na *Arbitration Society*, ela não pode ir a tribunal, já que por ser estrangeira, lhe é vedado exercer advocacia nos tribunais de Nova Iorque.

Todavia, Emily constata que também as mulheres sofrem nos Estados Unidos discriminações face aos homens, não tendo ainda, na grande maioria dos estados, direito nem a voto nem à frequência universitária.

Assim surge o projecto da *Woman's Legal Education Society* destinada a formar mulheres na área do direito, que vem a concretizar-se. Emily é convidada a proferir conferências, torna-se secretária da *Medico Legal-Society*, colabora na fundação de um curso de direito para mulheres, que vem a ser reconhecido pela universidade, e lecciona também num curso regular da faculdade de direito. Todavia continua-lhe vedado o exercício da advocacia, por ser estrangeira.

Enquanto Emily se integra na sociedade americana, relacionando-se com mulheres como Mary Putnam Jacobi⁶⁷ e Martha Buell Munn (1856-1926), entre outras, Walter Kempin, embora admirado pelas amigas de

⁶⁷ Mary Putnam Jacobi era médica, escritora e sufragista.

Emily pelo apoio que deu à mulher, sente-se perdido na América, onde não consegue encontrar trabalho, e acaba por regressar com os dois filhos mais velhos à Suíça.

No início da década de noventa, Emily está sozinha com a filha Agnes em Nova Iorque, já que Walter e os dois filhos mais velhos regressaram à Suíça, e reconhece que não sente saudades do marido.

Um telegrama de Walter no dia da entrega dos diplomas às primeiras mulheres formadas na *Woman's Law Class* ensombra a felicidade da jovem professora: a notícia de que o seu filho está gravemente doente leva Emily a regressar de imediato à Europa, ainda com a intenção de voltar aos Estados Unidos da América depois das férias, mas acaba por não o fazer.

Após uma luta feroz, Emily tem de recomeçar a vida e lutar pelos seus objectivos. O Professor Meili convida Emily para trabalhar no seu escritório, mas ela prefere trabalhar com Walter, que abriu um escritório de assuntos jurídicos. No entanto, Walter, que frequenta ainda o curso de direito, não tem muito sucesso com o seu escritório. Apesar de trabalhar com o marido, Emily faz um requerimento à universidade, pedindo autorização para leccionar Direito Romano, Inglês e Americano, o que lhe vem a ser concedido.

Seguem-se convites para palestras e artigos na Alemanha e para colaborar na feitura do *Bürgerliches Gesetzbuch*. Apesar de todo este sucesso, e da aparente inversão de papéis, já que Walter se torna seu aluno na faculdade, Emily mesmo licenciada e com experiência, apenas se pode designar *Rechtskonsulentin*, enquanto Walter, que nem sequer concluiu o curso, pode designar-se advogado e representar e defender clientes em tribunal.

Em Outubro de 1891, Emily entrega uma petição ao Conselho do Cantão de Zurique, pedindo a admissão das mulheres na carreira jurídica, pedido este que é indeferido.

Habitando agora uma nova casa, maior, onde se situam também os escritórios, Emily sente compaixão por aquelas mulheres que não têm recursos económicos para a procurarem, decidindo, por esse motivo criar, uma sociedade para ajudar pessoas desfavorecidas.

No décimo capítulo, o leitor tem acesso à situação do movimento feminista na Alemanha. Helene Lange conseguiu abrir liceus para raparigas, tanto em Berlim como em Leipzig. O narrador faz ainda um comentário em relação ao neurologista Möbius, que defendia que as mulheres eram criaturas imbecis, porque o seu cérebro era menor do que o de um homem idiota.

Também nos discursos que Emily faz na Alemanha manifesta o desejo de formar uma associação que defenda as mulheres sem recursos económicos e alerta para que o movimento feminista não pode pôr de parte as mulheres de extractos sociais mais baixos, dando-se conta do estado da situação feminina na Alemanha

Segue-se a relação de Emily com Mathieu Schwann, que levou Emily à sua queda final. Emily, que após ter conhecido Schwann, ganha coragem para se separar de Walter, vê o amante interessar-se pela sua filha Gertrud, a qual muito jovem ainda, vem a ficar grávida do seu sedutor e a afastar-se da mãe.

A relação de Gertrud e Emily Kempin com Mathieu Schwann torna-se caso publico, após a publicação do artigo escrito por Ricarda Huch (1864-1947), e escandaliza a sociedade da época.

Em vez de encarar os problemas que esta situação causou, Emily decide fugir: pede dispensa temporária dos seus cargos na faculdade assim

como da *Höhere Töchterschule* e, já com 43 anos, vai viver para Berlim em busca de descanso.

Em Berlim, Emily Kempin encontra-se com Helene Lange⁶⁸ e acompanha-a na sua actividade na associação de mulheres *Bund Deutscher Frauenvereine*. Contudo, a intervenção de Emily a prepósito do BGB não é recebida pelas mulheres da mesma forma a que estava habituada. Emily não consegue fazer face a uma série de responsabilidades económicas que sobre ela recaem e é obrigada a apresentar a sua demissão à Universidade de Zurique, após uma longa ausência. Por fim, o filho é despedido, porque os patrões tiveram conhecimento de que a irmã solteira estava grávida, a filha mais velha comunica-lhe que se vai casar com Mathieu Schwann e é-lhe diagnosticado um tumor no útero.

Após a partida da filha Gertrud, Emily, enfraquecida a nível psicológico e com poucos recursos económicos, fica sozinha com a filha mais nova, e entra em colapso.

A carta que Emily recebe de Curti a comunicar-lhe que a sua moção foi deferida e que a partir do ano seguinte pode finalmente realizar o seu maior sonho, que é o de ser advogada, é o desmoronamento de Emily Kempin-Spyri, que reage com emoções fortes, num discurso em que a sua perspectiva orienta a voz do narrador: “zu spät, ihre Kräfte aufgebraucht. Sie müsse die Ehre ihrer Schülerin, der Mackenroth, überlassen” (DW:256).

Emily fica doente e acaba por ser internada em Lankwitz, supostamente por três semanas, para repousar, mas como é sabido, nunca regressa. Curiosamente, em 1898, quando por lei poderia exercer advocacia, é dada como incapaz.

⁶⁸ Sobre a figura de Helene Lange vd. *supra*, p.58-60.

2.2.3 A ficcionalização

Na última parte do meu trabalho irei concentrar-me principalmente na forma como Hasler constrói a sua ficção, observando as técnicas narrativas que utiliza e a forma como contribuem para a constituição do sentido do texto.

Como já referi, os romances históricos baseiam-se frequentemente em documentos e figuras da época a que se reportam. Pretendo no seguinte analisar as técnicas de construção frequentes no romance hasleriano e também comum na ficcionalização histórica. Elemento importante na forma como Eveline Hasler constrói a sua ficção é a inserção na narrativa de textos documentais, na forma de montagens e colagens de citações, as quais no caso do romance em apreço se identificam através da utilização de itálico. A fonte destas passagens é por vezes revelada no próprio corpo do romance, como podemos ver na seguinte citação logo no capítulo inicial: *“Besagte Dame war gar nicht an unserer Klinik, es findet sich weder eine Krankengeschichte noch eine Karteikarte, **schrieb mir im Juni 1989 Professor W.P.**”* (DW: 5-6).

Outras passagens não são identificadas no próprio texto, no entanto, a autora explica no final do romance que a utilização das passagens em itálico se reportam a documentos da época, agradecendo também aos vários arquivos e bibliotecas a colaboração no trabalho de pesquisa desenvolvido.

O romance é rico em textos documentais, sejam citações, cartas, artigos de revistas, artigos de jornais, partes de discursos ou actas, excertos de livros ou simplesmente colagens de palavras soltas. Em alguns casos os textos documentais sofreram alterações quer a nível da construção da frase

quer do tempo verbal e noutros casos estamos perante traduções dos textos documentais originais.

Estas passagens enriquecem o texto ao mesmo tempo que conferem um elevado grau de autenticidade à ficção. No entanto, apesar da inserção de textos documentais, a lógica da ficção continua a prevalecer, uma vez que os textos foram previamente seleccionados para o efeito pretendido e são estrategicamente inseridos no texto. Coexistem assim acções históricas e ficcionais, todas elas dependentes da voz do narrador e por ela manipuladas.

Permito-me aqui apresentar alguns dos textos documentais inseridos na narrativa, sendo o primeiro a carta que Emily Kempin-Spyri escreveu em Julho de 1899, na clínica psiquiátrica e na qual pede emprego como empregada doméstica na casa de um padre:

Jetzt schreibt sie den Bewerbungsbrief ins reine. Zum dritten Mal. Reiner wird er nicht mehr. (...) Ich bin vollkommen mittellos und alleinstehend; von meinem Manne schon seit Jahren getrennt meine Kinder sind in der Welt herum zerstreut, meine Beziehungen zu Freunden und Verwandten abgebrochen. Die letzteren haben sich meines Studiums der Jurisprudenz wegen schon seit 15 Jahren von mir gewandt (...) Hochachtungsvoll ergebenst, Frau Dr. Emily Kempin (DW: 8-9).

A inserção desta carta na narrativa detém múltiplas funções e revela uma hábil utilização do documento. De facto, por um lado esta carta aproxima o leitor da história narrada, envolvendo-o com o texto e com a realidade de que este dá testemunho; por outro, revela desde logo o destino de Emily Kempin-Spyri, servindo como uma apresentação da personagem, a que o facto de ser feito pela sua própria pessoa intensifica também o grau de veracidade.

Ao longo da narrativa encontramos outros exemplos de cartas escritas por Emily que constituem um testemunho histórico; veja-se, a título de exemplo, no capítulo oitavo, o pedido de Emily à admissão a provas de doutoramento, ou ainda, no nono capítulo, a carta que Emily escreve em Abril de 1900 ao *Regierungsrath Nägeli* em Zurique, a pedir a transferência do internamento da clínica psiquiátrica em Basel para uma clínica em Zurique.

Vejamos agora a introdução de partes do artigo “The Alienist and the law”, já no capítulo três. A frase antes da citação de uma parte do artigo de Emily: “Sie hat ihre Rede erst in deutscher Sprache geschrieben, dann mit dem Wörterbuch in der Hand übersetzt” (DW:69) não pode ser senão ficção, pois Hasler não teve acesso a essa informação, mas imagina que tal poderá ter acontecido. O referido artigo é inserido em pequenas partes, alternando com passos em que o leitor tem acesso à vida familiar de Emily nos Estados Unidos da América.

Apesar de se tratar neste passo de um texto documental e todo o espaço narrativo remeter aparentemente para a realidade, estamos de facto face a uma ficção, pois, como já referi, a autora não teve acesso a documentos sobre o quotidiano de Emily Kempin-Spyri, que aqui transcreve. Hasler constrói a ficção de tal forma que o leitor fica com a sensação de que se está a movimentar na casa de Emily Kempin-Spyri no final do século XIX.

Repara-se como neste passo Emily se torna figura reflectora, acompanhando-a o leitor no seu deambular pelo corredor, ao mesmo tempo que o texto avança.

Emily ging, ihren Vortrag memorierend, im Flur auf und ab. Sie hatte ihre Rede erst in deutscher Sprache geschrieben (...): *I think to highly of the office of law and justice in social life to recommend indulgence in any weak sentimentality. But I wish to point out in this connection, that the philosophers themselves are still at variance as between*

Predestination and Free Will... Der Flur ist verwinkelt, fensterlos. Lässt man die Türen gegen Küche und Wohnzimmer nicht offen, steht man im Dunkeln. Wie hat man nur die Bodendielen, die Holzverkleidung im unteren Teil der Wände sepiabraun streichen können? *Nowhere does the difference existing between these two schools come more conspicuously to light than in the administration of criminal law* (DW:69).

Repare-se ainda na inserção de partes do livro *Heinrich Emanuel* no capítulo onze, onde o entrelaçamento entre o facto e a ficção fica mais uma vez evidente:

Das Buch >Heinrich Emanuel< im Haus bald allgegenwärtig. Überall muss die Mutter sich danach bücken: im Flur, auf dem Sims neben dem Französisch-Lehrbuch. Am Morgen liegt es offen neben Gertruds ungemachtem Bett. Sie hebt es auf, liest stirnrunzelnd die angestrichene Stelle: *Liebe ohne Sinnlichkeit ist keine Liebe mehr, sondern verschrobenes Geschwafel*. Sie blättert, findet weiter hinten angestrichen: *Ein Mensch, der liebt, untersteht der Konsequenz der Gefühle. Er kann nicht sagen, an diesem oder jenem Punkt hörst du auf*.

Alles, was du willst, Liebling, sagte Adda zu ihrem Geliebten. Emily ist alarmiert. Der Sinnesrausch, der sie eben noch ergriffen hat, soll nicht auf die Tochter überspringen (DW:239).

Sabe-se que Hasler teve acesso a um documento escrito por Ricarda Huch no qual é mencionada a paixão de Gertrud por Mathieu Schwann (vd. DW:240). A autora aproveitou esta informação e criou uma situação plausível, com o comportamento de uma jovem adolescente apaixonada que lê um romance muito popular na época e que trata a importância da sensualidade do amor. O leitor acha natural que Gertrud tenha sublinhado algumas partes do livro, tal como o faria outra jovem da sua idade, assim como é também plausível a reacção da mãe ao aperceber-se da paixão da filha por um homem mais velho e por quem ela própria estava apaixonada. Porém, a autora não teve certamente acesso a documentos históricos

reveladores destes pormenores, estando o leitor perante mais um entrelaçamento dos factos e da ficção.

Como exemplo da hábil manipulação de um texto documental vejamos no quinto capítulo a transcrição de um excerto de uma carta escrita por Johanna Spyri a Emily Kempin-Spyri:

Zum ersten Mal dachte sie hadernd: Wenn ich mein Studentenleben leben könnte wie Cousin Bernhard! Johanna hatte es in einem Brief beschrieben: *Nach vollendetem Gymnasium besuchte er die Universität Zürich, Leipzig und Göttingen, wo er bei hervorragenden Rechtslehrern brav studierte und sich daneben der Freiheit und Poesie des Studentenlebens in erlaubter Fröhlichkeit hingab ...* Aber ich bin eine Frau, habe Kinder (DW:109).

Trata-se de uma passagem de uma carta de Johanna Spyri que surge inserida no monólogo interior de Emily. A utilização do discurso indirecto para transcrever as palavras da tia revelam um distanciamento de Emily face ao narrado. Esse distanciamento que à primeira leitura poderá decorrer de uma certa inveja de Emily face ao destino masculino de liberdade que lhe é vedado, revela-se a uma leitura mais atenta, sinal de um distanciamento face à actividade da tia que obriga o filho a estudar direito, contra a vontade deste.

No oitavo capítulo deparamo-nos com a inserção de um artigo publicado no jornal *Mail and Express*, traduzido para este efeito pela autora:

Formulierungen, wie sie vor Weihnachten >Mail and Express< gebracht hatten, mussten die alteingesessenen Professoren hellhörig machen: *Doktor Emily Kempin, selbst an der Columbia und an der University of New York zurückgewiesen, wolle die Frauen befähigen, wie ihre männlichen, an den traditionellen Universitäten ausgebildeten Kollegen offizielle Prüfungen abzulegen und als Anwälte vor die Schranken des Staates New Yorks zu treten, Boston habe inzwischen schon vier weibliche Anwälte, ein weiteres Dutzend arbeite in den*

Staaten westlich von Missouri und Mississippi... Vor Jahresfrist hatte man ein Gesuch dieser Kempin ignoriert, und schwups war ein Konkurrenzunternehmen entstanden..." (DW:165)

Repare-se no tom irónico desta passagem para o qual concorre o uso do discurso indirecto, que revela o distanciamento do narrador em relação à opinião dos professores sobre a protagonista. Assim se consegue que no texto transpareça a opinião dos professores universitários opositores a que mulheres possam ser docentes e juristas. Se repararmos na última frase desta citação: "*ein Gesuch **dieser** Kempin*", fica evidente que este termo terá sido utilizado pelos homens que discordavam das ideias de Emily Kempin.

Além da inserção dos texto documentais, técnica de construção da ficção frequente nas obras de Hasler, há também outros elementos de presentificação, referidos por Sudau, na romance *Die Wachsfügel Frau*. A obra é rica em diálogos, seja na forma do discurso directo ou indirecto como no relato de falas, mas também na transmissão de pensamentos e sentimentos.

É notório a atenção que é dada à descrição dos vários cenários, levando-se assim, o leitor a movimentar-se, de forma imaginária, naquele espaço. Repare-se no seguinte exemplo:

Am Landesteg entfernte sie sich rasch von den Passagieren. An den Docks vorbei folgte sie dem Meeressaum, sie ging, ohne auf ihre Schuhe zu achten, knöcheltief im Sand.

Bald waren nur noch gelbe Dünen und das grünlich schäumende Meer um sie. In der Ferne trieb die Südspitze von Manhattan einen Keil in die Wasserfläche. Der Wind hatte sich gelegt, Vögel pickten im Schlick eines einmündenden Flüsschens nach Würmern (DW:149).

É evidente que todo este efeito apenas se consegue devido à situação narrativa. Ao longo da obra notamos a presença de um narrador, a que como Stanzel chamaríamos autoral, narrador este que marca a sua constante presença na narrativa e que também leva o leitor a sentir-se presente na acção. Vejamos o seguinte exemplo, aquando a visita de Emily e os pais a casa da tia Johanna Spyri:

“Die Erwachsenen reden eine Weile über Musik, wohl wissend, dass der Stadtschreiber ein Wagner-Freund ist. In den fünfziger Jahren, als Redaktor an der >Eidgenössischen Zeitung<, ist er oft mit dem in Zürich im Exil lebenden Komponisten im Café Orsini zusammengetroffen und hat seine Werke in Artikeln gefördert. Man weiß aber auch, dass Johanna Wagner nicht ausstehen mag. Sie sagt es frisch heraus: seine Musik ist schwülstig, Schwefelgeruch durchzieht sie....

Man legt das Thema Wagner beiseite. Schmunzelt noch ein bisschen über Johannas >Bergnatur<, ihre Art, sich mit einer eigenwilligen Äußerung in Widerspruch zu ihrem Ehemann zu bringen. Der Ehemann lässt sich nicht provozieren. Schade. Er denkt wohl schon wieder an seine Akten. Mittags bei Tisch soll er einen Stapel Papiere und Zeitungen neben seinen Teller legen, kaum hat er die Suppe gelöffelt, verschanzt er sich hinter den Blättern.

Emily fühlt sich beobachtet, weiß nicht, wohin mit ihren lang gewordenen Beinen.

Wo bleibt denn Cousin Bernhard? fragt sie.

Er spielt im Knabenchor, sonntags wird geprobt. Er sollte aber jeden Moment kommen. Johanna steht auf, stößt einen Fensterflügel auf.

Die Möbel im Raum sind dunkel und schwer mit ihrem gedrechselten Säulen geschweiften Profilen. Ein Zimtgeruch liegt im Zimmer wie von fremdländischen Holz, ja, Jacaranda, sagt Johanna, ihr Bruder Christian Heusser hat Truhen und Schränke aus Brasilien schicken lassen. Durch die Fensteröffnung strömt Seeluft, zwischen Uferbäumen sieht man die Wasserfläche schimmern.

Schade, dass es so kühl ist, sagt Johanna. Sie empfangt Gäste gerne im Rosengarten. Sie wolle ihnen später ihren Rosenweg zeigen, von den Stunden am Schreibtisch erhole sie nichts schneller als ein kleines Gespräch mit Rosen.”
(DW:38)

Nesta passagem a presença do narrador autoral é bem evidente e pode servir como exemplo de muitas passagens no romance. O narrador descreve o cenário, relata os diálogos, utilizando as várias técnicas narrativas, ora utiliza o discurso directo ou indirecto ou até o relato de falas. O narrador tem um saber ilimitado o que se faz sentir pelo acesso que tem aos pensamentos das personagens, assim como pelos comentários que faz, como a título de exemplo, quando diz que o marido de Johanna deve estar a pensar nos seus documentos.

A presença do narrador está bem patente e a forma como descreve a sala, transmitindo o estilo da casa e mesmo o facto de comentar o cheiro a canela que está na sala, leva o leitor a movimentar-se dentro daquela sala, o que é claramente uma técnica de presentificação. No entanto, não podemos esquecer que o narrador, embora por vezes pareça também ele estar presente na sala, não faz parte do mundo das personagens, o seu mundo, caracterizado por mais saber em relação às figuras, está separado do mundo destas por uma “ontische Grenze”, como diz Stanzel (cf. Stanzel, 2001:16).

Porém há também momentos em que se faz sentir a presença de um narrador figural, com uma perspectiva mais estreita e mais próximo de uma figura reflectora.

Há momentos ambíguos no romance no qual o narrador se cola claramente a uma personagem, provocando, assim, incertezas relativamente à voz enunciativa da narração. Repare-se no seguinte exemplo, no oitavo capítulo:

Um seine Ängste zu besänftigen, hat er [Meili] diese Kempin unter seine Fittiche genommen drüben, im Nebenraum seiner Kanzlei, behält er sie unter Kontrolle. So kann er ihren Ehrgeiz zügeln, ihren geistigen Hochmut, der sie angestachelt hat, in eine reine Männerdomäne einzubrechen (DW:175).

Esta passagem é ambígua, uma vez que não se sabe se é a perspectiva de Meili ou a do narrador. Outra técnica muito frequente e que leva a uma distância maior ou menor do narrador é a forma como se refere à protagonista. Veja-se o seguinte exemplo:

Emily war bestürzt. Ohne Aufsehen hätte jeder Absolvent der Hochschule dieser Vertretung übernehmen können, doch der Umstand, dass sie eine Frau war, schien aus dieser Angelegenheit einen Skandal zu machen. (...) Bei der nächsten Sitzung, vierzehn Tage später, lag ein Gesuch der **Frau Dr. Kempin** um Zulassung als Privatdozentin für Römisches Recht vor. (...) Unterdessen hatte **die Kempin** schon drei Stunden des zurückgetretenen Privatdozenten übernommen. Man untersagte ihr weitere Vorlesungen. (...) **Emily Kempin** findet keinen Raum für das Kolleg, die von Dr. Wächter übernommene Vorlesungsreihe wird abgewürgt (DW:177-179).

Ainda outra técnica de presentificação bem patente no romance é o recurso sistemático às perspectivas de diferentes figuras. A protagonista é sem dúvida a personagem que desempenha mais vezes uma função focalizadora, no entanto, há também outras figuras focalizadoras, tais como: Walter Kempin, Johann Ludwig Spyri, Johanna Spyri, o jornalista Curti, o médico Dr. Wolff, o advogado Meili, entre outros.

Todas as figuras são de certa forma porta-vozes de ideias; veja-se a esse propósito a visita a Johanna Spyri no segundo capítulo. Enquanto o pai de Emily, Johann Ludwig Spyri, revela nitidamente ser contra o facto de as mulheres tirarem um curso superior e também mostra o seu desagrado em relação a qualquer tipo de emancipação da mulher, cabendo-lhe o papel de transmitir as ideologias patriarcas da época, já Johanna Spyri revela ser uma mulher mais moderna, transmitindo o pensamento de algumas mulheres burguesas, embora uma minoria, que revelavam uma maior

abertura relativamente à educação das mulheres. Muito embora Johanna Spyri pareça ser uma mulher moderna, deixa inequívoco qual o papel fundamental da mulher:

An der Höheren Töchterschule wird ein Grundkurs angeboten, er lässt dich Sprachvergleiche ziehen mit dem Französischen, Italienischen. So bist du in der Lage, deinen Kindern später bei den Hausaufgaben zu helfen. Die Ausbildung der Frau soll der künftigen Familie dienen, in diesem Punkt gebe ich meinem Schwager Johann Ludwig recht: Der Hausstand ist der einzig würdige Wirkungskreis der Frau (DW:50).

Não podemos esquecer que o papel da mulher como dona de casa detinha uma importância muito grande.

Por fim, gostaria ainda de aludir brevemente à hábil utilização dos monólogos interiores no romance. O narrador recorre algumas vezes ao monólogo interior com o objectivo de retratar o estado psíquico das figuras. É um discurso sem ouvinte que retrata as ideias que desenrolam na consciência das personagens. É notório que os monólogos de Emily são quase todos dirigidos ao pai. Repare-se no monólogo interior quando Emily chega a Nova Iorque:

Ein Meer zwischen uns, Vater. Ich bin weggegangen aus deinem Leben, fort von deiner Eisenbahn, deinen Planungen, Statistiken, Schienen. Ich muss keine Angst haben, dass du mir nachkommst, du Liebhaber des sicheren Bodens, schon eine kleine Schifffahrt auf dem Zürichsee bringt dich aus der Fassung (DW:21).

e ainda no oitavo capítulo quando Emily tem a sua lição inaugural:

Vater, hören solltest du mich, sehen, an diesem 30. Oktober 1890. Die Antrittsvorlesung zur Eröffnung der epochenmachenden neuen Woman's Law Class and der University of the City of New York, im Beisein des Dekans und der Professoren der Fakultät (DW:185).

Por fim, no décimo capítulo, após ter sido apanhada na sua tentativa de fugir da clínica psiquiátrica:

Vater du hast mich mit deinem Blick heruntergeholt. Lange hattest du mich aus den Augen verloren, dann hast du mich entdeckt, hoch oben, ein Punkt zwischen Vogelschwärmen. Du standest da, den Kopf im Nacken, startest hinauf. Zorn über meine Vermessenheit: Wie eine Lanze traf mich dein Blick (DW:226).

Estes três exemplos revelam a tristeza e a angústia que Emily sente porque o pai não lhe dá importância nem valor. Ao mesmo tempo também mostram a ligação que existe entre ela e o pai, apesar de ser uma mulher adulta ainda se nota uma certa dependência.

O último exemplo no décimo capítulo remete ainda para o mito de Ícaro, no qual o pai veste o papel de Dédalo. Tal como este perdeu o filho de vista, também Johann Spyri perdeu a filha do seu olhar.

Hasler constrói assim um texto de grande modernidade no qual não só retrata a figura Emily Kempin-Spyri, mas no qual também mostra o mundo no qual a protagonista viveu, como todos os problemas sociais e económicos da época, mas também com todas os avanços tecnológicos e sociais.

Considerações Finais

Terminado o meu trabalho sobre factos e ficção no romance *Die Wachsfügel Frau* de Eveline Hasler cabe-me agora tirar conclusões do que foi apresentado.

A obra *Die Wachsfügel Frau* não retrata apenas o percurso biográfico da primeira jurista de língua alemã Emily Kempin-Spyri, mas dá também a conhecer a problemática feminina no século XIX. A distribuição dos papéis nas famílias burguesas oitocentistas chega-nos através da família de Emily Spyri. O pai espelha o homem burguês que era o sustento da família e tinha um enorme controlo sobre a mulher e os filhos, enquanto a mãe de Emily, Elise Wild, retrata a mulher burguesa típica obediente ao marido.

No entanto, no romance é também retratado o abandono deste modelo de família nas personagens de Emily e de Walter Kempin. A mulher deixa de ser apenas esposa, mãe e dona de casa e começa a desempenhar, paralelamente, uma actividade profissional, sem, no entanto, descurar as suas obrigações para com a família, mas o seu destino trágico é, apesar de tudo, assustador. De facto, é evidente a denúncia da sociedade patriarcal da viragem do século e fica no leitor a questão acerca da superação da situação de desigualdade da mulher.

Pareceu-me importante fazer no meu trabalho uma breve abordagem à situação da mulher burguesa e ao movimento feminista, uma vez que são questões centrais neste romance de Hasler e lhe servem de pano de fundo.

Dá-se especial atenção ao movimento feminista na Alemanha, salientando Helene Lange que teve de facto um papel decisivo relativamente à educação das raparigas neste país. Também na Suíça o

movimento feminista é a questão principal num país, onde Emily Kempin-Spyri é levada à loucura, e onde a mulher só muito mais tarde atingiu os plenos direitos de cidadania.

Assim sendo, ao longo do romance, toda a problemática da mulher burguesa na Suíça fica bem patente, embora umas vezes mais outras menos explícita, dando-se especial ênfase à questão da problemática da educação das mulheres burguesas que não tinham a possibilidade de desempenhar uma actividade profissional.

Ficou também demonstrado o cuidado que Hasler tem em inserir no romance acontecimentos históricos, oferecendo neste romance uma contextualização socio-económica, não só no espaço suíço como também na Alemanha e nos Estados Unidos da América.

Todos estes factos históricos são entrelaçados com elementos ficcionais, contando-se assim a história de Emily Kempin-Spyri, de uma forma muito próxima do leitor.

Hasler socorre-se para a construção da sua ficção de múltiplas técnicas que permitem fazer de um facto histórico ficção. O uso dos textos documentais, claramente marcados pelos itálicos, revelou-se uma das técnicas mais pertinentes e conferem um grande nível de autenticidade ao texto.

Por outro lado, a forma de narrar por fios narrativos, variando a ordem cronológica dos acontecimentos alia-se a outras técnicas de presentificação para a criação da ficcionalidade.

Importa salientar que Eveline Hasler não pretendeu escrever uma biografia sobre a primeira jurista de língua alemã, mas construir um romance histórico sobre a vida de Emily Kempin-Spyri, e denunciar as limitações das mulheres na sociedade burguesa oitocentista e, eventualmente chamar à atenção para as limitações que as mulheres são

ainda vítimas numa sociedade que constrói um tecto de vidro que limita a sua ascensão para lugares de topo.

Bibliografia

Textos

Halser, Eveline (2003), *Die Wachsflügelfrau – Geschichte der Emily Kempin-Spyri*, München, Deutscher Taschenbuchverlag GmbH & Co. KG, 10. Auflage.

Halser, Eveline (2006), *Anna Göldin – Letzte Hexe*, München, Deutscher Taschenbuchverlag GmbH & Co. KG, 20. Auflage.

Halser, Eveline (2004), *Ibicaba – Das Paradies in den Köpfen*, München, Deutscher Taschenbuchverlag GmbH & Co. KG, 11. Auflage.

Halser, Eveline (2003), *Aline und die Erfindung der Liebe*, München, Deutscher Taschenbuchverlag GmbH & Co. KG.

Estudos sobre Emilie Kempin-Spyri

Delfosse, Marianne (1994), *Emilie Kempin-Spyri (1853-1901) – Das Wirken der ersten Schweizer Juristin – Unter Berücksichtigung ihres Einsatzes für die Rechte der Frau im schweizerischen und deutschen Privatrecht*, Zürich, Schulthess Polygraphischer Verlag.

Estudos sobre a obra de Eveline Hasler

- Dória, Martina (2001), *Utopia e emigração no romance Ibicaba. Das Paradies in den Köpfen de Eveline Hasler*, Dissertação de Mestrado em Estudos Alemães apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Dória, Martina (2003), *Federn, Flügel, Seifenblasen zu Eveline Haslers Roman Die Wachsfügel Frau*, in: Vilas-Boas, (Hrsg.), p. 272-278.
- Hasler, Eveline (2002), *Fakten und Fiktion im historischen Roman*, in: Oliveira, (Hrsg.), p.13-19.
- Heller, Patrick (2002), *Ich bin der, der das schreibt: gestaltete Mittelbarkeit in fünf Romanen der deutschen Schweiz 1988-1993, Hermann Burger, Brenner; Lukas Hartmann, Die Seuche; Eveline Hasler, Die Wachsfügel Frau; Adolf Muschg, Der rote Ritter; Otto F. Walter, Zeit des Fasans*, Basel, Europäische Hochschulschriften: Reihe 1, Deutsche Sprache und Literatur; Bd. 1827.
- Hernández, Isabel/Ofelia Martí-Peña (Hrsg.) (2006), *Eine Insel im vereinten Europa? Situation und Perspektiven der Literatur der deutschen Schweiz*, Weidler Buchverlag.
- Oliveira, Teresa Martins de (Hrsg.) (2002), *Eveline Hasler in Porto. Akten des Workshops über Eveline Hasler in Anwesenheit der Autorin*, Coimbra, Caderno do CIEG, n.º 4.
- (2006), *Von den historischen Fakten zur Fiktion. Tells Tochter. Julie Bondeli und die Zeit der Freiheit – der jüngste Roman von Eveline Hasler*, in Hernández, (Hrsg.), p. 123-133.

Vilas-Boas, Gonalo (Hrsg.) (2003), *Partir de Suisse, Revenir en Suisse – Von der Schweiz weg, in die Schweiz zurück*, Collection Helvetica, Presses Universitaires de Strasbourg.

Estudos sobre a situao da mulher no século XIX

Bornemann, Ernest (Hrsg.) (1982), *Arbeiterbewegung und Feminismus – Berichte aus vierzehn Ländern*, Frankfurt am Main, Verlag Ullstein.

Brinker-Gabler, Gisela (1983), *Die Frauenbewegung im Deutschen Kaiserreich – Die Revolution entlässt ihre Kinder*, in: Drewitz (Hrsg.), 53-75.

Dohm, Hedwig (1994), *Weib contra Weib*, in: Pusch (Hrsg.), 18-33.

Drewitz, Ingeborg (Hrsg.) (1983), *Die deutsche Frauenbewegung – die soziale Rolle der Frau im 19. Jhd. und die Emanzipationsbewegung in Deutschland*, Bonn, Hohwacht Verlag.

Eidgenössische Kommission für Frauenfragen (Hrsg.) (2001), *Frauen-Macht-Geschichte – Zur Geschichte der Gleichstellung in der Schweiz 1848 – 2000*, Bern.

- 1.1 Die Frauenbewegung von ihren Anfängen bis zum Ersten Weltkrieg;
- 2.1 Der lange Weg zum Stimm- und Wahlrecht;
- 2.2 Politische Teilrechte für Frauen in Kantonen und Gemeinden;
- 3.1 Gleiche Rechte für Frau und Mann: Institutionelle Gleichheitspolitik;
- 3.5 Frauen im Zivilrecht: Mündigkeit, Ehe, Scheidung;
- 4.1 Mädchenbildung und Koedukation;
- 4.2 Berufsbildung von Frauen;
- 4.3 Frauen an den Hochschulen.

- Feustel, Adriane (Hrsg.), (1997), *Frauenemanzipation und soziale Verantwortung, Ausgewählte Schriften – Band 1: 1896-1908*, Neuwied, Kriftel, Berlin, Hermann Luchterhand Verlag.
- Frederiksen, Elke (1981), *Die Frauenfrage in Deutschland 1865-1915 – Texte und Dokumente*, Stuttgart, Reclam.
- Gerhard, Ute (1983), *Frauenrecht und Familienrecht seit dem 19 Jhd.*, in: Drewitz (Hrsg.), 125-137.
- Kühne, Thomas (1996), *Männergeschichte als Geschlechtergeschichte*, Frankfurt a. M., New York, Campus Verlag.
- Lange, Helene (1994), „Paten“ der Mädchenbildung, in: Pusch (Hrsg.), 38-46.
- Oliveira, Teresa Martins de (2000), *A mulher e o Adultério nos Romances O Primo Basílio de Eça de Queirós e Effi Briest de Theodor Fontane*, Coimbra, Livraria Minerva.
- Pusch, Louise E. (Hrsg.) (1994), *Handbuch für Wahnsinnsfrauen*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Taschenbuch Verlag.
- Salomon, Alice (1997), *Zur Geschichte der Frauenbildung*, in Feustel, pp. 190-194.
- Schwanitz, Dietrich (1999), *Bildung, Alles was man wissen muss*, Frankfurt am Main, Eichborn Verlag, pp. 379-391.
- Woodtli, Susanna (1983), *Gleichberechtigung – Der Kampf um die politischen Rechte der Frau in der Schweiz*, Frauenfeld, Verlag Huber.
- Woolf, Virginia (1994), *Berufe für Frauen*, in: Pusch (Hrsg.), 144-153.

Estudos sobre teoria narrativa

- Cohn, Dorrit (1978), *Transparent Minds. Narrative Modes for presenting Consciousness in Fiction*, Princeton, Princeton University Press.
- Fulda, Daniel/Silvia Serena Tschopp (Hrsg.) (2002), *Literatur und Geschichte. Ein Kompendium zu ihrem Verhältnis von der Aufklärung bis zur Gegenwart*, Berlin, New York: de Gruyter.
- Genette, Gérard (1972), *Figures III*, Paris, Éditions du Seuil.
- Iser, Wolfgang (1975), *Die Wirklichkeit der Fiktion – Elemente eines funktionsgeschichtlichen Textmodells*, in: Warning (Hrsg.), p. 277-324.
- Nünning, Ansgar (2002), *Von der fiktionalisierten Historie zur metahistoriographischen Fiktion: Bausteine für eine narratologische und funktionsgeschichtliche Theorie, Typologie und Geschichte des postmodernen historischen Romans*, in: Fulda (Hrsg.), p. 541-565.
- Reis, Carlos/Ana Cristina Lopes (2002), *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Livraria Almedina, 7.^a Edição.
- Silva, Vítor Manuel de Aguiar e (1997), *Teoria da Literatura*, Coimbra, Livraria Almedina, 8.^a Edição.
- Stanzel, Franz (2001), *Theorie des Erzählens*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 7. Auflage.
- Sudau, Ralf (1985), *Werkbearbeitung, Dichterfiguren: Traditionsaneignung am Beispiel der deutschen Gegenwartsliteratur*, Tübingen, Niemeyer Verlag.
- Warning, Rainer (Hrsg) (1975), *Rezeptionsästhetik. Theorie und Praxis*, München, UTB.
- Wegner, Regina (2001), *Erzählte Geschichte. Literarische Geschichtsdarstellung – ihr Verhältnis im Erscheinungsbild dreier*

repräsentativer Beispiele des 18., 19. und 20. Jahrhunderts, Berlin, Weidler Buchverlag.

Wellek, René/Austin Warren (1976), *Teoria da Literatura*, Sintra, Publicações Europa-América.

Estudos vários

Amâncio, Lúcia (2003), *Implicações teóricas e epistemológicas dos estudos de género para a teoria feminista*, in: *Faces de Eva*, N.º 9, pp. 29-34.

Duarte, Maria de Jesus (2000), *Um Quarto que seja seu, através do olhar crítico de Manuela Porto e Isabel Barreno*, in: *Faces de Eva*, N.º 4, pp.105-122.

Esteves, João (2004), *A primeira eleitora portuguesa Carolina Beatriz Ângelo (1877-1911)*, in: *Faces de Eva*, N.º 11, pp.151-164.

FE.CEM-UNL, *Revista Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*. Lisboa, Edições Colibri, n.º 11, 2004.

FE.CEM-UNL, *Revista Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*. Lisboa, Edições Colibri, n.º 9, 2003.

FE.CEM-UNL, *Revista Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*. Lisboa, Edições Colibri, n.º 8, 2002.

FE.CEM-UNL, *Revista Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*. Lisboa, Edições Colibri, n.º 4, 2000.

Fernandes, Rogério (2003), *Estratégias de ironia e de sarcasmo conta a educação feminina em Portugal (séculos XVIII/XIX)*, in: *Faces de Eva*, N.º 9, p.13-27.

Gilligan, Carol (1997), *Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher*, Lisboa, Serviço de Educação, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 203-234.

Jaeckle, Erwin, Stüble, Eduard (Hrsg.), (1990), *Grosse Schweizer u. Schweizerinnen – Erbe als Auftrag. Hundert Porträts*, Th. Gut & Co Verlag, p. 336-340.

Paiva, Maria Amélia (2004), *Igualdade de género. Situação das mulheres. O papel da Comissão para a igualdade e para os direitos das mulheres*, in: Faces de Eva, N.º 11, p.115-119.

Vaquinhas, Irene (2000), *Breve reflexão historiográfica sobre a história das mulheres em Portugal: o século XIX*, in: Faces de Eva, N.º 3, p.81-101.

Vicente, Filipa (2002), *Barbara Leigh Smith Bodichon (1827-1891). Uma pioneira do feminismo e a sua geração*, in: Faces de Eva, N.º 8, p.55-66.

Artigos em jornais e revistas

Sobre Emilie Kempin-Spyri e Walter Kempin

A.S, “Der Sonne zu Nahe”, Emma, Nr. 12, Dezember 1991.

Berneike, Christiane, “Juristin entmündigt”, Die Tageszeitung, Nr. 3585, 14. Dezember 1991.

Friedl, Marcel, “Walter Kempin – verkannter Gründer des SRK”, in: Magazin des schweizerischen Roten Kreuzes – Spezial 2006, 140 Jahre SRK – Historische Spotlichter, p. 4.

Kempin, Walter Junior, “Die erste Schweizerische Juristin”, Neue Zürcher Zeitung, Nr. 1337, 1. Oktober 1923.

Knorr-Anders, Esther, “Depesche des Unheils” Die Welt, Nr. 297, 21. Dezember 1991.

- Obermüller, Klara, "Vom Versuch, allen alles zu sein", Die Weltwoche, Nr. 34, 22. August 1991.
- P.M, "Gebrochener Flügel" Der Schweizer Buchhandel, Nr. 11, 18. Juni 1997.
- S/n, "Geschichte der ersten Juristin der Schweiz, Emily Kempin-Spyri. Vom Versuch, allen alles zu sein", Die Weltwoche, Nr. 34, 22. August 1991.
- Schwarz, Ingrid, "Ein bewegendes Porträt", Buchreport, Nr. 40/41, 3. Oktober 1991.
- Strech, Heiko, "Viele Väter sind der Tochter Tod: Das Ende einer Existenzlosen", Rheinische Post, Nr. 273, 23. November 1991.
- Villain Jean, "Schwester des Ikarus", Neue deutsche Literatur, Heft 477, September 1992.
- Valsangiacomo, Enrico, "Walter Kempin – ein vergessener Rotkreuz-Pionier", Actio, Nr. 10, Oktober 1988, p.21-23.
- Yashiki, Jiro Rei, "Emilie Kempin-Spyri (1853-1901) – Eine Skizze des Lebens und Werkes der ersten promovierten Juristin Europas", in: Hitosubashi Journal of Law and Politics, n. 33, p.7-17.

Sobre a autora Eveline Hasler e as suas obras

- Bausinger, Brigitte, "Advokatin der Außenseiter. Die historischen Romane von Eveline Hasler", EVKOMM, März 1994.
- Beckmann, Gerhard, "Menschlin von sieben Jahren ward im Thurm an einem erwürgt", Die Welt, Nr. 190, 16. August 1997.
- Birrer, Sibylle, "Das ausgeleierte Strickmuster - Eveline Hasler beschreibt das Liebesleben von Aline Valangin", Neue Zürcher Zeitung, Nr. 6, 9. Januar 2001.

Ferchl, Irene, "Gefährliche Träume «Die Vogelmacherin» - Eveline Hasler über Hexenkinder", Stuttgarter Zeitung, Nr. 263, 14. November 1997.

- "Es gibt nichts Fantastischeres als die Wirklichkeit", Stuttgarter Zeitung, Nr. 226, 28. September 2002.

Hasler, Eveline, "Tempel voll beschmutztem Papier", Bibliothekswelten, Bulletin Oktober 1995.

Kirsch, Hans Christian, "Reise ins Paradies", Die Zeit, Nr. 37, 6. September 1985.

Kübler, Gunhild, "Gegenwart im Spiegel der Geschichte. Eveline Haslers Roman «Der Riese im Baum»", Neue Zürcher Zeitung, Nr. 212, 13. September 1988.

- "Zeitreise zu einem Denkmal. Eveline Haslers Roman über Henry Dunant", Neue Zürcher Zeitung, Nr. 209, 9. September 1994.
- "Wenn der Teufel mit Kindern schläft", Die Weltwoche, Nr. 35, 28. August 1997.

Ledanff, Susanne, "Der Rütlichschwur in Brasilien", Süddeutsche Zeitung, Nr. 233, 9. Oktober 1985.

M., Stephan, "Eveline Hasler »Ich bin eine Fetischistin des Ortes«", Traces, Hiver 1999/2000.

Mack, Gerhard, "Der gute Mensch aus Genf. Eveline Hasler Roman über Henry Dunant", Süddeutsche Zeitung, Nr. 244, 23. Oktober 1994.

Matt, Beatrice von, "Laudatio zur Verleihung des Justinus-Kerner-Preises der Stadt Weinsberg an Eveline Hasler", 18. September 1999.

Meidinger-Geise, Ingrid, "Aus der Chronik des Aufbruchs", Luxemburger Wort, 23. Januar 1992.

Nickel, Gunther, "Literatur als Obstkuchen", Die Welt, Nr. 252, 28. Oktober 2000.

Obermüller, Klara, "Frauen, von ihrer Zeit nicht vorgesehen", St. Galler Tagblatt;

- "Unsre Sehnsucht nennt man Wahn und Traum!", Laudatio auf Eveline Hasler anlässlich der Verleihung des Meersburger Droste Preises am 29. Mai 1994.
 - "Grenze des Literarisierens", Die Weltwoche, Nr. 40, 6. Oktober 1994;
 - "Schillernde Seifenblase", Die Weltwoche, Nr. 37, 12. September 1985;
- S/n, "Ein Lokalmärchen. Eveline Hasler liest", Stuttgarter Zeitung, Nr. 211, 12. September 1988.

S/n, "Fußnoten der Geschichte", Börsenblatt, Nr. 7, 23. Januar 1998.

Schönborn, Felizitas, "Ich bin zwischen den Wörtern zu Hause – Eveline Hasler im Gespräch mit Felizitas Schönborn", Schweizer Monatshefte, Heft 3, März 2003.

Strech, Heiko, "Ruhm, Flucht vor den Gläubigern und bitterste Armut", Rheinische Post, Nr. 246, 22. Oktober 1994.

- "Teppich aus Tatsachen und Mutmaßungen", Rheinische Post, Nr. 296, 20. Dezember 1997.

SVS, "Riesin und Katzenfest", Börsenblatt, Nr. 74, 13. September 1996.

Sobre a educação e o movimento feminista

Hertach, Ruedi, "»Die Kinder können in eine Fabrik eintreten« – Der gescheiterte Versuch einer Glarnerischen Schulreform vor 100 Jahren", Südostschweiz Presse AG, 2001.

Marszk, Doris, "Helene Lange", Süddeutsche Zeitung, Nr. 28, 29. März 1998.

S/n, “100 Jahre Gymnasium für Mädchen”, Zürcher Oberländer, 29. September 2004.

Vieira, Maria Manuela (1993), “Letras, artes e boas maneiras: a educação feminina das classes dominantes”, in: *Análise Social, Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Quarta Série, Volume XXVIII, Número 120*, Viseu, Tipografia Guerra.

Zemp, Beate, “Der lange Weg zur Bildung Schweiz“, *Bildung Schweiz – Zeitschrift des Dachverbandes Schweizer Lehrerinnen und Lehrer*, Nr. 6, 30. Mai 2006.

Textos da internet

Blackstone, William, “Blackstone’s Commentaries on the laws of England, Book the First – Chapter the Fifteenth: Of Husband and Wife”
<http://www.yale.edu/lawweb/avalon/blackstone/bk1ch15.html>

Campato, João Adalberto Jr. (2004), “Sobre Narratologia: Entrevista com Carlos Reis – publicado na revista de Estudos Literários, Volume 4 de 2004, <http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroja>

Cove, Anne (1998), “Feminismo o que é? - Uma abordagem histórica”,
<http://www.umarfeminismos.org/feminismos/docs/textosemmovfem.html>

IDiMuzio, Elena (2004), “Dr. Emily Kempin – Women in the legal profession”,
<http://www.womenslegalhistory.stanford.edu>

Greene, Mary A. (1894), “Legal Condition of Women in 1492-1892”,
 Chicago, Monarch Book Company,
<http://digital.library.upenn.edu/women/eagle/congress/greene.html>

Grunder, Hans-Ulrich, “Primarschule – Von der Aufklärung bis 1848”,
<http://hls-dhs-dss.ch/textes/d/D10402-1-2.php>

- Moore, Jacqueline (2000), "Die Geschichte des politischen Stimmrechts der Frauen in der Schweiz seit der Französischen Revolution bis zum Ersten Weltkrieg",
<http://www.cx.unibe.ch/~ruetsche/schweiz/StimmrechtFrauen.htm>
- Schneider, Corinna, "Die Anfänge des Frauenstudiums in Europa. Ein Blick über die Grenzen Württembergs",
<http://www.uni-tuebingen.de/frauenstudium>.
- S/n, "Friends and Allies of Dr. Emily Kempin and the Women's Legal Education Society", <http://www.law.stanford.edu>
- Tavares, Manuel (1998),), "Correntes do Feminismo",
<http://www.umarfeminismos.org/feminismos/docs/textosemmovfem.html>
- Wallraven, Miriam, "Die Petitionspolitik der bürgerlichen Frauenbewegung – Mathilde Weber und Helene Lange",
<http://www.uni-tuebingen.de/frauenstudium>
- Zetkin, Clara (1979), *Zur Geschichte der proletarischen Frauenbewegung Deutschlands*, Frankfurt am Main, pp. 146-152.
<http://www.marxistische-bibliothek.de/zetkin6.html>

Apêndices

Neue Zürcher Zeitung

Edien wird nicht aus Mitleid manches Tier, damit es nicht länger leiden müsse? Protestieren nicht unsere Tierschutzvereine dagegen, wenn z. B. ein Pferd, das durch Unfall schwer verletzt ist,

*) Vergl. „R. Z. 3.“ Nr. 465 vom 7. Rp. 1923: „Aus dem Gerichtssaal“.

Primeiro número da revista *Frauenrecht*

1892

N^o 1

1892

erschient alle 14 Tage.

Redigirt von Frau Dr. jur. Emilie Kempin.

Beilage zu No. 304 der „Züricher Post“.

Frauenrecht.

Zürich, den 25. Dezember.

Unser Programm.

Anlässlich der vom Bundesrath erteilten Aufträge betreffend Ausarbeitung eines einheitlichen Zivilgesetzbuches für die Schweiz hielten einige Frauen den Zeitpunkt für gekommen, in welchem die berechtigten Fraueninteressen nicht nur gelegentlich, sondern systematisch und andauernd zur öffentlichen Besprechung gebracht werden sollten.

Die diesbezüglichen Verhandlungen haben zu dem gegenwärtigen Arrangement mit der „Züricher Post“ geführt, wonach die letztere alle 14 Tage eine Beilage unter dem Titel

„Frauenrecht“

herausgibt, deren Redaktion aber eine völlig selbständige und unabhängige ist.

Unseres Erachtens bedeutet das Entgegenkommen der „Züricher Post“ für die Frauen einen großen Fortschritt; wir hoffen, die Freunde zu bestärken, die Laizen zu interessieren, die Gegner zu überwinden, wenn den Frauen Gelegenheit geboten wird, ihre Ansichten und Wünsche in einer politischen Zeitung von der Bedeutung der „Züricher Post“ zum Ausdruck zu bringen. Wir glauben dadurch ein Leserpublikum zu gewinnen, welches die separat erscheinenden Frauenzeitungen in der Regel nicht liest und die Begehren und Anschauungen des weiblichen Theils der Bevölkerung deshalb nicht kennt.

Das Frauenrecht stellt sich die Aufgabe:

1. Die Bestrebungen und Thätigkeit der Frauen an Hand der Tagesgeschichte zu besprechen.
2. Das Verantwortlichkeitsgefühl der Frauen für die Aufgaben der Gegenwart zu wecken und den Geist der Solidarität unter den Geschlechtsgenossinnen zu beleben.
3. Die Mitarbeit der Frau auf allen Gebieten menschlicher Bestrebungen zu rechtfertigen und dadurch die Früchte zu zeitigen, welche eine gemeinsame Arbeit von Mann und Frau im Staatshaushalte hervorbringen muß.
4. Vor Allem aber der Würde der Frau als Gattin und Mutter im Privatrecht zum adäquaten Ausdruck zu verhelfen.

Die Redaktion.

Primeira página da revista États-Unis D'Europe, publicada pela *Internationale Friedens- und Freiheits-Liga*, de 1868 (verão francesa e alemã)



Primeiro jornal feminino publicada na Suíça em 1881



Artigo de Meta von Salis publicado no dia 1 de Janeiro de 1887

Beilage der „Züricher Post“.

N. 1

Zürich, Samstag, den 1. Januar

Regerische Neujahrsgebanten einer Frau.

Eine unserer geehrten Leserinnen sendet uns den folgenden Artikel und wünscht dessen Abdruck. Er ist zu gut geschrieben, als daß wir so ungerecht wären, ihn abzulehnen; aber in der That sind seine „Neujahrsgebanten“ „regerisch“. Uns selbst liegen schon so viele Fragen auf der Seele, daß man es begreifen wird, wenn wir nicht auch die hier unter Anderem behandelte etwas zur Unruhe machen. Dagegen lassen wir die „Züricher Post“ immer gern ein Sprechsaal freier Meinungen sein, auch für und über die Frauen.

Energische Denker und große Gedanken sind den meisten Menschen deshalb so verhaßt, weil sie Zumuthungen gerade an ihr ernstestes Denken stellen, — also unbequem sind. Mit dem bestehenden Religions- und Staatssystem hat man sich auseinanderzusetzen, das heißt man ist bereit, seine Vortrefflichkeit auf eigene Rechnung zu nehmen, weil es den behaglichen Frühlingsstisch, den gewohnten Mittagschmalz, das auswendig gelernte Handbuch, die ererbte soziale Stellung gewährt. Ein großer Gedanke, wenn er neu ist, — es gibt unendlich große Gedanken, die als solche nicht altern, wohl aber nicht verhindern, daß die an sie angelagerten Verhältnisse veränderten, — bedeutet immer Veränderung. Im Hintergrund derselben warten neue Religionen, andere Staatsgebilde, selbst verjüngte Moralien.

Die Tagesgötter von heute mit ihrem Gefolge setzer Asofuten sind begraben und vergessen in fünfzig, hundert Jahren; das Licht der Sterne, das zu hoch und ferne strahlte für unsere Augen, trifft voll und mächtig unsere Nachgeborenen. Freilich beginnt dann auch mit ihm jene fabe Abgötterei, der das dümmste Jüngferchen und der eitelste Fant sich nicht entzieht, weil sie Mode ist und von der sich frei zu halten abermals für Sünde gilt. Aber es gehen auch dann wieder reinliche Denker abwärts und schöpfen aus der Tiefe unerschöpflicher Eigenart das Evangelium für die kommenden Geschlechter. Und der Haß und Neid der Zeitgenossen — ganz im Gegensatz zu ihrer Ansicht — kann selbst des Propheten Rettung sein, denn er legt zwischen ihn und sie eine breite giftige Dufschicht, in der er nicht athmen kann und von der er hinwegflieht auf immer höhere Höhen, zu immer freieren Ausblicken, bis man von ihm sagen kann:

Ja, neidlos blüht er und ihr loht ihn drum.
Er sieht sich nicht nach euren Ehren um,
Er hat des Abers Auge für die Sterne,
Er sieht euch nicht, er sieht nur Sterne, Sterne.

Und ist nicht das die höchste und heiligste Menschenliebe: zu leiden um das geistige Glend, die intellektuelle Lügenhaftigkeit seiner Mitsterblichen, obgleich sie ihr Glend, ihre Schmach noch glücklich macht? Erkennt doch der wahrhaft Weiße, daß die Frist eine kurze ist!

Man überseht nichts aus einer fremden Sprache, ohne daß das Original verliert, verwirrt sich keine Ideale, ohne daß es aufhört, ideal zu sein, lebt keine Lehre, ohne sie für Konzeptionen an das Leben zu gewinnen. Chacun ides pour réussir doit faire des sacrifices. Der Bildhauer bedarf des Sammers und Meißels und eines spröden oder zu nachgiebigen Materials, um seine Kunstwerke zu gestalten; der Mensch, der die allgemeinen Zustände der Menschheit veredeln möchte, hat zu Stoff und Werkzeug Menschen, dieselben Wesen, die einem Bruder zürnen, weil, ihn verstehen, schärfer denken heißen würde. Darf man da seine Hoffnungen sehr hoch spannen? Oder soll man hochmüthig schweigen? Ich denke, das ist Sache des Einzelnen mit seinem Pflichtgefühl zu entscheiden.

Weit davon entfernt, besonders entzündet zu sein von den Leistungen und Strebungen schweizerischer Frauen im Großen und Ganzen und viel zu mißtrauisch, ob sie eigentlich wissen, was sie wollen sollten oder wollen, kann es mir nicht bekommen, die erweiterten Rechte, für die ich sie gerne eintreten sähe, auf Grund ihrer Verdienste zu verlangen. Aber ich frage: Wie oft in der Weltgeschichte sind vergangene Klassen in Folge davon Volkbürger geworden, daß sie ihren bisherigen Herren mündig erschienen? Wie viele „regimentsfähige“ Krieger haben die Unterthanen zur politischen Frei-

heit erzogen? Vielleicht unsere Vorfahren? Ist es nicht vielmehr allerorten so zugegangen, wie ein Mitglied des Parlaments es einmal für England zugab, daß man der Gewalt, physischer oder moralischer, widersteht bis die Freien die Unfreien zum richtigen Gebrauch der Freiheit erzogen haben, heißt darauf warten, daß der Mensch nicht mehr Mensch sei.

Von den vielen Fragen, welche die Gleichstellung der Frau mit dem Manne mit sich bringt, habe ich am längsten gezögert diejenige zu bejahen, welche sich auf ihre bürgerlichen Rechte — die Pflichten gestellt man ihr ja bereitwilligst zu — bezieht. Um so rückhaltloser bejahe ich sie jetzt nach jeder Seite hin. Stimmrecht und Wahlsfähigkeit (aktiv und passiv) kommt ihr zu. Ueberall muß der Vertreter ihrer Ansprüche Zutritt haben: in der Verwaltungs-, Gesetzgebungs- und Gerichtsbehörde. Und wenn man im Bereich der Pflichten immer mit Wohlgefallen den Umstand betont, daß die Frau weder wehrfähig noch -pflichtig sei, warum hilft man diesem Mangel nicht ab? Der verheiratheten Frau, ohne welche der Staat überhaupt weder Bürger noch Soldaten hätte, wird man billig eine Leistung nach dieser Seite hin nicht auferlegen können. Aber was hindert, die unverheirathete entweder für das Sanitäts- und Verwaltungswesen zu verpflichten und zu unterrichten oder sie zur Militärpflichtersatzsteuer heranzuziehen? Wo ihr Geld in's Spiel kommt, pflegt man so wie so nicht viel Schonung für ihre „Schwäche“ an den Tag zu legen, als da, wo sie allenfalls über Mitverwendung ihrer Steuerquote ein Wort sprechen könnte. Bestenfalls und bestmögliche Männer bestimmen das Wozu und Wieviel der Steuerumlage, Frauen, gleichviel ob begütert oder nicht, haben da keine Stimme, obgleich oft ein bedeutender Theil aus dem Beitrag der Erkeren Anstalten und Einrichtungen zu Staaten kommt, von denen keine ausgeschlossen sind. Kein Wunder, daß die Gerechtigkeit blind ist.

„Im Zweifel“, sagte man mir neulich, „wird bei uns der Richter von zwei streitenden Parteien derjenigen des armen Mannes Recht geben. Frage: Würde das Mämlche der Fall sein, wenn der arme Mann politisch mundtot wäre? Die Geschichte anderer Länder in der Gegenwart, unferes eigenen in nicht allzu entfernter Vergangenheit erspart mir die Antwort. Die Moral aber lautet für uns: Im Zweifel wird der Richter von zwei streitenden Parteien dem Mann Recht geben, — vorausgesetzt, daß nicht die Männer verwandtschaft der Frau in's Gewicht fällt . . . , denn die Frau hat in Rath und Recht keine Stimme.

Wenn die Frau Staatsbürgerin im weitesten Sinne des Wortes wäre, könnten Antiquitäten, wie sie zum Beispiel der Kanton Zürich in seinem Erbrecht (der Sohn erhält vom väterlichen Vermögen $\frac{1}{2}$ mehr als die Tochter) aufbewahrt, sich ferner halten? Würde die Mutter nicht für fähig, nein, für erbberechtigt erklärt werden, Vormünderin ihrer Kinder zu sein?

Erwägungen solcher Art haben mit der Zeit zu meinem Ja geführt. Gewiß, es fehlt unseren Frauen an matter-of-fact; sie huldigen der Abstrakte und entbehren des Ueberblicks, weil wir vom Kleinsteitstam befangen. Aber die der besseren Stände, oder jene, welche Tag für Tag heroisch den Kampf um's Dasein führen, können doch nicht weniger Urtheil haben als der 17jährige Fabrikarbeiter oder Gürtnerbursche. Was ihnen fehlt, ist die Gewandtheit, welche allein die Uebung mit sich bringt, sind die weiten Horizonte, welche sich nur im Anblick des Großen erschließen. Unsere heutige Weltordnung ist überdies kein Kunststück, auf welches die Männer stolz zu sein Ursache hätten; Schaden kann es nicht, wenn feinere Finger sich einmal mit dem Nachwerk beschäftigen.

Unser Jahrhundert ist alt geworden und das Alter ist der Jugend gram. Wohl möglich, daß wir die Anerkennung unserer politischen Rechte erst dem künftigen abgewinnen. Je mehr Vorarbeit geschehen sein wird, je besser für Alle!

Meta v. Salis-Marxflins.

Primeira página da queixa de direito público elaborada por Emilie Kempin ao Tribunal Federal

SCHW. BODENGERICHT

ENSCON¹ / MCTON¹
 Als das hohe Bundesgericht der schweizerischen
 Eidgenossenschaft.

Herr Präsident!
Hochgeachtete Herren!

Gegen das vom Tit. Bezirksgericht Zürich unter dem
24. November 1856 erlassenen Befehl (Beleg 1) so wie die
Antragseinstellung nach den Bestimmungen des § 174 des Gesetzes
betreffend die zürf. Aufhebung von der Verwaltung Dritter im
Einschluss der Angehörigen, welche ist gemäß Art. 59 lit. a des
Bundesgesetzes über die Organisation der Bundesverfassung beim
f. Bundesgericht. Befehlende mit folgendem Grund:

- 1) Der Geburt & der Verschickung Zinsfortschreibung, habe ich nach
bestimmtem Naturhistorischen (Beleg 2) mit Einwilligung
& ein volles Kenntniss meines Museums seit dem Winter-
semester 1884 an der Zinsfortschreibung, juristischen Studien
abgegeben (Beleg 3) & habe ich nach erlangtem Ausweis über
dieselben mit der Naturhistorischen zu verbinden.

Ausblick einer Prozeßphase meines Darzels in Dittföhrer Leben
ff. 1911. Ich bin in Dittföhrer nur Genist vertrieben worden, wurde
aber von der F. B. G. fünf von der F. B. G. gemaßigt mit der
Begründung, der Abkündigung, der einzigen Begründung, welcher die
zünf. Prozeßordnung zur Begründung der Abkündigung entfällt,
kann mir nicht zu.

